ALMANACH
DO
TICO-TICO
1917

ALMANACH
d'O Tico-Tico
PARA
1917

MAIO

5° mez do anno — Tem 31 dias

1—Terça—Santos Felippe e Thiago Menor (*Apostolos*). Amador, Aprigio, Segismundo e Theobaldo.
2—Quarta—Santos Athanasio, Felix, Rachilde e Mafalda (*Infanta portugeza*).
3—Quinta—*Festa Nacional. Invenção da Santa Cruz.* Santos Alexandre, Antonino e Juvenal.
4—Sexta—Santos Floriano, Monica, Pelagia e Christovão de Milão.
5—Sabbado—*Conversão de S. Agostinho.* Santos Angelo, Hilario e Pio V (*Papa*).
6—DOMINGO—MATERNIDADE DE NOSSA SENHORA. Santos João, *ante portam latinam*, João Damasceno, Benedicta e Judith.
7—Segunda—*Nossa Senhora do Resgâte.* Santos Augusto. Estanisláu, Flavia e Gisella.
8—Terça—*Appariçãod e S. Miguel Archanjo.* Santos Celerino, Desiderio e Victor.
9—Quarta—*Trasladação de S. Nicoláu.* Santos Gregorio Nazianzeno e Branca.
10—Quinta—*Nossa Senhora dos Desamparados.* Santos Antonino, Aureliano, Epimaco, Gordiano, Hermes e Martim de Leonissa.
11—Sexta—Santos Anastacio, Florencio, Francisco de Girolamo, Hamede e Theodoro.
12—Sabbado—Santos Achileu, Domingos da Calçada, Epiphanio, Nereu, Domitilla e Joanna.
13—DOMINGO—*Festa Nacional. Nossa Senhora dos Martyres.* Santos Mucio, Pedro Regalado. Gervasio, Glyceria, Rolanda e Alyberto de Bergamo.
14—Segunda—ROGAÇÕES. Santos Bonifacio, Gil, Aglaia. Justina e B. Francisco de Fabriano.
15—Terça—ROGAÇÕES. Santos Indaleto e Comps., Isidro (*Padroeiro de Madrid*), Roberto, Simplicio, Torquato, Bertha, Dionisia e Egydio.
16—Quarta—ROGAÇÕES. Santos Honorio, João Nepomuceno, Ubaldo e Germana.
17—Quinta—*Dia Santificado*—ASCENSÃO DO SENHOR. Santos Bruno, Paschoal Bailão, Possidonio, Tropez e Restituta.
18—Sexta—Santos Eurico (*Rei da Suecia*), Felix de Cantalicio, Venancio e Julieta.
19—Sabbado—Santos Cyriaco, Ivo, Pedro Celestino e Prudenciana.
20—DOMINGO—Santos Basilio. Bernardino de Senna, Plantilio e Colomba de Rietto.
21—Segunda—Santos Manços (1º *Bispo d'Evora*), Theobaldo e Virginia.
22—Terça—Santos Ato, Romão, Emilia, Helena, Julia. Quiteria e oito irmãs (*Portuguezas*) e Rita de Cassia.
23—Quarta—*Apparição de S. Thiago* SS. Basilio, Desiderio. Catharina de Cordova e Sophia.
24—Quinta—*Nossa Senhora Auxiliadora.* Santos Claudio, Donaciano, Melicio, Afra e Suzana. *Trasladação de São Domingos.*
25—Sexta—Santos Bonifacio IV (*Papa*), Gregorio VII (*Papa*), Urbano (*Papa*), Maria (*Mãi de S. Thiago*) e Maria Mgadalena de Pazzi.
26—Sabbado—Santos Agostinho (*Arcebispo de Cantuaria*), Eleuterio e Felippe Nery.
27—DOMINGO—PENTECOSTES OU PASCHOA DO ESPIRITO SANTO. Santos Beda, Eutropio, Hildeberto, João (*Papa*). Julio, Olivio e Ranulpho.
28—Segunda—Santos Germano, Gregorio VII (*Papa*), Guilherme e Justo.
29—Terça—Santos Cyrillo, Maximino, Procopio, Restituto e B. João do Prado.
30—Quarta—TEMPORAS. Santos Basilio, Fernando (*Rei de Castella*) e Emilia.
31—Quinta—Santos Cancio, Petronilha e Diogo Salomonio.

Ha, neste mez, seis dias feriados, que são: quatro Domingos e duas Festas Nacionaes.

No dia 3 commemora-se o descobrimento do Brazil, pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, no anno de 1500.

No dia 13 commemora-se a assignatura da lei, que, no anno de 1888, acabou com a escravatura no Brasil.

JUNHO

6° mez do anno — Tem 30 dias

1—Sexta—TEMPORAS. Santos Firmo. Fortunato, Pamphilio, Secundo, B. Jayme de Strepa e Sabina.
2—Sabbado—TEMPORAS. Santos Erasmo, João de Ortega, Marcellino de Jesus, Pedro, Pothino, Blandina e Baptista Varani.
3—DOMINGO—SANTISSIMA TRINDADE. Santos Cecilio, Ovidio, Clotilde (*Rainha de França*), Paula e André de Hyspelo.
4—Segunda—Santos Alexandre, Francisco Laracciolo e Saturnina.
5—Terça—Santos Bonifacio, Felippe e suas quatro filhas, Marciano, Sancho, Heloisa, Valeria e Pacifico de Ceredano.
6—Quarta—Santos Claudio, Filippe de Cesarea, Norberto, Candida e Paulina.
7—Quinta—COMMEMORAÇÃO SOLEMNE DO SACRATISSIMO CORPO DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. Santos Gilberto, Paulo, Pedro Wistremundo e seus comp., e Roberto.
8—Sexta—Santos Cloud, Médard, Salustiano, Severino, Calliope e Bartholomeu Pucci.
9—Sabbado—Santos Feliciano, Julião, Paulo da Cruz, Primo, Ricardo, Feliciana e Pelagia.
10—DOMINGO—Santos Crispulo, Evremundo, Landry, Restituto e Margarida (*Rainha da Escossia*).
11—Segunda—Santos Barnabé, Fortunato, Adelaide, Basilida e Rosalina.
12—Terça—Santos Adolpho, Guido, Olympio, Onofre. João de Sahagunto e Antonina.
13—Quarta—*S. Antonio de Lisboa e de Padua.* Santos Aquilina e Felicidade.
14—Quinta—Santos Basilio Magno (*Bispo e doutor da Igreja*), Eliseu (*Prophcta*) e Valerio.
15—Sexta—FESTA DO SACRADO CORAÇÃO DE JESUS. Santos Abrahão, Constantino, Modesto, Vito Crescencia e Germana.
16—Sabbado—*Nossa Senhora do Soccorro.* Santos Aureliano e João Francisco Regis.
17—DOMINGO—NOSSA SENHORA MÃI DE DEUS E DOS HOMENS. Santos Anatolio, Bonifacio, Ismael, Manuel e seus irmãos, Nicandro. Rainero, Alina e Thereza (*de Portugal, rainha de Leão*).
18—Segunda—Santos Agostinho, Amandio. Leoncio, Marcellino. Marcos e Marina.
19—Terça—Santos Dié, Gervasio, Protasio e Juliana de Falconeri.
20—Quarta—Santos Banifacio. Macario. Novato, Romualdo, Sylverio (*Papa*) e Florentina.
21—Quinta—Santos Albano, Euzebio, Lanfredo, Luiz Gonzaga, Pelagio. Raul e Demetria. *Começa o inverno.*
22—Sexta—Santos Paulino e sua mulher, a B. Thereza, e Filippe de Placencia.
23—Sabbado—Santos Jayme, Agrippina e Adeltrudes (*Rainha da Bretanha*).
24—DOMINGO—*Pureza de Nossa Senhora.* NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA. Santos Colomba e Materna.
25—Segunda—Santos Guilherme. Prospero, Salomão, Febronia, Lucia e Oroxia.
26—Terça—Santos Anthelmo, João e Paulo, Pelaio e Maxencia.
27—Quarta—Santos Adelino. Benevenuto, Fernando, Ladisláu (*Rei da Hungria*) e Zoilo.
28—Quinta—Santos Irineu, Leão II (*Papa*), Beneigna e Marcella.
29—Sexta—*Dia santificado.* S. Pedro e S. Paulo (*Apostolos*).
30—Sabbado—S. Marçal. *Conversão de S. Paulo.* Santa Emiliana.

Ha, neste mez, cinco dias feriados, que são: quatro domingos e um dia santificado.

Ha um eclypse do Sol, no dia 19 d'este mez.

1—DOMINGO—PRECIOSISSIMO SANGUE DE JESUS. Santos Aarão, Casto, Julio, Leonoro, Secundino, Simão, Theobaldo, Theodorico, Irene e Leonor.
2—Segunda—*Visitação de Nossa Senhora*. Santos Maximiano, Praxedes e Marcia.
3—Terça—Santos Anatolio, Beltrão, Heliodoro, Jacintho e Monegundes.
4—Quarta—*Trasladação de S. Martinho*. Santos Laureano, Bertha e Isabel (*Rainha de Portugal*).
5—Quinta—Santos Athanasio, Fabio, Zacharias, Philomena, Zoé e Miguel dos Santos.
6—Sexta—Santos Romuló, Angela, Domingas ou Domenica e Lucia.
7—Sabbado—Santos Claudio e comp., Eudo, Firmino, Prospero e Pulcheria.
8—DOMINGO—*Nossa Senhora do Patrocinio*. Santos Procopio, Celina, Virgina e Lourenço de Brindisi.
9—Segunda—Santos Cyrillo, Ephrem, Anatolia, Veronica, B. João de Colonia, B. Nicoláu e seus comp..
10—Terça—Santos Januario e comp., Amelia, Felicidade e sete filhos, e Joanna Scopeli.
11—Quarta—*Trasladação de S. Bento*. Santos Abundio, Cypriano, João de Bergamo, Marciano, Pio I (*Papa*), Sabino e Euphemia.
12—Quinta—Santos Felix e Nabor, João Gualberto, Hydulpho, Marciana e Lara.
13—Sexta—Santos Anacleto, Esdras, Eugenio e Brigida.
14—Sabbado—*Festa nacional*. Santos Boaventura, Justo e Paulo Phocas.
15—DOMINGO—O ANJO CUSTODIO DE PORTUGAL. Santos Camillo de Lellis, Henrique (*Imperador da Allemanha*), Ignacio de Azevedo e 39 comp
16—Segunda—*Triumpho da Santa Cruz. Nossa Senhora do Carmo ou do Monte Carmello*. Santos Sizenando, Valentim e Fausta.
17—Terça—Santos Aleixo, Generosa, Jacintha e Marcelina.
18—Quarta—Santos Arnaldo, Frederico, Camilla, Marinha, Simphronia e sete filhos.
19—Quinta—Santos Vicente de Paula, Justa, Rufina e João de Duckla.
20—Sexta—Santos Elias (*Propheta*), Jeronymo, Emiliano e Margarida.
21—Sabbado—Santos Claudio, Daniel, Secundino, Victor e Julia.
22—DOMINGO!SAGRADO ESCAPULARIO. Santos Platão, Theophilo, Josepha, Maria Magdalena e Martha.
23—Segunda—Santos Apolinario, Liborio, Vandrillo e Herondina.
24—Terça—Santos Bernardo, Diogo, Francisco Solano, Ursino e Christina.
25—Quarta—S. Thiago Maior (*Apostolo, padroeiro de Hespanha*). Santos Christovão e Valentina.
26—Quinta—Santos Eresto, Germano, Marcello, Olympio, Simeão, Symphronio e comp.
27—Sexta—Santos Aurelio e sua mulher Nathalia, Mauro, Pantaleão, Sergio e Conegundes.
28—Sabbado—Santos Celso, Eustachio, Innocencio I (*Papa*), Nasario e comp., Victor e Beatriz.
29—DOMINGO—SANT'ANNA, MAI DE NOSSA SENHORA. Santos Felix, Lopo, Olavo (*Rei da Noruega*), Prospero e Seraphina.
30—Segunda—Santos Abdão, Abel, Rufino, Theodomiro, Donatilla, Julieta e Maxencia.
31—Terça—Santos Flavio, Ignacio de Loyola (*Fundador da Companhia de Jesus*) e Olga.

Ha, neste mez, seis dias feriados, que são: cinco domingos e uma Festa Nacional — o dia 14.

— O dia 14 de julho é considerado feriado para commemorar a Tomada da Bastilha. A Bastilha era uma fortaleza-presidio de Pariz, onde os reis podiam mandar prender qualquer pessôa sem causa justificada. Atacando e demolindo a fortaleza no dia 14 de Julho de 1789, o povo de Pariz, tirou aos soberanos o direito monstruoso de mandar prender innocentes.

AGOSTO

8º mez do anno — Tem 31 dias

1—Quarta—Santos Leoncio, Pedro *ad vincula*, Martyres Machabeus, Martyres de Chelles, Sophia e suas filhas: Fé, Esperança e Caridade.
2—Quinta—*Nossa Senhora dos Anjos*—Santos Affonso Ligorio, Estevam, Gustavo, Pedro, Theodoro, Cyra, Marianna e Joanna de Aza (mãe de S. Domingos).
3—Sexta—*Invenção de S. Estevam, proto-martyr*—Santos Cassiano, Friard, Euphrosina e Lydia.
4—Sabbado—Santos Aristarco, Domingos de Gusmão, Flaminio e Perpetua.
5—DOMINGO—*Nossa Senhora das Neves*—Santos Emygdio, Memio e Oswald.
6—Segunda—*Transfiguração de Christo no Thabor*—Santos Justo, Pastor, Thiago e Xisto.
7—Terça—Santos Alberto, Caetano, Donato, Severino e Mafalda.
8—Quarta—Santos Cyriaco e comp., Emiliano e comp. Justino, Severo e Julia.
9—Quinta—Santos Romão, Veridiano, Victricio, Asteria e João de Salerno.
10—Sexta—Santos Domiciano, Lourenço, Paula e Philomena.
11—Sabbado—Santos Alexandre, Tiburcio, Suzanna e Taurina.
12—DOMINGO—Santos Herculano, Numidico e Clara.
13—Segunda—Santos Cassiano, Hipolyto, Aurora, Helena, Radegundes (*rainha de França*), e Pedro de Moleano.
14—Terça—Santos Euzebio, Marcello, Anastacia e B. Juliana de Busto.
15—Quarta—Dia santificado—ASSUMPÇAO DE NOSSA SENHORA. (*Nossa Senhora da Gloria*)—Santos Arnaldo e Estanisláu.
16—Quinta—Santos Jacintho, Roque, Tito, Tecla e Veneravel Cecilia de Palermo.
17—Sexta—Santos Augusto, Carloman, Mamede, Paulo e Juliana (*irmãos*), Germana e Emilia.
18—Sabbado—Santos Agapito, Firmino, Leonardo, Clara de Montefalco, Helena (*mãe de Constantino Magno*), e Laura.
19—DOMINGO—S. JOAQUIM, PAE DE NOSSA SENHORA—Santos Luiz, Magino, Timotheo e Venusto.
20—Segunda—Santos Bernardo e Samuel (*propheta*).
21—Terça—Santos Anastacio, Maximiliano, Privato, Joanna de Chantal e Umbelina (*irmã de S. Bernardo*).
22—Quarta—Santos Fabriciano, Symphoriano e Anthusia.
23—Quinta—Santos Donato, Felippe Benicio, Liberato e comp., Sidonio e Apolinario.
24—Seta—Santos Bartholomeu (*Apostolo*), Eutichio, Ptolomeu, Romão e Aura.
25—Sabbado—Santos Gines, Luiz (*Rei de França*), Peregrino e Patricia.
26—DOMINGO—SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA — Santos Eulalio, Jacintho, Zepherino e Rosa.
27—Segunda—Santos Cesario, Jorge, José de Calazans, Rufo, B. Timotheo de Monticulo, Eulalia e Margarida.
28—Terça—Santos Agostinho, Quintino, Viviano e Ignez.
29—Quarta—*Degolação de S. João Baptista*. Santos Adolpho, Candida, Sabina e Seraphina.
30—Quinta—Santos Agilio, Celedonio, Eonio, Hemeterio, Gaudencia e Rosa de Lima.
31—Sexta—*O doce Nome de Maria. Nossa Senhora da Boa Viagem*. Santos Amado, Raymundo Nonato, Vicente e Isabel (*de França, irmã de S. Luiz*).

Ha, neste mez, cinco dias feriados, que são: quatro Domingos e um dia santificado, o de Nossa Senhora da Gloria.

SETEMBRO

9º mez do anno — Tem 30 dias

1—Sabbado—Santos Constancio, Egydio, Gil, Lopo, Anna e seus 12 irmãos.
2—DOMINGO—NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO —Santos Brocardo, Estevam (*rei da Hungria*), Lazaro (*resuscitado por Jesus*), e Ricardo.
3—Segunda—Santos Ladisláu, Remaclo, B. João de Perusia e Pedro de Saxoferrato.
4—Terça—Santos Marino, Candida, Rosalia de Palermo e Rosa de Viterbo.
5—Quarta—Santos Antonino, Lourenço, Justiniano, Victorino, Obdelia, B. Gentil. *Trasladação dos Martyres de Lisboa*.
6—Quinta—Santos Ceelstino, Eugenio e Comp., Humberto, Methodio, Petronio, Onesiphoro, Libania e Vicente de Aquino.
7—Sexta—Festa nacional—*Nossa Senhora dos Reis*—Santos Anastacio, Cloud e João de Nicomedia.
8—Sabbado—NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA — *Nossa Senhora da Luz* — Santos Adrião, Belina, Nathalia e Regina.
9—DOMINGO—SANTISSIMO NOME DE MARIA — Santos Graciano, Omer, Sergio, Dorothéa e Seraphina Sforzia.
10—Segunda—Santos Alberto, Nicoláu Tolentino e Pulcheria.
11—Terça—Santos Emiliano, Jacintho, Paphnucio, Proto, Theodorina, B. Bernardo de Offida e Veneravel Lucrecia.
12—Quarta—Santos Euogio, Juvencio, Leoncio e Comp., Lothario, Auta e Bonna.
13—Quinta—Santos Amado, Felippe, Mauricio, Herminia, e Veronica de Juliani.
14—Sexta—*Exaltação da Santa Cruz*—Santos Cornelio e Materno.
15—Sabbado—Santos Albino, Alfredo (*rei d'Inglaterra*), Domingos Soriano, Epyro, Lubin, Nicodemo e Valeriano.
16—DOMINGO—DORES GLORIOSAS DE NOSSA SENHORA—*Trasladação de S. Vicente*—Santos Cornelio, Cypriano, Edith e Euphemia.
17—Segunda—*As cinco chagas de S. Francisco*—Santos Lamberto, Pedro d'Arbués, Colomba e Hildegarda.
18—Terça—Santos José de Cupertino, Sinier, Thomaz de Villanova, Irenéa, Ricarda e Sophia.
19—Quarta—TEMPORAS—*Apparição da Virgem de La Salette*—Santos Elias, Januario, Constança e Poncio de Lazario.
20—Quinta—Santos Eustachio e Comp., Candida, Fausta e Theophista.
21—Sexta—TEMPORAS — Santos Matheus (*Apostolo e Evangelista*), Mauro e Iphigenia.
22—Sabbado—TEMPORAS—Santos Digno, Florencio (*Bispo de Poitiers*), Mauricio e 6.000 Comp. (*Legião thebana*).
23—DOMINGO—Santos Lino (*2º Papa, successor immediato de S. Pedro*), Thecla. *Começa a Primavera*.
24—Segunda—*Nossa Senhora das Mercês*—Santos Gerardo e Thyrso.
25—Terça—Santos Cleophas, Firmino, Herculano, Pacifico, Severino, Aurelia e Maria de Cervellon.
26—Quarta—Santos Cypriano, Delphina, Eugenia, Justina e Luzia de Calatajerone.
27—Quinta—Santos Adolpho, Cosme, Damião, Elisiario, Florentino, João Marcos e Judith.
28—Sexta—Santos Bernardino de Feltro, Exupero, Venceslau, Eustachia e Simeão de Roxas.
29—Sabbado—*S. Miguel Archanjo*—Santos Marçal e Petronia.
30—DOMINGO—Santos Jeronymo, Leopoldo e Honorina.

Ha neste mez 6 dias feriados, que são 5 domingos e uma festa nacional.

— No dia 7, considerado feriado, commemora-se o anniversario da Independencia do Brazil, proclamada a 7 de Setembro do anno de 1822.

OUTUBRO

10º mez do anno — Tem 31 dias

1—Segunda—Santos Verissimo Maxima, Julia, Gastão, Remigio ou Remy e Luiza de Saboya.
2—Terça—*Santos Anjos Custodios ou da Guarda*. Santos Ligerio, Saturio e Theophilo.
3—Quarta—Santos Candido, Desiderio, Diniz, Gerardo e Maximiano.
4—Quinta—Santos Francisco de Assis (*Fundador das tres Ordens Franciscana*) e Flavia.
5—Sexta—Santo Atilano, Constante, Froilão, Placido e seus comp., Aura e João da Penha. *7º anniversario da implantação da Republica em Portugal*.
6—Sabbado—Santos Bruno, Romão, Fé e Maria Francisca.
7—DOMINGO—SAGRADO ROSARIO DE NOSSA SENHORA. Santos Augusto, Henrique, Marcos (*Papa*), Sergio, Justina de Padua e Matheus de Carrerio.
8—Segunda—Santos Demetrio, Brigida, Simeão (*Discipulo de Jesus*), Pelagia e Thais.
9—Terça—Santos Andrónico, Diniz o Areopagita, Publio e Athanasia.
10—Quarta—Santos Aubry, Francisco de Borja (*Padroeiro de Portugal e conquistas*), Luiz Beltrão e Eulampia.
11—Quinta—Santos Firmino, Germano, Nicasio e Zenaida (*Irmã do Apostolo S. Paulo*).
12—Sexta—*Festa nacional*. Santos Cypriano, Seraphim, Wilfredo e Placido.
13—Sabbado—Santos Daniel e comp., Eduardo o Confessor (*Rei da Inglaterra*), Venancio e Chelidonia.
14—DOMINGO—NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS. Santos Calixto, Donaciano, Evaristo, Fortunato e Gaudencio.
15—Segunda—Santos Severo e Thereza de Jesus (*Fundadora da Ordem das Carmelitas Descalças*).
16—Terça—Santos Florentino, Gallo, Martiniano e seus companheiros, Wenceslau, Adelaide e Bolonia.
17—Quarta—Santos André de Creta, Florencio, Hedwiges e Mamerta.
18—Quinta—Santos Justo, Lucas (*Apostolo e Evangelista*), Triphonia (*Imperatriz*) e Maria Alacoque.
19—Sexta—Santos Pedro de Alcantara, Saviniano e seus comps., Aquilina e Lourenço.
20—Sabbado—Santos Feliciano, João Cancio, Jorge, Cleopatra e Iria.
21—DOMINGO—Santos Hilarião, Leonardo, Angelina, Celina, Ursula e as Virgens suas com..
22—Segunda—Santos Euzebio, Marcos, Theodorico, Elvira, Maria Salomé e Ladisláu de Gielniow.
23—Terça—Santos Felix, Graciano, João Bom, João de Capistrano e Pedro Paschoal.
24—Quarta—*S. Raphael Archanjo*. Santos Fortunato, Maxencia e Sabina.
25—Quinta—Santos Chrisanto, Crispim e Crispiniano (*Advogados dos sapateiros*), Cilisia e Daria.
26—Sexta—Santos Evaristo, Luciano e comps., Marciano, Cyrilla e Boaventura de Potenza.
27—Sabbado—Santos Didier, Elesbão (*Imperador da Ethiopia*), Frumencio, Mucio, Vicente, Cristella e Fidelia. Os Martyres d'Evora.
28—DOMINGO—Santos Judas Thadeu (*Apostolo*), Simão (*Apostolo*) e Luiza de Cremona.
29—Segunda—Santos Feliciano, Narciso, Bemvinda, Eusebia e B. Paula de Mantua.
30—Terça—Santos Angelo Arsenio, Claudio Gerardo, Lucosno, Serapião e Zenobio.
31—Quarta—Santos Affonso Rodrigues, Mathurino, Lucilla e Thomaz de Florença.

Ha, neste mez, cinco dias feriados, que são: quatro domingos e uma Festa Nacional.
No dia 12 de Outubro commemora-se o descobrimento da America, pelo navegador genovez Christovão Colombo.

NOVEMBRO

11° mez do anno — Tem 30 dias

1—Quinta—*Dia Santificado*—FESTA DE TODOS OS SANTOS. Santos Amavel e Pedro do Barco.
2—Sexta—*Dia santificado e Festa Nacional*. COMMEMORAÇÃO DOS FREIS DEFUNCTOS. Santos Nectario, Victorino e Eustachia.
3—Sabbado—Santos Benigno, Humberto (*Padroeiro dos caçadores*), Malachias. Marcello, Alphaida e Sylvia.
4—DOMINGO—Santos Carlos Borromeu e Modesta.
5—Segunda—Santos Mauricio, Zacharias e Isabel (*Pai e mãi de S. João Baptista*), Berthilde, B. Raynerio e Helena.
6—Terça—Santos Gregorio, Leonardo e Severino.
7—Quarta—Santos Amarando, Ernesto, Florencio, Hercules Wlibracht e Thessalonica.
8—Quinta—Santos Deodato, Godofredo, Severiano e seus comp.. Victoriano e Maria. *Os quatro irmãos coroados*.
9—Sexta—Santos Mathurino, Raymundo, Sotero, Theodoro, e Eustolia. *Os SS. da Ordem de S. Domingos.*
10—Sabbado—Santos André Avelino, Florencio, Justo, Leão, Probo e Theotista. *Os defunctos da Ordem de S. Domingos.*
11—DOMINGO—PATROCINIO DE NOSSA SENHORA. Santos Martinho, Ceranio e Clemencia.
12—Segunda—Santos Diogo de Alcalá, Martinho e Renato.
13—Terça—Santos Arcadio, Brice, Didacio, Eugenio III e Estanisláu. *Os Santos das Ordens de S. Agostinho, de S. Bento e da Santissima Trindade.*
14—Quarta—*Trasladação de S. Paulo, 1º Eremita*. Santos Bertando ou Beltrão, Marciano, Ursino, Philomena e Veneranda. *Os Santos da Ordem do Carmo.*
15—Quinta—*Festa Nacional*. Santos Eugenio I, Leopoldo, Maclou e Gertrudes Magna.
16—Sexta—Santos Balsameu, Edmundo, Ignez de Assis e Gonçalo de Lagos.
17—Sabbado—Santos Agnamo, Gregorio Thaumaturgo, Hugo, Victoria e Saloméa.
18—DOMINGO—Santos Eudo, Hildo, Mandé, Maximo, Othão e Romão.
19—Segunda—*Festa da Bandeira*. Santos Nerino, Ponciano e Isabel (*Rainha da Hungria*).
20—Terça—Santos Edmundo (*Rei da Inglaterra*), Felix de Valois (*Fundador da Ordem dos Trinos*), Hippolyto, Maxencio e Francisca.
21—Quarta—*Apresntação de Nossa Senhora no Templo*. Santos Alberto, Columbano, Estevam e Rufo. *Completa 63 annos Sua Santidade o Papa Bento XV.*
22—Quinta—Santo Mauro, Pagancio, Philomeno e Cecilia (*Padroeira dos musicos*).
23—Sexta—Santos Clemente, Felicidade e Lucrecia.
24—Sabbado—Santos Phisogono, Estanisláu Kostska, João da Cruz, Firmina, Flora e Maria.
25—DOMINGO—Santos Gonçalo, Moysés, Catharina de Alexandria, Erasini e Jocomba.
26—Segunda—*Desposorios de Nossa Senhora*. Santos Conrado, Magencio, Pedro Alexandrino, Delphina e Genoveva das Ardennas.
27—Terças—Santos Facundo, Maximo, Primitivo, Thiago, Margarida (*de Saboya*) e Leonardo de Porto-Mauricio. *Os Santos da Ordem de S. Paulo.*
28—Quarta—Santos Gregorio II (*Papa*), Hilario e Sósthenes.
29—Quinta—Santos Saturnino, Ida e Justina. *Os Santos das tres Ordens de S. Francisco.*
30—Sexta—Santos André (*Apostolo*), Justino e Constança.

Ha, neste mez, sete dias feriados, que são: quatro Domingos, duas Festas Nacionaes e um Dia Santificado.

As festas nacionaes são: o dia 2, em que se commemoram os mortos, e o dia 15, em que se commemora o anniversario da proclamação da Republica no Brazil.

Realisa-se ainda, no mez de Novembro, no dia 19, o anniversario da escolha da Bandeira Nacional.

DEZEMBRO

12° mez do anno — Tem 31 dias

1—Sabbado—Santos Cassiano, Eloy e Nathalia.
2—DOMINGO—PRIMEIRO DO ADVENTO. Santos Leoncio, Pedro Chrysologo, Theodulo, Aurelia, Bibiana, Elisa e Romana.
3—Segunda—Santos Claudio e Francisc Xavier (*Apostolo das Indios*).
4—Terça—Santos Armando, Bernardo, Clemente de Alexandria, Reparato e Barbara.
5—Quarta—Santos Dalmacio, Geraldo, Niceto, Sabbas, Crispina e Isabel Bonna.
6—Quinta—Santos Nicoláu de Bary, Dionisio e Leonia. *Festa dos rapazes solteiros na Russia.*
7—Sexta—Santo Ambrosio.
8—Sabbado—IMMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA.
9—DOMINGO—SEGUNDO DO ADVENTO. Santos Leandro, Leocadia, Valeria d'Aquitania e Joanna de Signa.
10—Segunda—*Nossa Senhora do Loreto*. Santos Melchiades, Eulalia, Julia e Justina.
11—Terça—Santos Damaso, Daniel, Franco e Sergio.
12—Quarta—*Nossa Senhora de Guadalupe*. Santos Constancio, Corentino, Donato, Justino, Synesio e Valery.
13—Quinta—*Santa Luzia*. Santos Alberto, Odilia e João Marinonio.
14—Sexta—Santos Agnello, Arsenio, Espiridião e Nicasio.
15—Sabbado—Santos Euzebio, Euspicio, Mesmin e Valeriano.
16—DOMINGO—TERCEIRO DO ADVENTO. Santos Valintim, Adelaide (*Imperatriz*), Branca, As Virgens da Africa e Sebastião Magi.
17—Segunda—Santos Bartholomeu de Geminiano, Francisco de Senna, Olympia (*Imperatriz*), Viviana e Margarida Colonna.
18—Terça—*Nossa Senhora do O'*. Santos Auxencio, Brasilano, Graciano e Gorgonia.
19—Quarta—TEMPORAS. Santos Adjunto, Dario, Nemesio, Rufino, Faustina (*Mãi de Santa Anastacia*) e Conrado de Ophida.
20—Quinta—Santos Alfredo, Domingos de Silos, Julio, Philigenio e Attala.
21—Sexta—TEMPORAS. Santos Themistocles, Thomé (*Apostolo*) e Glyceria.
22—Sabbado—TEMPORAS. Santos Demetrio, Flaviano, Honorato, Ugolino e Angelina. *Começa o verão.*
23—DOMINGO—QUARTO DO ADVENTO. Santos Dagoberto, Ivo, Servulo e Victoria.
24—Segunda—Santos Gregorio, Delphino, Emiliana, Herminia e Tharsilia.
25—Terça—*Dia Santificado*. NATAL NASCIMENTO DO NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. Santos Pedro, Anastacia e Eugenia. *Festa da Familia.*
26—Quarta—Santos Dyonisio, Estevam (*proto-martyr*), Marino e Edelfride.
26—Quinta—Santos João (*Apostolo e Evangelista*), Theodoro e Fabiola.
28—Sexta—*Os Santos innocentes*. S. Abel.
29—Sabbado—Santos Thomaz, Leonor e Melania.
30—DOMINGO—*Trasladação de S. Thiago, Apostolo*. Santos Hilario e Sabino.
31—Segunda—Santos Silvestre (*Papa*), Evroul, Nominando e Paulina.

Ha, neste mez, onze dias feriados, que são os cinco Domingos e mais seis dias da semana de *Festas*, que vai de Natal ao fim do anno.

Ha, neste mez, dous eclypses, um do Sol, no dia 14, outro da Lua, no dia 28.

Ephemerides do mez

JANEIRO

Dia 1 — Inaugura-se em 1874 o cabo telegraphico submarino entre o Brazil e a Europa.
Dia 2 — Tomada de Paysandú, pelo general Menna Barreto, em 1865.
Dia 3 — Fundação da Villa de Friburgo, em 1820.
Dia 4 — Nasce em Barra de S. João (Estado do Rio), em 1837, o poeta Casimiro de Abreu.
Dia 7 — Decreta-se em 1890 a separação da Egreja do Estado.
Dia 9 de 1822 — D. Pedro I, recebe da Camara Municipal a petição do povo para não regressar a Portugal e responde, a José Clemente Pereira: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".
Dia 13 — E' fuzilado, em Pernambuco, o frade Joaquim do Amor Divino Caneca, por ter promovido uma revolução republicana (1825).
Dia 20 — Mem de Sá funda a cidade do Rio de Janeiro (1567).
Dia 22 — Morre em 1891 Benjamin Constant Botelho de Magalhães, um dos fundadores da Republica.

FEVEREIRO

Dia 3 — O exercito brazileiro derrota o exercito do dictador argentino Rosas, na batalha de Monte Caseros (1852).
Dia 25 de 1652 — O governo geral do Estado de Maranhão é dividido em duas capitanias independentes: do Maranhão e do Pará.

MARÇO

Dia 1 — Termina a guerra do Paraguay, em 1870.
Dia 15 — Morte de José de Alencar, em 1880.
Dia 16 — Chega ao Rio de Janeiro a expedição de corsarios francezes, commandada por Bois le Conte (1557).
Dia 25 — Inaugura-se, em 1854, a illuminação a gaz do Rio de Janeiro.
Dia 29 — Inaugura-se em 1858 a Estrada de Ferro Central do Brazil.
Dia 30 — Inaugura-se na praça, hoje chamada Tiradentes, a estatua do imperador Pedro I (1862).

ABRIL

Dia 1 — O governo portuguez, cedendo á instancias dos padres jesuitas, baixa uma "carta de lei", prohibindo o escravisamento dos indios do Brazil (1680).
Da 9 — D. Pedro II é acclamado imperador do Brazil (1831).
Dia 11 — Morte do Dr. Joaquim Manuel de Macedo, autor dos romances, *A Moreninha*, *o Moço Louro* e outros (1882).
Dia 14 — Movimento revolucionario republicano de Pernambuco, chamado a Abrilada (1832).
Dia 15 de 1827 — A vanguarda do exercito argentino, sob as ordens de Oribe, occupa a povoação, hoje cidade, de Bagé, no Rio Grande do Sul.
Dia 17 — Batalha do Passo da Patria, na qual o exercito brasileiro invadiu o territorio do Paraguay (1866).
Dia 21 — Supplicio de Tiradentes, promotor da revolução republicana, chamada a Inconfidencia (1792).
Dia 25 — O rei D. João VI, que viera para o Brazil, fugindo ao exercito de Napoleão, que invadira Portugal, regressa a seu reino, em 1821, deixando o governo do Brazil entregue a seu filho, o principe D. Pedro, que depois se fez imperador do Brazil, com o titulo de Pedro I.
Dia 30 — Inauguração da Estrada de Ferro de Mauá, a primeira, que se construiu no Brazil, em 1854.

MAIO

Dia 2 — Começa o combate do Chaco, nas immediações de Humaytá (1860).
Dia 3 — Descobrimento do Brazil.
Dia 8 — O exercito brazleiro consegue desalojar os paraguayos do Chaco (1860).
Dia, 9 de 1748 — Carta regia, elevando o territorio de Matto Grosso á categoria de capitania independente, desannexada de S. Paulo.
Dia 13 — Abre-se, em 1820, a Praça do Commercio do Rio de Janeiro.
Dia 16, de 1818 — Decreto, estabelecendo a colonia Suissa do Morro Queimado, hoje cidade de Friburgo.
Dia 18 — O exercito oriental de Pedro Ceballos, parte de Montevidéo para atacar o acampamento brazileiro de Sacramento.
Dia 24 — Batalha de Tuyuty, na guerra do Paraguay, (1866).
Dia 30, de 1843 — Celebra-se em Napoles o casamento do imperador D. Pedro II, com a princeza de Duas Sicilias.

JUNHO

Dia 4 — E' lançada no Rio de Janeiro, em 1608, a pedra fundamental do Convento de Santo Antonio.
Dia 11 — Batalha Naval do Riachuelo, em 1865.
Dia 13 — Nascimento de José Bonifacio, o patriarcha da independencia do Brazil (1765).
Revolução do povo de Pernambuco contra o dominio hollandez (1645).
Dia 28 — Inaugura-se, em 1862, o serviço de barcas entre o Rio de Janeiro e Nictheroy.

JULHO

Dia 1 — Morte de Silva Jardim, que cahe na cratera do vulcão Vesuvio (1891).
Dia 2 — Lança-se, em 1840, a pedra fundamental do Hospiatl da Misericordia do Rio de Janeiro.
Dia 11 — E' elevada á categoria de cidade a villa de S. Paulo (1711.)
Dia 12 — Inauguração da Egreja do Carmo, no Rio de Janeiro.
Dia 22 — E' enforcado como traidor, em 1635, em Pernambuco, o patriota Domingos Fernandes Calabar.
Dia 25 — O exercito brazileiro occupa a fortaleza paraguaya de Humaytá (1868).
Dia 28 — Primeira viagem a vapor no rio Amazonas, em 1813.

AGOSTO

Dia 1 — Chega a Recife uma frota hollandeza em soccorro da praça, sitiada pelos brazileiros (1646).
Dia 11 — Inauguração da primeira faculdade de Direito no Brazil (1827).
Dia 15 — A esquadra brazileira força a passagem de Curupaity, na guerra do Paraguay (1867).
Dia 29 — O governo de Portugal reconhece a independencia do Brazil (1825).

SETEMBRO

Dia 3 — As tropas brazileiras e argentinas occupam o forte de Curuzú, no Paraguay (1866).

Cyra de Oliveira Braga, de 9 annos de edade e residente nesta Capital.

Nosso amigo John Milkons, de 7 annos de edade.

Dia 5 — E' elevada á categoria de provincia a comarca do Amazonas, pertencente ao Pará (1850).

Dia 6 — Revolta-se na bahia do Rio de Janeiro parte da esquadra, no proposito de depôr o vice-presidente da Republica, o marechal Floriano Peixoto (1893).

Dia 7 — Independencia do Brazil (1822).

Dia 10 — Inicia-se em 1808, a publicação da *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal que houve no Brazil.

Dia 12 — Chega ao Rio de Janeiro a esquadra franceza de Duguay-Trouin (1711).

Dia 17 — Os hollandezes, que estavam na fortaleza de Forto Cabo, em Pernambuco, rendem-se aos brazileiros.

Dia 18 — A cidade de Uruguayana, que estava occupada pelo exercito paraguayo, rende-se aos brazileiros.

Dia 20 — Começa a revolução republicana do Rio Grande do Sul, chefiada por Bento Gonçalves.

Dia 24 — Morre, em Portugal, como rei, com o titulo de D. Pedro IV, o primeiro imperador do Brazil (1834).

Dia 28 — Promulgação da lei chamada do ventre livre, pela qual todos os pretos que nascessem de então, por diante, mesmo filhos de escravos, seriam livres (1871).

OUTUBRO

Dia 1 — Os couraçados brazileiros *Bahia, Barrozo, Tamandaré* e *Silvado* forçam as baterias de Angustura, no Paraguay (1868).

Dia 12 — O padre Diogo Feijó assume a regencia do Imperio do Brazil, em 1835.

Dia 13 — A expedição de corsarios francezes, commandada por Duguay-Trouin, definitivamente derrotada, parte do Rio de Janeiro (1711).

Dia 5 — Fundação do Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro (1827).

Dia 16 — Combate de Salinas, em Santo Amaro (Guerra Hollandeza, 1645).

Dia 25 — A Republica Argentina declara guerra ao Brazil (1825).

NOVEMBRO

Dia 5 — Fundação da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro (1826).

Dia 6 — Proclamação da Republica do Piratinim (1836).

Dia 7 — Começa na Bahia a revolução chamada a *Sabinada* (1837).

Dia 10 — São entregues ao exercito e á armada as primeiras bandeiras do Brazil (1822).

Dia 11 — Solano Lopez, dictador do Paraguay aprisiona o vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, em 1864. (Foi este incidente que deu causa á guerra do Brazil com o Paraguay.)

Dia 14 — O Brazil rompe as relações diplomaticas com o Paraguay (1864).

Dia 15 — Proclamação da Republica, em 1889.

Dia 17 — D. Pedro II embarca para a Europa com toda a sua familia.

Dia 18 — Morre em Toledo (Hespanha) o frade brazileiro Bartholomeu de Gusmão, inventor do aerostato.

Dia 23 — A Marinha revolta-se contra o acto do general Deodoro da Fonseca 1º presidente da Republica, dissolvendo o Congresso. O marechal Deodoro renuncia á presidencia.

Dia 24 — Os Hollandezes incendeiam a cidade de Olinda, em Pernambuco. (1631).

DEZEMBRO

Dia 4 — Fundação da 1ª Escola Militar no Brazil (1810).

Dia 17 — A esquadra brazileira força a passagem de Tonelero, na Argentina (1851).

Dia 19 — A fortaleza hollandeza de Cabedello, na Parahyba, rende-se aos brazileiros (1634).

Dia 21 — A esquadra brazileira bloquea todos os portos argentinos e orientaes (1825).

FESTAS ESTADOAES

Nos Estados observam-se os seguintes feriados:

AMAZONAS —13 de Março. Promulgação da Constituição estadoal

1 de Julho. Installação do Congresso Constituinte.

10 de Julho. Libertação dos escravos.

5 de Setembro. Creação da provincia do Amazonas.

21 de Novembro. Adhesão á Republica.

PARÁ—22 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

15 de Agosto. Adhesão á Independencia (1823).

16 de Novembro. Adhesão á Republica.

MARANHÃO—28 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

18 de Novembro. Adhesão á Republica.

PIAUHY—24 de Janeiro. Adhesão á Independencia do Brasil (1823).

13 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

CEARÁ—25 de Março. Redempção dos captivos no Ceará.

12 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

16 de Novembro. Adhesão á Republica.

RIO GRANDE DO NORTE—19 de Março. Installação do governo republicano em 1817.

7 de Abril. Promulgação da Constituição estadoal.

12 de Junho. Execução de frei Miguelinho, em 1817.

PARAHIBA—20 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

5 de Agosto. Nossa Senhora das Neves, padroeira do Estado.

PERNAMBUCO—27 de Janeiro. Restauração de Pernambuco do dominio hollandez, 1654.

6 de Março. Revolução republicana de 1817.

17 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

24 de Julho. Proclamação da Republica do Equador, em 1824.

10 de Novembro. 1º brado da Republica por Bernardo V. de Mello, 1710.

ALAGOAS—15 de Março. Installação da 1ª assembléa provincial.

11 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

16 de Setembro. Creação da provincia de Alagoas.

SERGIPE—18 de Maio. Promulgação da Constituição estadoal.

BAHIA—2 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

7 de Novembro. Revolução de 1837 (Sabinada).

ESPIRITO SANTO—2 de Maio. Promulgação da Constituição do Estado.

23 de Maio—Povoamento do territorio do Estado.

12 de Junho—Execução de Domingos José Martins, em 1817.

25 de Agosto. Festa de Nossa Senhora da Penha.

25 de Dezembro. Natal.

RIO DE JANEIRO—9 de Abril. Promulgação da Constituição estadoal.

DISTRICTO FEDERAL — 20 de Janeiro. Fundação da cidade do Rio de Janeiro e 20 de Setembro anniversario da assignatura da lei organica.

S. PAULO—8 de Julho. Installação do Congresso Constituinte e 25 de Janeiro data da fundação da Capital.

14 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

15 de Dezembro. Restauração da legalidade.

PARANÁ—7 de Abril. Promulgação da Constituição estadoal.

19 de Dezembro. Installação da provincia em 1853.

SANTA CATHARINA—11 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

17 de Novembro. Adhesão á Republica.

RIO GRANDE DO SUL—14 de Julho. Promulgação da Constituição estadoal.

20 de Setembro. Revolução de 1835.

MINAS — 15 de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

GOYAZ —1º de Junho. Promulgação da Constituição estadoal.

MATTO GROSSO — 15 de Agosto. Promulgação da Constituição estadoal.

9 de Dezembro — Adhesão á Republica.

ASPECTOS DO DESERTO — Paysagem desolada de um areal africano, onde o vento fórma na areia ondas semelhantes ás do mar

MACACOS SABIOS E CÃES ARTISTAS

Ha animaes mais intelligentes que os homens e, de entre aquelles, os mais dignos de nota são os macacos e os cães. Vejamos algumas provas da destreza e intelligencia d'esses seres chamados inferiores.

Ficamos muitas vezes extasiados, e com justa razão, em presença das acrobacias executadas por alguns animaes. Sem duvida torna-se necessaria uma paciencia evangelica para se conseguir semelhantes resultados, mas devemos tambem reconhecer, egualmente, que certos animaes, cuja intelligencia ou instincto é mais desenvolvido, com vantagem se prestam a essas experiencias.

No numero dos animaes mais faceis de domesticar, o macaco e o cão occupam, indubitavelmente, o primeiro logar.

O cão não é sómente o amigo do homem ; sua intelligencia permitte-lhe imitar o dono em muitas manifestações de sua actividade. Assim, de todos os tempos, o homem tem-se dedicado a adestrar cães, chegando estes a executar "habilidades" prodigiosas, que divertem adultos e creanças.

Contemos, aqui, a este respeito, algumas "habilidades" de um representante da raça canina e que, ha aproximadamente, dez annos, foram admiradas no Alhambra-Theatro, em Londres.

M. Dundas Flater, que apresentava esse "curioso numero" do programma fizera annunciar nos cartazes : "Irene La Tour e Zázá". Zázá era um lindo cachorrinho, de olhos vivos, cruzado de *terrier* e *roquet*, que executava com espantosa ligeireza e sangue-frio admiravel os mais difficies giros de acrobacia sobre o corpo de sua dona, *Miss* La Tour.

MISS LA TOUR E SEU CÃO ZAZA'

Zazá era realmente um encantador animalsinho, que de muito bôa vontade as grandes damas da aristocracia teriam disputado entre si. Olhos grandes e brilhantes, pello lustroso e fino, olhar intelligente.

O "numero" começava por alguns exercicios de *Miss* La Tour em seu bem preparado e luxuoso estrado de acrobata. *Miss* La Tour, uma gentil pequena americana, vestia um elegante costume, como os que usam os acrobatas. Emquanto ella trabalhava, Zazá, sentado numa cadeira, com toda a "pose" e um certo ar de superioridade, esperava o momento de entrar com seus trabalhos.

Então era vêl-o desenvolver sua prodigiosa actividade. Saltava rapidamente da cadeira e corria sobre o corpo de *Miss* La Tour, que a principio se mantinha em posição horizontal. Emquanto ella se volta e toma as mais difficeis posições, em não menos faceis contorsões, o cachorrinho não cessa de caminhar sobre ella, equilibrando-se alternativamente sobre as espaduas, a cabeça, as costas de sua dona e sempre mantendo-se de pé, affectando elegante posição vertical.

Em equilibrio — *Não parece que Sr. Macaco pousou com certa superioridade sua pata, não sobre uma bola, mas sobre o globo ?*

Como as grandes "estrellas" Zazá fazia suas *tournées* artisticas. Grande viajante, de bôa vontade percorria o mundo, muito sabiamente installado numa elegante gaiola gradeada. Foi assim que, em oito mezes, tinha percorrido mais de vinte kilometros, ao tempo da sua exhibição em Londres.

SUCCESSOS DE ZAZA EM NEW-YORK

Zázá, como um cachorrinho brincalhão que era, muitas vezes aproveitava-se dos momentos em que *Miss* La Tour tomava uma posição de equilibrio instavel e delicado, para saltar sobre ella com toda a força de que podia dispôr. Queria assim, sem duvida, mostrar a habilidade de sua dona e patentear aos espectadores suas qualidades de acrobata. Como se vê, era um cão sabio, que tudo previa. Os maiores successos de Zazá, muito naturalmente, tiveram logar na America e toda a cidade de New-York se interessou desde logo por elle.

Mais de uma milliardaria da Quinta Avenida (um dos bairros aristocraticos de New-York) quiz possuil-o, offerecendo para isso a sua dona, fabulosas quantias. Mas ella obstinadamente recusou, não querendo separar-se de sua querida Zazá. Antes da sua retirada da grande cidade, o cão acrobata, como uma "estrella" recebeu seu presente : uma solida e linda colleira de ouro massiço. Nunca se descobriu quem a offertou, pois o offertante, homem ou mulher, conservou o anonymo.

E' esta, entre as mil historias de cães sabios, uma das mais curiosas. Certamente, muitos congeneres de Zazá, terão direito á posteridade, mas glorificando uns, não se englobam todos aquelles que o imitaram o egualaram ou talvez lhe tenham sido superiores. E isto porque a intelligencia de alguns d'esses animaes não tem limites. Conta-se o caso de um cachorrinho que, tendo nascido com as patas trazeiras atrophiadas, se tornou equilibrista, caminhando e correndo sobre as patas dianteiras, voltando o tronco posterior para cima da cabeça. Exercitando-se, o pequeno estropiado, chegou a obter uma "virtuosidade" com a qual nenhum cão adestrado poude rivalizar. Descia escadarias tão rapidamente como um cão bem conformado e era muito divertido reparar como elle as subia. Para subir era obrigado a moderar singularmente sua andadura ; collocava primeiramente o tronco posterior sobre um degráu e puxava para si o

tronco anterior. Teve, por consequencia, a intelligencia bastante para comprehender que, para avançar, era necessario começar por subir para traz!

Quanto aos macacos, seu espirito de imitação é talvez ainda mais desenvolvido e tem-se chegado a obrigal-os a fazer tudo o que se deseja. O mais incrivel d'este animaes foi seguramente *Consul I*, que por muito tempo constituiu um dos principaes attractivos de um dos "music-halls" de Pariz.

Os trabalhos de *Consul I* são tão conhecidos que desnecessario se torna recordal-os aqui. *Consul II*, seu imitador, foi-lhe sensivelmente inferior e o *Imperador* não foi mais do que uma apparição, não se encontrando em nenhum dos dous ultimos a mesma faculdade de comprehensão e de execução de que *Consul I* tinha dado provas. *Consul I*, *Consul II* e *Imperador* foram, certamente, os macacos mais interessantes que se têm exhibido em publico. Nos circos e nas scenas de "music-halls" tem desfilado já um numero respeitavel de macacos acrobatas, escudeiros, equilibristas, dançadores em corda e outros, mas nenhum dos exercicios d'elles valeu o menor gesto, o menor jogo phisionomico dos *Consul* e do *Imperador!*

FACULDADE DE IMITAÇÃO, DOM NATURAL DOS MACACOS

E' incontestavel que, physionomicamente, de todos os animaes, os macacos de grandes especies, como os gorillas, orangotangos e chimpanzés são os que mais se parecem com o homem. Sua estructura geral, a faculdade que elles possuem de se manterem de pé sobre seus membros posteriores, de apanharem e manejarem os objectos como nós o fazemos com nossas mãos, tudo isso os torna mais semelhantes a nós.

Finalmente, o que pode ainda augmentar a illusão é um dom que, de todos os animaes, os macacos são os unicos a possuil-os em tal grão, um dom inacreditavel, desconcertante, paradoxal, de imitação.

E' ainda utilisando-se d'esta faculdade, que se tem conseguido fazer dos grandes macacos, criados preciosos.

Buffon possuia um orangotango que offerecia a mão aos que iam visitar seu dono e passeava gravemente com elles. "Eu o vi, escreveu Buffon, sentar-se á mesa, desdobrar seu guardanapo, limpar os labios, servir-se da colher e do garfo para levar os alimentos á bocca, elle proprio deitar a bebida no copo, tocar este com o dos convivas quando para isso era convidado, ir buscar uma chicara e pires, servir-se de assucar, deitar nella o chá e beber este, depois de o deixar esfriar."

ALGUMAS UTILISAÇÕES DAS HABILIDADES DOS SRS. MACACOS

Orangotangos e gibbons são ensinados, na India, a manejar o *punka*, peça de linho suspensa do tecto das salas e que se move com o auxilio de uma corda. Em Sumatra ensinam-se os macacos a trepar ás arvores, colher os fructos e trazel-os.

Se o leitor quizer um criado de quarto que não seja fallador, nem indiscreto, faça como aquelle fazendeiro de S. Jeronymo, na Florida, que, possuidor de um chimpanzé de elevada estatura (1m,30) vestiu-lhe umas calças brancas, um casaco vermelho e um barrete da mesma côr. *Antonio* — assim se chamava o macaco — era um criado activo e deligente, cuja occupação principal consistia em servir á mesa e mudar os talheres.

"Limpava os talheres, conta um viajante, com um certo frenesi de limpeza e seu trabalho era mais ligeiro do que o de um negro."

Todavia, não ha criado perfeito, mesmo entre os macacos. *Antonio* era gatuno. "Quando levava um prato, diz ainda o viajante, sobretudo tratando-se de doces, procurava sempre a occasião de passar-lhe a lingua. E as algibeiras de seu casaco, ao fim de uma refeição, estavam repletas de doces e de fructas.

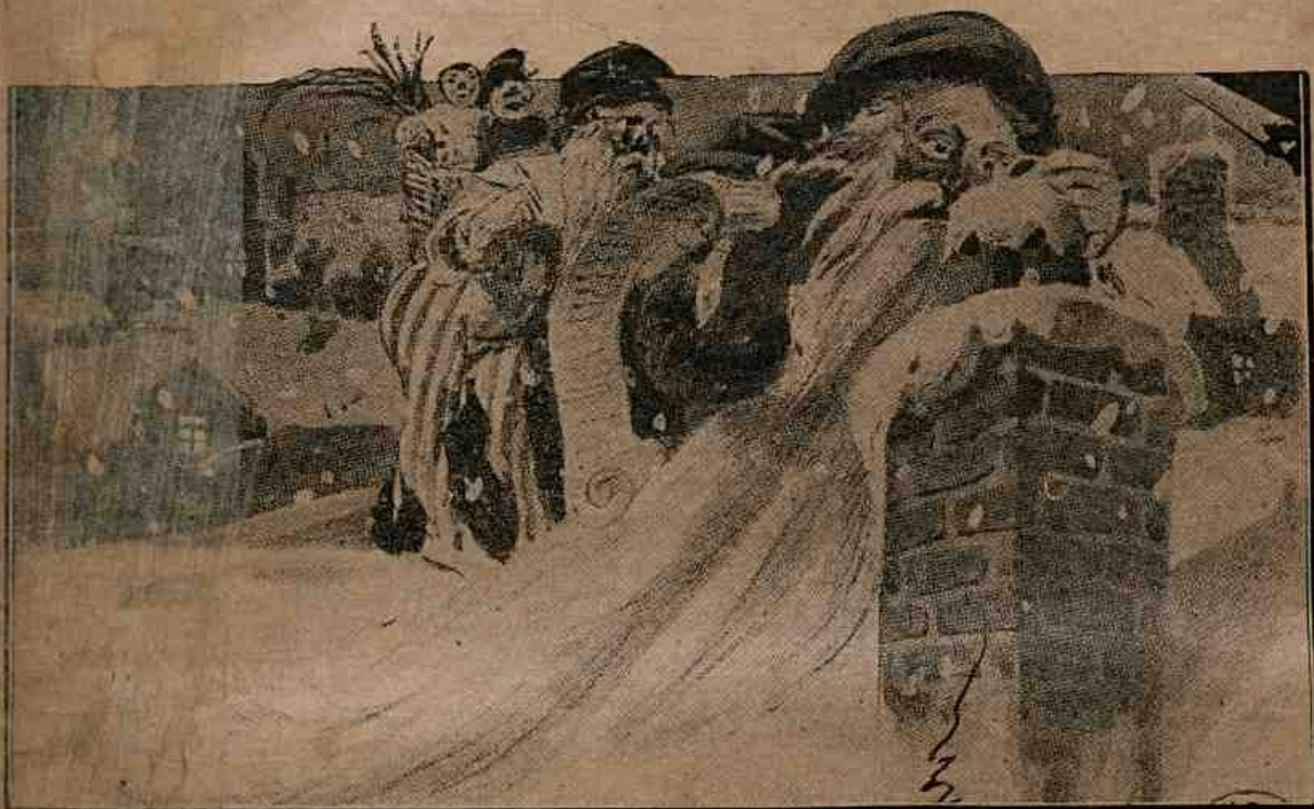
Na India, em Bénarés, "os macacos, escreve o Sr. A. Chevrillon têm o seu templo, onde sómente se pode penetrar de pés descalços. Viu-se um rajah celebrar solemnemente o casamento de um orango e de uma macaca de sua especie, gastando com mil rupias, (cento e trinta e cinco contos, approximadamente, da nossa moeda) em festas e sacrificios. O macaco, sentado em seu carro e servido por um exercito de guardas, ostentava uma corôa. Os festejos duraram doze dias."

Mas devemos deixar-nos fascinar pelo talento do macaco? E' porque elle imita com toda a perfeição, devemos concluir que sua intelligencia se approxima da do homem? De nenhum modo. O que constitue a intelligencia, tal como se observa em certos animaes, é a faculdade que elles têm de associar reminiscencias e imagens. Ora, essa faculdade não existe no macaco; verdadeiro automato, apenas reproduz machinalmente o que vê fazer ao homem.

FON, FON, FON, FON ! — *Srs. Cães dando um pequeno passeio em um automovel de novo modelo. O conductor segura com firmeza o volante.*

PROCESSO CURIOSO PARA APANHAR MACACOS

Para apanharem os macacos de suas florestas, os indigenas da Guyana usam do seguinte processo: fazem

Almanach do Tico-Tico

De 47

(CONTO DE NATAL)

As creanças, como se sabe, em vez de se utilisarem dos pés, caminham de preferencia com as mãos. A's vezes avançam sobre os joelhos e acontece mesmo, outras vezes, arrastarem-se sobre o ventre. Isto parece extraordinario; no emtanto é de observação diaria.

Riri era um menino muito gaiato, que vivia em Pariz e que, aos seis annos de edade, tendo já perdido o habito de se servir das mãos para andar, usava o seu primeiro par de botinas. Mas estas foram-se gastando e havia já um mez que o pai de Riri reparara que ellas se acalcanhavam. Ora, o calçado é cousa que se gasta, mórmente nos pés de meninos que nun[illegible] socegados. As pessoas par[illegible] podem fazer durar muito um par de luvas, usando uma de [illegible] vez. A moda admitte isto. O que nunca ninguem viu foi o homem [illegible] economico passear pelas ruas [illegible]resentar-se numa sala, tendo um [illegible]lçado e outro não.

Certo d[illegible] o pai de Riri, tendo feito aquel[illegible]vação, chamou o menino e disse-lhe, entregando-lhe sete francos:

— Vai hoje mesmo a uma loja de calçado e compra um par de botinas.

Sahir de casa, entrar na loja de calçado mais proxima e pular para uma cadeira foi para Riri obra de poucos minutos.

— De pellica, meu senhorsinho? Que medida? 32, não é verdade? — perguntou o negociante.

— Sim! — foi a unica resposta de Riri, affectando ares de grande senhor.

Esperando que o negociante trouxesse um par de botinas de "trinta e dous", que deviam ficar ás mil maravilhas em seus pés, Riri teve sua attenção despertada para o mostruario de um confeitaria em frente. O mostruario regorgitava de gulodices, lendo-se numa larga tira de panno e em grandes caracteres: "Grande exposição de presentes para o Natal".

—Oh, felicidade! Estamos na vespera do Natal! E eu que não me tinha lembrado ainda! — pensou Riri. E, assim pensando, tinha o olhar pousado num grande pacote de rebuçados de cevada.

Que associação de ideias se estabelece em seu espirito, reparando no minusculo par de botinas que o negociante tem na mão? Riri deixou de olhar para os rebuçados para contemplar um grande polichinello feito de assucar. E, de repente — porque? — seu olhar desvia-se, com melancolia, do grande polichinello para o pequeno par de botinas.

RIRI TOMA UMA DELIBERAÇÃO, QUE DEIXA O NEGOCIANTE ABYSMADO.

De repente, toma uma [illegible]

— Receio, Sr. negociante, que essas botinas me apertem um pouco... Se tivesse umas outras mais largas..

— Como queira, meu senhorsinho.

E o negociante, conciliador, introduziu nos pés do pequeno freguez, um par "tinta e trez". Riri não julgou este ainda sufficientemente largo. Experimentaram "trinta e quatro". Apertam no calcanhar...

"Trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete"... Os pés de Riri já não estão dentro de botinas, vogam em duas barcaças... Mas ainda o ultimo par o não satisfaz... Sem duvida, para nos certificarmos se um par de botinas nos fica bem é necessario reparamos em nossos pés. Mas Riri não tinha essa preoccupação. Alguma cousa, em frente, continúa a chamar sua attenção.

— Na verdade, meu senhorsinho — disse o negociante — não posso dar-lhe medida maior!

Riri, parecendo acordar de um sonho, esforça-se por dar á voz um tom de firmeza e é com certo aprumo que affirma:

— Mas é que... eu sou um distrahido! Creio que me esqueci de lhe dizer que as botinas não são para mim... São... são para papai. Queira dar-me o par de maior medida, que ahi tiver... Papai tem o pé grande...

NOITE DE NATAL. PAPA' NOEL PASSEIA PELOS TELHADOS DE PARIZ

Havia já duas horas que *Papá Noel* passeava sobre os telhados de Pariz, com seu grande cachimbo na bocca e acompanhado de seu secretario e um ajudante. Os trez param diante de cada abertura de chaminé. O secretario vai folheando febrilmente um volumoso caderno e murmura: *"Raymundo, quatro annos"* ou *"Joanna, seis annos"*. E, á medida que elle vai pronunciando os nomes, o ajudante extrahe de sua grande cesta uma boneca ou um polichinello, conforme o nome pertence a uma menina ou a um menino. Depois, o grupo desapparece pela chaminé.

Papá Noel opéra com rapidez. Pensa, com terror, na hypothese de um gracejador de máu gosto aproveitar-se das circumstancias e gritar: *fogo!* Assim, seus pequenos protegidos, sem calçado, fugindo áquelle alarme, arriscar-se-hiam a constipar-se...

Papá Noel já visitára sete mil oitocentas e quarenta e cinco chaminés. Che[illegible] fim de sua sete mil oitocentas e quarenta e seis viagem, fez um grande gesto de espanto! Naquella chaminé de sala de jantar, nem signal de par de botinas de creança! E' vardade, que, proximo do guarda-fogo da chaminé, se alinha um par de botinas, mas são botinas de homem!

— Vejamos, vejamos — segredou *Papá Noel* a seu secretario. — Você enganou-se! Não mora aqui nenhum de meus clientes.

— No emtanto — respondeu o secretario — está aqui... No meu caderno de apontamentos, está claramente escripto: *"Riri, seis annos."*

Affirmem a *Papá Noel* que o numero 24 indica a medida que convém a um collete para uma menina de oito annos, que elle concordará. Sustentem, tenazmente, em sua presença, que o 36 é o talhe da camisa de um homem de vinte e cinco annos, que elle responderá: "Pode ser, não sei d'isso". Mas sobre o capitulo calçado é indiscutivel sua competencia. Tendo tido occasião de examinar dezenas de milhares de botinas e calçado de todo o genero, não é elle que vai confundir "box-calf" com "enow-boots" e botinas de salto á Luiz XV com as de salto á ingleza. Imprudente seria o negociante sem escrupulos, que tentasse fazer passar á observação de *Papá Noel* calçado a "prégo" por calçado "cozido".

A SURPREZA DE RIRI — *Riri encontrou em suas enormes botinas um cachimbo e um pacote de fumo picado!*

Ora, reparando no par de botinas que tem á vista, em humilde posição de calçado sem morador, *Papá Noel*, conclue:

— Não ha duvida. Calçado d'este tamanho não pode pertencer a uma creança! E' 47 e eu d'isso entendo bem. 47 é precisamente a minha medida.

O secretario procurou dar uma explicação. Talvez os pais de Riri consentissem que elle fosse passar as festas em companhia do avo ou d'algum tio ou tia... *Papá Noel* não occulta sua contrariedade.

— Estamos a perder um tempo precioso — disse elle. — Vocês bem sabem o horror que eu tenho ao vazio, em artigos de saptaria... Todavia, não é costume meu offerecer presentes a gente grande... Não sei que deva fazer!...

Riri dormiu bem toda a noite, tendo o sonho mais agradavel que se pode imaginar.

Via enfileiradas as minusculas botinas de seus companheiros, não contendo mais do que insignificantes saquinhos de "bonbons" e rachiticos polichinellos. Elle, pelo contrario, estava na posse de um par de botinas enorme, botinas de gigante, grandes como uma casa e onde caberiam, muito á vontade, trez ou quatro lojas de quinquilharias, de confeitarias e de brinquedos...

Riri despertou cedo e indeciso entre dous sentimentos, egualmente deliciosos: ou admirar immediatamente as surprezas que o esperavam ou continuar no leito, no quente, entre os cobertores. Venceu a curiosidade. Saltando do leito, correu á sala de jantar. Lá estavam as botinas!... Mas, repara... Mesmo que apenas contivessem gulodices deviam estar repletas até o cano... Nada d'isso! A que attribuir um tal phenomeno?

Approximou-se, receioso, e foi com a maior commoção que metteu a mão, primeiramente na botina direita, depois na esquerda... Seu rosto, exprimiu grande decepção...

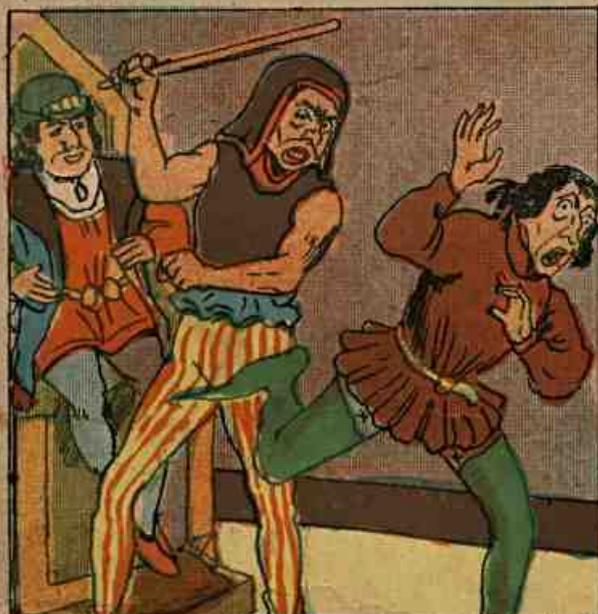
Ora! que uso vai elle fazer d'um presente d'aquelles?!... Ainda se, em vez de ser um rapazinho, fosse já um homem! O desapontamento de Riri foi completo! E' que, da botina direita acabava de tirar um grande cachimbo de escuma, já levemente enegrecido! Na botina esquerda, *Papá Noel* deixára um pacote de fumo picado!

Uma proeza herculea, realizada pelo athleta sueco Simondsen. Deitado de costas sustenta nos pés e nas mãos seis individuos que pesam em conjuncto 765 kilos.

AS LAGRIMAS DE CORAÇÃO DE FERRO

1] Havia uma vez um fidalgo de genio tão insensivel, que adoptara o nome de Coração de Ferro e que, orgulhoso da dureza de seus...

2]... sentimentos, affirmava ser incapaz de chorar. Chegou a annunciar que daria o que lhe fosse pedido á pessôa que conseguisse fazel-o derramar algumas lagrimas, duas...

3] .. ou trez, que fossem. Para vêr se alcançavam o premio, varios poetas vieram lêr tragedias medonhas. Mas o fidalgo ria ao ouvil-os.

4) Depois, mandava correr os poetas a cacete e isso tambem o faria rir. Ora, Coração de Ferro tinha uma filha linda, moça e tão...

5)... bôa e sensivel, quanto seu pai era duro e máu. E ella temia que o fidalgo a casasse com algum homem...

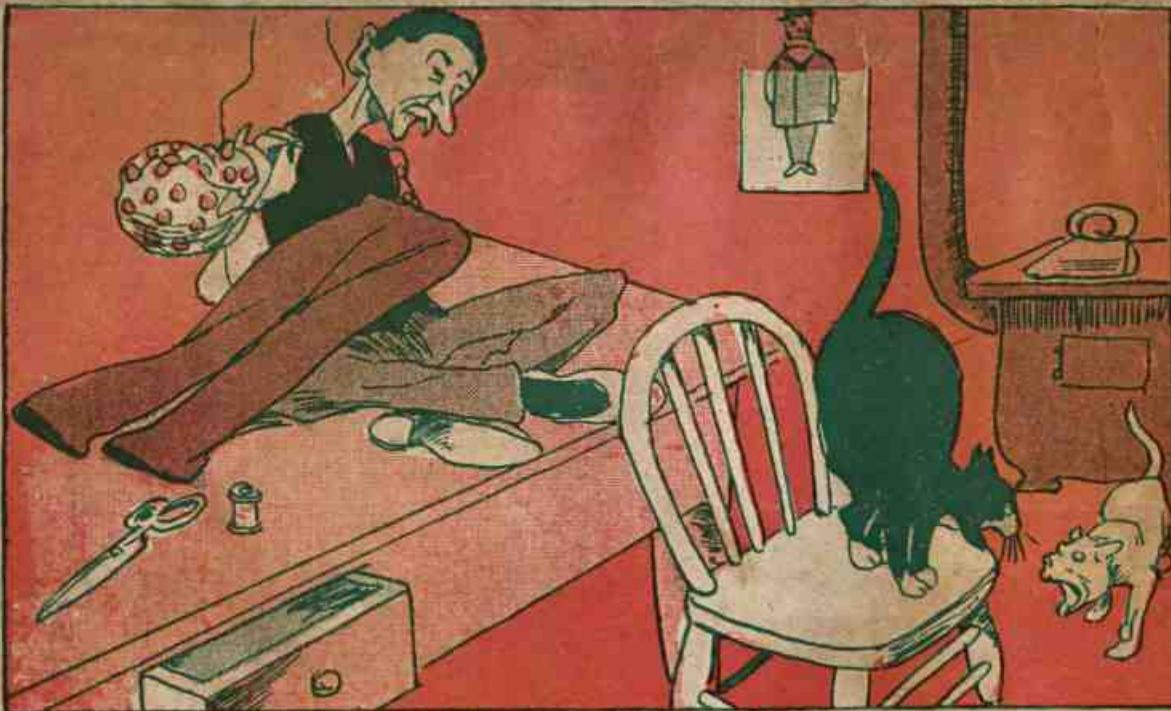
6)... tambem cruel. Na mesma cidade vivia um menino sem pais, que fôra encontrado em uma floresta e...

7)... criado por gente caridosa. Esse menino tornára-se um bello rapaz, de talento notavel e grande futuro nas artes. Esse rapaz...

8) ...que se chamava Alberto, andando um dia pela floresta, vira a joven Ignez, filha de Coração de Ferro, e apaixonando-se por ella, resolveu tentar...

9)... o impossivel para desposal-a. Como conseguil-o? Depois de muito reflectir, teve uma ideia.

(*Continúa*)

UM ALFAIATE ALLUCINADO

1) Um alfaiate estava muito bem, acabando um par de calças, quando o gato e cão da casa, brigaram...

2) ...e travaram um combate medonho, mesmo por cima do alfaiate.

3) O homem largou o trabalho e agarrou um ferro de engommar, para dar uma sóva nos dous impertinentes bichos; mas a situação tornou-se peor ainda, porquanto, o gato, fugindo ao cão, tentou occultar-se dentro das calças... O cão perseguiu-o...

4) O gato metteu-se por uma perna da calça, o cão metteu-se pela outra... e as calças sahiram para a rua com a forma de um animal fantastico, que alarmou toda a gente.

AS LAGRIMAS DE CORAÇÃO DE FERRO (CONCLUSÃO)

1) No dia seguinte vieram prevenir Coração de Ferro de que chegára ao palacio um homem, que se julgava capaz de o fazer chorar. O fidalgo desatou a rir e disse: — Mais um pateta... Emfim, mande-o entrar. Isso sempre servirá para me distrahir um pouco. Pouco...

2) ...depois, Alberto apresentava-se diante d'elle com uma caixinha e dizia-lhe:— Esta caixa contem o retrato de duas pessôas, que morreram e das quaes eu lhe vou contar a triste historia. Não é verdade que o senhor dá quanto lhe fôr pedido á pessôa que o...

) ...fizer chorar? —E' verdade—disse Coração de Ferro.—Então abra a caixinha. O fidalgo abriu-a e viu na tampa da caixa dous retratos. No fundo havia uns papeis. Coração de Ferro começou a examinar os retratos, emquanto o rapaz lhe contava uma historia muito...

4) ...comprida e complicada... De repente, as pessôas que observavam essa scena, viram a physionomia do fidalgo contrahir-se com uma expressão de magua profunda. Sua filha, a linda Ignez, approximou-se e viu...

5) ...na caixa apenas dous retratos e uns papeis. Entretanto, o rosto do fidalgo contrahia-se cada vez mais e, de repente, brotaram de seus olhos grossas e copiosas lagrimas. — Basta! — disse...

6) ...Coração de Ferro—reconheço que me fizeste chorar e prometto dar-te o que quizeres, mas explica-me porque sortilegio me arrancaste lagrimas?

7)—Consente em dar-me a mão de sua filha? —Prometto e juro.—Então, saiba que no fundo da caixinha, ha apenas algumas rodelas de cebola, misturadas com perfume de sandalo.

8) Ao vêr que fôra illudido por um meio tão engenhoso, o fidalgo desatou a rir e achando immensa graça na ideia de Alberto, exclamou: — Vem a meus braços, meu genro.

9) Tendo-te a meu lado, nunca mais me aborrecerei. O casamento de Alberto com Ignez realizou-se no mez seguinte e foi a mais bella festa que jamais se viu.

O MAIS BELLO SONHO

O PADRINHO DO 12º

A legenda de S. Gil

uma abertura numa cabeça, esvasiam esta e depois mettem no interior, assucar e outras gulodices. Feito isto, collocam a cabaça junto do tronco de uma arvore. O macaco approxima-se, olha pelo buraco, vê dentro da cabaça as gulodices e immediatamente mette o mão para se apoderar d'ellas; mas o guloso não notou que se a abertura é sufficientemente larga para deixar passar sua mão vazia, por ella não pode sahir sua mão cheia e fechada. Então emprega vãos esforços para conseguir retirar a mão ; mas, como não tem a ideia de abandonar a presa, afim de reconquistar a liberdade de movimentos, deixa-se apanhar sem a minima difficuldade.

Se o macaco, por vezes, mostra certo engenho, não o faz senão para praticar o mal. Por exemplo, elle nasceu mystificador. Um naturalista inglez, que possuia um cercopitheco (ou mono), um certo dia ficou estupefacto ao encontrar toda a sua roupa descosida por completo e as paginas de seus livros mais preciosos, ornadas de *magnificos* arabescos a tinta; o autor de todas essas cousas tinha sido seu macaco. Brehm conta egualmente o caso de um macaco que passava seu tempo a tirar as dobradiças das portas, a esconder tudo aquillo que podia alcançar e a retirar as pranchas de madeira que vedavam um curral de cabras, para que estas se escapassem. Até aqui apenas brincadeiras de máu gosto; mas ha peor, e os macacos são cheios de vicios extremamente graves. Os mandris (macacos feissimos da Guiné) são bebedos consummados, os baboins e os cercopithecos incorrigiveis ladrões.

UMA NUMEROSA FAMILIA — *Grupo de macacos vivendo em bôa camaradagem, sob a autoridade de seu dono. Quando muito, ás vezes, apenas é preciso puxar a orelha de um ou outro, por alguma falta um pouco forte.*

Deve-se ser rigoroso para com elles, mas numa certa medida, porque, de contrario, seu instincto selvagem pode servir-lhes de desculpa de qualquer violencia. Com muita paciencia chega-se a combater sua astucia, que elles empregam desde que percebem que nossa vigilancia afrouxa.

E basta de citações a respeito de vicios dos macacos.

— Não é a brandura o melhor meio de cada um se fazer obedecer?

A baroneza achava imensa graça naquelle animal

HISTORIA DE BICHOS

UMA PARTIDA

No tempo em que o duque Ludovico Sforza governava o ducado de Milão, havia no castello senhorial, um macacão, quasi com a estatura de um homem, que andava livre por todo o vasto edificio e que todos apreciavam muito por ser um animal engraçadissimo e inteiramente manso.

A's vezes, mesmo, o macaco sahia do palacio ducal e ia a varias casas vizinhas, onde divertia toda a gente, com suas caretas e cabriolas. Todos lhe davam gulodices e lhe faziam caricias... E o macaco voltava fielmente ao palacio.

Entre as casas que elle frequentava assim,como visita, havia a de uma velha baroneza que tinha dous filhos. E a boa senhora tinha grande prazer todas as vezes em que o macaco lhe apparecia e ria-se a ponto de perder a respiração, obeservando seus gestos comicos.

Seus dous filhos, vendo que ella tanto gostava do macaco, faziam o possivel para attrahil-o a sua casa, o que conseguiam facilmente, offerecendo ao macaco doces e fructas. Se elles podessem teriam comprado aquelle interessante animal, para offerecel-o a sua mãi; mas de certo o duque não quereria vendel-o... Então,os rapazolas recommendaram aos criados que nunca assustassem o macaco, para que elle se acostumasse na casa. O resultado foi que o macaco, pouco a pouco, deixou de ir a outras casas, para só ir alli, voltando ao palacio apenas para dormir.

Um dia, a baroneza adoeceu e o macaco, muito impressionado ao vel-a no leito, mantinha-se o dia inteiro a seu lado, imitando-lhe os gestos.

Quando a baroneza melhorou, os medicos lhe aconselharam que fosse passar alguns dias em uma casa de campo e ella partiu com os filhos, deixando o macaco só,no quarto, acabando de comer um prato de geléa.

Ficando só e vendo a roupa que a baroneza deixára sobre uma cadeira, o macaco, com o espirito de imitação, peculiar á sua raça, vestiu a camisa de dormir da nobre senhora, enfiou na cabeça sua touca e, mettendo-se no leito, fingiu dormir, exactamente na attitude que elle sempre via a baroneza ficar.

As duas criadas, que tinham ido até á porta acompanhar a fidalga, voltaram e foram ao quarto para o pôr em ordem.

Entraram e tiveram a impressão de ver no leito a baroneza que tinham visto partir e sahiram a correr, griando:

— Assombração ! Bruxedo !

Em baixo encontraram os dous rapazes e disseram-lhes que no quarto estavam se passando as cousas mais extraordinarias d'este mundo.

— Mas, que cousas ? — perguntaram os rapazes.

— A Senhora baroneza voltou !

— Como voltou ?

— Sim senhor ! E está deitada lá em cima !

— Ora essa ! Vocês estão doidas !

— Não senhor ! Nós vimos. A senhora baroneza partiu mas está lá em cima outra vez, muito bem deitada.

Intrigados com aquellas affirmações, os rapazes subiram a escada, pé ante pé e, cautelosamente, olharam para dentro do quarto.

Um pavor intenso, apoderou-se d'elles. Sim, não havia duvida, elles estavam vendo sua mãi alli, deitada, de costas para fóra como de costume com a touca de rendas na cabeça, movendo-se a cada instante, como uma pessôa doente que não acha posição commoda no leito.

Os rapazes tiveram a impressão de ver sua mãi deitada no leito

ARISTOLINO

SABÃO EM FÓRMA LIQUIDA

A ESPUMA
DO
SABÃO
Aristolino
ALE'M DE PERFUMADA E' ANTISEPTICA E CURATIVA

O Sabão Aristolino

USADO CONVENIENTEMENTE COMBATE A

CASPa, MANCHAS, ESPINHAS, CRAVOS, IRRITAÇÕES, GOLPES, FERIDAS, QUEIMADURAS, QUALQUER MOLESTIA DE PELLE, DIATHESICA OU NÃO, PARA BRANQUEAR, AMACIAR E AVELLUDAR A PELLE DO ROSTO, MÃOS E CORPO

Não tome banho
SEM O
Sabão Aristolino

Não lave a cabeça
SEM O
Sabão Aristolino

Não lave o rosto
SEM O
Sabão Aristolino

VIDRO 2$000

A' Venda em qualquer parte -- pharmacias, perfumarias, armarinhos e drogarias.

CONTRA

TOSSE

RESFRIADOS,
CONSTIPAÇÕES,
COQUELUCHE, ROUQUIDÕES, BRONCHITES, ASTHMA,

E

QUALQUER **DOENÇA DO PEITO** E DA **GARGANTA**

A' VENDA EM QUALQUER PHARMACIA E DROGARIA

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO — **AVENIDA PASSOS, 120**

Telephone—Norte—4.424 — RIO DE JANEIRO

14$000 Borzeguins de *box-calf* preto e amarello, tres solas, proprios para caçadores, engenheiros e trabalhadores agricolas. CHAMAMOS a attenção da nossa numerosissima clientela para estas marcas de borzeguins, cuja duração é infinita e de impermeabilidade absoluta.

12$000 Sapatos em kangurú envernizado, salto de sola, com laço de amarrar no peito do pé.

16$000 O mesmo artigo em pellica envernizada, salto alto, ultima creação da moda.

17$000 Em kangurú amarello, feitio egual.

18$000 O mesmo artigo em camurça branca.

18$ e 20$ Ultimo modelo em sapatos de pellica envernizada, salto á *Luiz XV*, pela gravura ao lado.

18$000 O mesmo artigo com salto Cavallière.

20$000 A mesma coisa, em kangurú amarello — fosco — *dernière création*, salto *Luiz XV*.

20$000 A mesma coisa em bufalo branco

22$000

Bellissimas botas de abotoar e de atacar ao lado, em casemira cinza e *beje*, com biqueira de verniz, artigo *dernier cri*.

Remette-se para o interior qualquer encommenda mediante o augmento de 2$000 para porte, por par.

ENVIAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS GRATIS, rogando-se toda a clareza nos endereços, indicando nome, Estado e logar, para evitar extravios

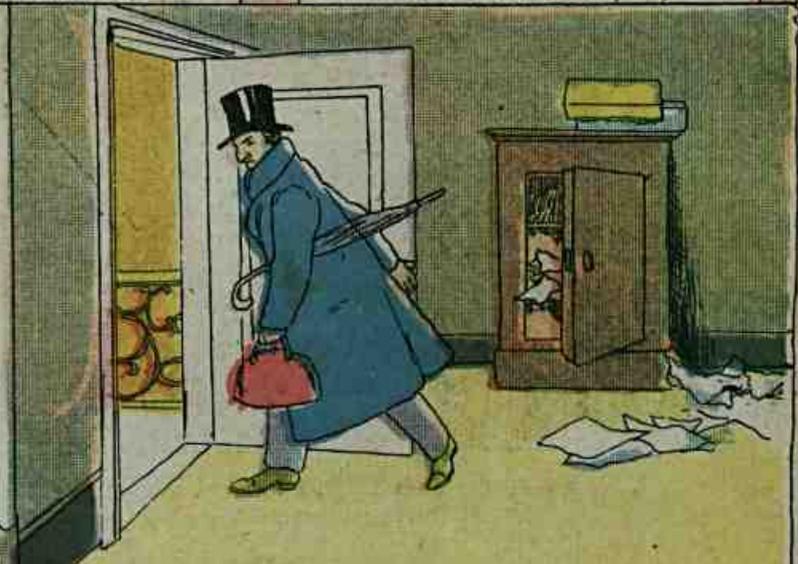
Pedidos a CARLOS GRAEFF & C. - 120, Avenida Passos, 120

A PEQUENA FLORISTA

1) Luciana era uma menina muito amavel e caridosa. No segundo andar da confortavel casa em que ella morava, vivia uma senhora edosa e viuva, que se sustentava fazendo flôres. Era tão habil nesse officio que...

2) ...com elle ganhava o bastante para viver. Mas um dia, a pobre senhora adoeceu e, não podendo trabalhar teria soffrido miseria, se Luciana não subisse todos os dias a levar-lhe remedios e caldos. Depois, como visse que essa senhora...

3) ...convalescente, desesperava-se com o atrazo em que estavam suas encommendas de flôres, receando até que as casas de que era fornecedora não lhe quizessem dar mais trabalho, Luciana, delicadamente, a pretexto de que queria...

4) ...aprender a fazer flôres, passou muitos dias auxiliando-a, com tal habilidade, que as encommendas ficaram promptas a tempo. Poucos mezes depois aconteceu á familia de Luciana um grande desastre. O caixa da importante empreza em que o pai de Luciana era empregado superior, fugiu dando grande...

5) desfalque. A empreza não poude resistir ao golpe, fechou-se e o pai de Luciana ficou desempregado. Sabendo que sua amiguinha estava passando necessidades, a senhora do segundo andar porpoz-lhe associar-se para a fabricação de flôres.

6) E não foi só isso. Essa senhora embora pobre, tinha bôas relações e em pouco tempo...

7) ...arranjou outro emprego para o pai de Luciana e o bem estar voltou de novo áquella casa.

8) Assim, a amisade que a menina conquistou para fazer o bem a uma necessitada foi para ella o melhor amparo nas horas de adversidade.

BLANCHETTE, A PRIMA DO GATO DE BOTAS

1) Chico Pança era um pobre rapaz que, um bello dia, ficou orphão e verificou que toda a sua fortuna constava de trez moedas e uma gatinha branca, chamada *Blanchette*...

2) Mas a gata disse-lhe: — Eu sou prima do famoso *Gato de Botas*. Compre-me um chapéu e eu arrranjarei sua vida. Chico comprou-lhe o chapéu...

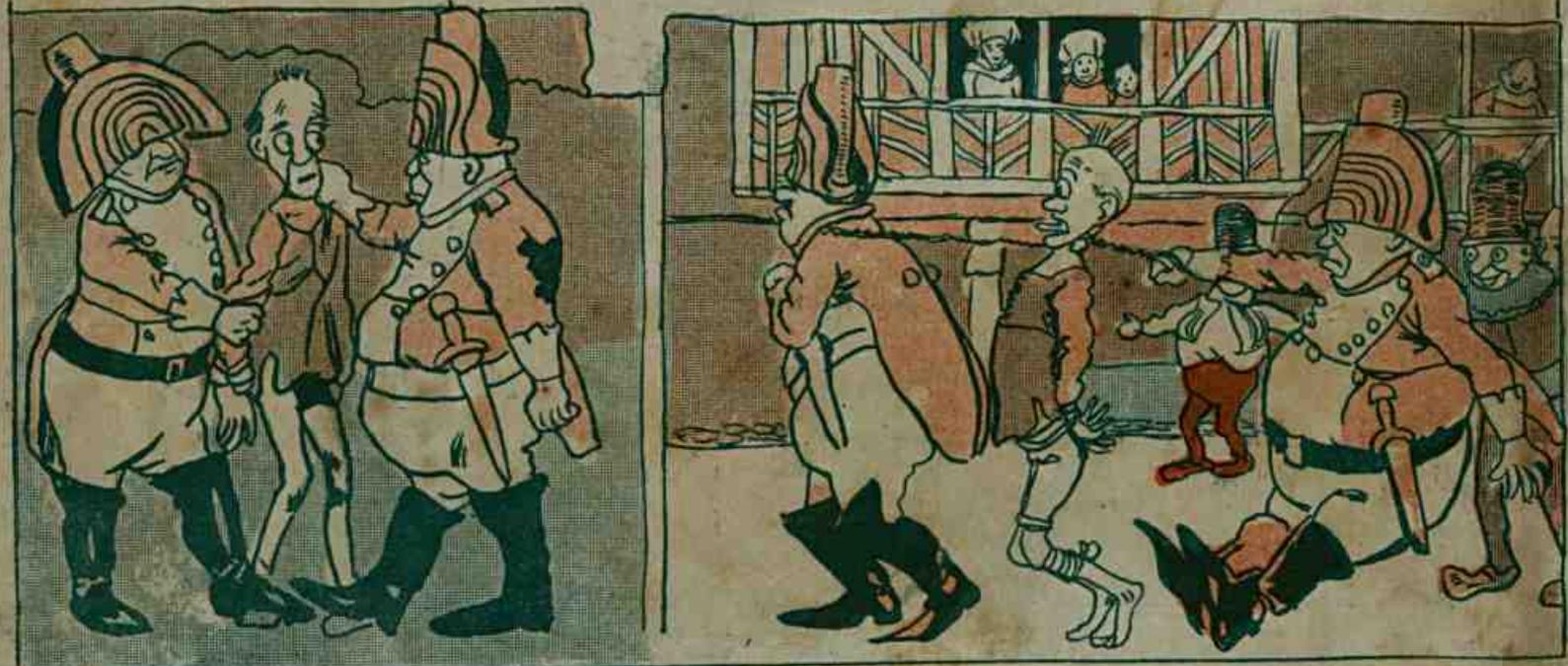
3) ...e a gata sahiu a passear pela cidade, recommendando a Chico que a imitasse. Quando encontravam uma pessôa importante, a gata tirava o chapéu e o Chico tambem...

4] ...cumprimentava. Quando encontravam uma pessôa sem valor, a gata ia passando e o Chico tambem. Em pouco tempo espalhou-se pela cidade a fama de que o Chico era um rapaz tão intelligente...

5) ...que só pelo aspecto sabia distinguir a gente séria dos vagabundos. Um dia, porem, encontaram um sujeito tão singular...

6) ...que a gata ficou hesitante — Ora esta! — exclamou ella — Pelo aspecto parece-me um vagabundo...

7/... mas cheira-me a fidalgo. Vamos seguil-o. Seguiram o typo suspeito.

8) ...e viram-o entrar na casa de um velho muito rico, que morava sósinho. Chico e *Blanchette* notaram isso e retiraram-se.

9) No dia seguinte, a policia encontrou o velho assassinado e todo o seu dinheiro tinha desappparecido. Suspeitaram logo de um operario, desempregado...

10) ...que fôra visto nos arredores da casa. Prenderam o pobre operario, mas *Blanchelle*, depois de farejal-o, disse a Chico: — Este homem não cheira a sangue: não é este o criminoso.

(*Conclúe na pagina seguinte*)

BLANCHETTE, A PRIMA DO GATO DE BOTAS
(CONCLUSÃO)
11) O verdadeiro assasino era, de certo, aquelle homem disfarçado. Vamos procural-o. E a gata...
12) ...dirigiu-se para o logar onde iam enforcar o operario. Nesse momento, o rei vinha com a côrte assistir á execução. A Gata ia cheirando a todos, até que disse :—E' este!
13) E mostrava um orgulhoso fidalgo, que galopava num fogoso corsel, logo após os ministros. Confiante na perspicacia de *Blanchette*, Chico parou diante do rei e, respeitosamente, disse :
14)— Real Senhor! O carrasco vai enforcar um innocente. O criminoso não é elle, é este! E apresentou o fidalgo orgulhoso. O fidalgo quiz atirar-se a Chico, mas o rei...
15] ...deteve-o e intimou Chico a provar o que dizia. Chico partiu e, acompanhado pelo marechal da côrte, foram a casa...
16] ...do fidalgo e lá encontraram sua roupa de disfarce, ainda tinta de sangue. Immediatamente puzeram em liberdade o operario, que se atirou, agradecido...
17) ...aos pés de Chico. E o rei, satisfeito por ver evitada uma injustiça, fez nesse dia duas nomeações. Nomeou o Chico chefe de sua policia real e nomeou *Blanchette* coronela do regimento de gatos, encarregado de combatar os ratos no Paço.

O ENXOVAL DA BONECA
1) No dia em que Julieta completou onze annos, papai e mamãi deram-lhe uma linda boneca, do tamanho de uma creança, e com um enxoval completo: camisas, vestidos, toucas, etc...
2) Julieta gostou muito d'esse presente, mas, no dia seguinte, Eulalia, sua velha ama, sahindo á compras, convidou-a para ir vêr uma pobre operaria, que morava na vizinhança e tinha um filhinho...
3) ...recem-nascido. Julieta foi e, logo ao entrar, ficou emocionanada ao vêr a miseria em que a operaria vivia. Eulalia explicou-lhe que, por isso mesmo, vinha trazer-lhe alguns mantimentos. Porém...
4) ...o que mais interessou Julieta foi a creancinha, que estava num berço tosco, tão linda, tão pequenina e embrulhada nuns trapinhos. — Que quer?!... — disse Eulalia — Esta pobre mãi não póde comprar roupa para seu filhinho. Chegando a...
5) ...casa, Julieta não hesitou:—Pois então, minha boneca, que é de louça, não sente frio, tem tanta roupa e aquella creancinha ha de viver enrolada em trapos? Juntou todo o enxoval da boneca...
6) ...e foi leval-o á operaria, que ficou radiante com a offerta. Só depois de ter feito isso, num impeto de piedade, é que Julieta se lembrou de que não havia consultado mamãi. Mas...
7) ...mamãi não se zangou, ao contrario. Achou que assim o enxoval da boneca estava muito bem empregado e ainda deu á Julieta um cobertor e varias peças de fazenda...
8) ...para fazer mais roupa para o innocentinho. Hoje Julieta é madrinha do filho da operaria, e todo o dinheiro que papai lhe dá ella emprega em vestidos e brinquedos para seu afilhado.

O MILAGRE DO NATAL

As rosas, que salvam os pobres

O castello, de aspecto pesado e massiço, destacava-se na paysagem de neve, como um symbolo da força e da altivez, lá no alto da collina, muito acima da pobre aldeia, onde a gente do povo vivia trabalhando, soffrendo miseria, sujeita ás exigencias e crueldades do fidalgo.

Aquelle era o castello do muito nobre e poderoso Sr. conde de Monforte, o solar imponente, onde elle tinha seus homens d'armas, vestidos com couraças reluzentes, onde elle ruminava os ataques ousados a outros castellos dos arredores ou combinava com seus lacaios as imposições e monstruosidades que impunha ao povo.

Alli estava o castello do qual ninguem se approximava sem pavor, tão conhecidos eram os habitos de perfidia, dureza e fantazia sanguinaria do nobre e poderoso conde.

A' porta, junto á ponte levadiça, uma sentinella, armada de alabarda, espada e punhal, cochilava tristemente.

Mas estava-se na vespera do Natal. A neve estendera sobre toda a região seu manto de absoluta alvura, cobrindo os campos, as arvores já sem folhas, as palhoças humildes e o proprio castello sobranceiro.

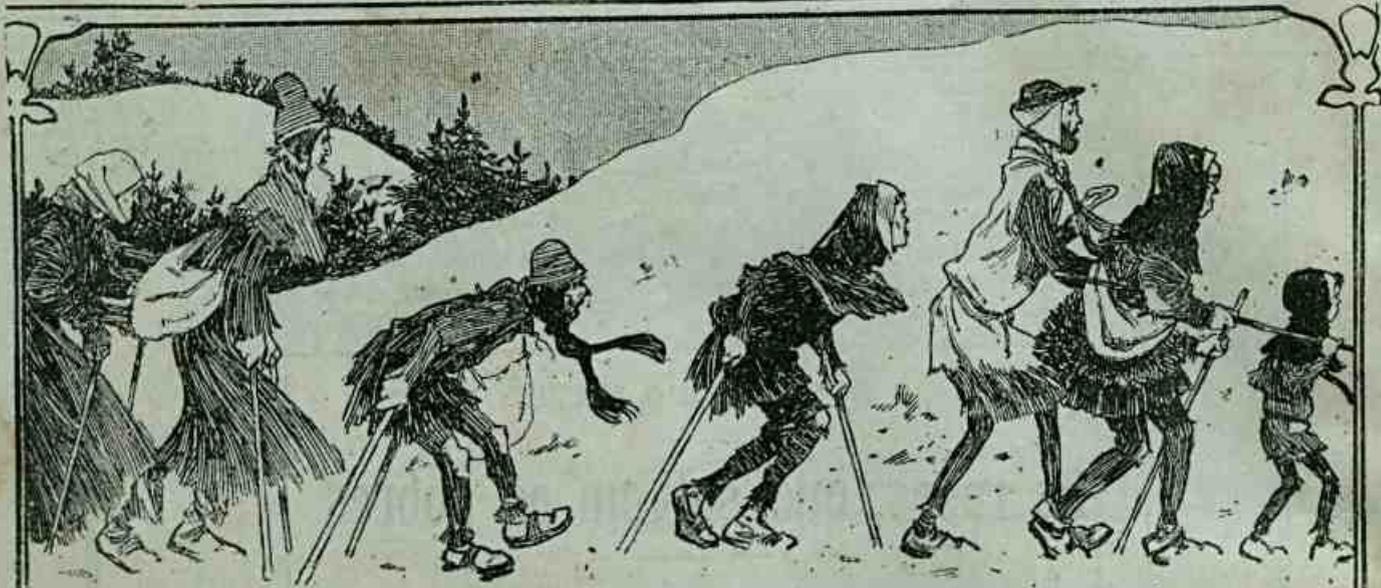
Era a vespera de Natal! Os sinos cantavam alegremente e seu echo, repercutindo, de encosta em encosta, parecia dizer a todos os entes vivos da terra:

— Maravilha! Ouvi a mais linda e admiravel maravilha. Jesus nasceu! O Menino Deus está entre os homens, no mundo, para soffrer com elles, e ensinar que só ha uma religião: — a da bondade, do perdão e da misericordia; para nos dizer a grande e santa piedade: — que todos os homens são irmãos, que nos devemos amar uns aos outros...

Mas, ao mesmo tempo, debaixo de um capuz de neve, curvadas ao vento, as arvores pareciam perguntar umas ás outras:

— Mas, que estranho cortejo é esse que se dirige para o castello?... Que estranho cortejo! Todo elle é composto de infelizes, velhos que mal podem andar, creanças que têm sobre o corpo delicado apenas alguns farrapos, aleijados, que se arrastam penosamente com o auxilio de muletas ou cajados...

E as arvores, caridosas e bôas, habituadas a agazalhar os homens sob sua sombra, a lhe dar seus fructos para alimental-os, suas folhas para formar o leito dos mais pobres, sua madeira para lhes servir de lenha, ou de material, para a construcção de seus casebres, as arvores, compassivas e meigas, curvavam-se ainda mais, como para dizer áquelles desgraçados:

—Suspendam! Voltem! Não se approximem d'aquelle

castello medonho e mais cheio de perigos do que o despenhadeiro. Lembrem-se de que do fidalgo cruel, que alli habita, nada se pode esperar de bom. Elle é o caçador infatigavel, que todos vêem passar com brilhante sequito de pagens e guerreiros, ao som de trompas agudas, montado em seu cavallo negro, com a bocca cheia de espuma e de crinas agitadas; elle é o fidalgo insaciavel e feroz, que para manter o luxo inutil de sua vida, para enthesourar a fortuna, que sua avareza ambiciona, não hesita em declarar guerra a outros fidalgos, seus vizinhos, para assaltar e saquear suas moradas; elle é o homem, que não tem, nunca teve, piedade com o infortunio e arranca aos pobres camponezes, a pretexto de impostos, tudo quanto conseguem ganhar no rude trabalho da terra. Não vão até lá !

— Vamos — dizem os pobres — Vamos ao castello, sim, porque agora não existe apenas o fidalgo cruel ; sua filha, a joven e formosa dama, que ha pouco chegou de uma escola distante, é um anjo de bondade. Que nos importa o fidalgo se nós vamos attrahidos por aquella creatura doce e carinhosa, por suas tranças louras, seus olhos azues, seu coração, que de todos se compadece, suas mãos tão alvas e pequeninas, que sempre encontram uma esmola para nos dar ? E' ella que nós procuramos, assim, com tanto esforço e fadiga, na noite de Natal.

E as muletas enterravam-se mais fortemente na neve ; os aleijados amparavam-se aos sãos, os cégos deixavam-se guiar pelas creanças e todos se apressavam, subindo pela collina ingreme e difficil.

* * *

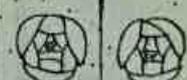
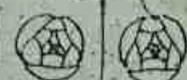
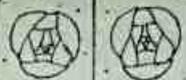
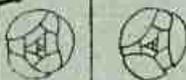
Entretanto, na maior e mais luxuosa sala do castello, o conde, no meio de seus sinistros homens de armas e de outros fidalgos egualmente dissolutos, seus companheiros de aventuras tumultuosas, divertia-se com os prazeres brutaes, os unicos que sua alma comprehendia.

Grandes copos transbordantes de vinhos, dados para jogar a riqueza, a vida e a honra, danças grosseiras e canções de guerra. O conde só se sentia feliz, passando a noite assim : cantando, jogando, dançando e bebendo até cahir anniquilado pelo alcool.

Entretanto, numa torre isolada, cujo perfil se desenhava nitidamente sobre o céu nublado, a filha do conde, pensativa, curvava a linda cabeça sobre um livro de orações.

Está só. Pela janela, atravez das vidraças fechadas por causa do frio, um raio de luz, muito tenue, lança no aposento uma claridade vaga. Não é possivel que com claridade tão vaga, a doce e meiga Isabel esteja lendo no grande livro luxuoso. De duas uma — ou ella está repetindo as orações que conhece de cór ou está apenas reflectindo.

Sim Isabel reflecte ; só a tristeza estampada em seu rosto denuncia que seus pensamentos são dolorosos.

Ella está pensando em sua mãi, que era tambem bôa e caridosa e morreu tão moça ainda, abatida pelo desgosto que lhe causava o genio, perverso e implacavel do conde; está pensando em sua situação, alli, naquelle castello sombrio, onde só vê a maldade, o cynismo, a impiedade.

Com 15 annos apenas, uma creança ainda, Isabel já vê a existencia tão triste que se sente cançada de viver.

Porque ha no mundo tanta miseria, tanto soffrimento ? Isabel não o comprehende. Porque motivo os ricos, os poderosos não reservam um pouco do que lhes sobra para alliviar a pobreza dos que não têm cousa alguma ?

A indifferença de seu pai a toda a tristeza em que vive o povo da aldeia parece-lhe uma monstruosidade ; o luxo desordenado que o conde ostenta, em face da miseria dos camponezes, parece-lhe uma insolencia revoltante. Toda a gente que cerca seu pai parece-lhe tão má... E é essa gente que torna seu pai assim ,deshumano e rude.

Isabel levanta-se, com um gesto de colera infantil. Como detesta aquella gente ! Nem um só dos que vêem ao castello desperta sua sympathia e, por isso, é que ella vive assim, tão só, em sua propria casa, sem amigos...

Sem amigos ? Sim, no castello não os tem, mas, lá fóra, na aldeia modesta, nas choupanas pauperrimas dos campos, ha dezenas de infelizes, cujos rostos se illuminam com um sorriso só de ouvir pronunciar seu nome. Aquelles é que são seus amigos, para elles é que ella reserva os thesouros de infinito carinho, contidos em seu coração.

A moça chega á janella, lá estão : os velhos, os aleijados, os cégos, as creanças sem pai, todos os amigos alli vêem, galgando dolorosamente a collina para lhe trazer a saudação de Natal, para buscar, talvez, alguns alimentos. Quantos d'elles não terão passado fome ainda naquelle dia !

Passar fome na vespera de Natal ! Não, isso não pode ser. Isabel vai sahir-lhes ao encontro, levar-lhes, ao menos, pão, um pouco de pão para as creancinhas, para os velhos, para os invalidos, que a procuram.

Mas é preciso ter cuidado. O conde não admitte que se façam esmolas e toda a criadagem anda alerta a vigial-a para que não desobedeça á ordem cruel.

Felizmente, não ha alli pessôa alguma; correndo, assustada, como se praticasse uma acção má, Isabel tira de um armario uma cesta de pão, occulta-a sob seu manto de velludo e sahe cautelosamente.

Mas o intendente do castello, occulto por detraz de uma columna na galeria dos retratos, vê-a passar e corre ao salão do festim. Approxima-se da mesa, curva-se para o conde e falla-lhe ao ouvido.

O conde franze o sobr'olho com ar ameaçador. Em seu cerebro, já meio perturbado pelo vinho, uma grande colera irrompe. Elle levanta-se, e, convidando seus amigos a seguil-o, sahe guiado pelo intendente, que ainda explica :

— Um grande cesto... eu vi... de certo contem esmolas para dar ao povo infame, que ella protege...

O conde ouve e aperta as mãos, com furia, rangendo os dentes.

—Desobedecer-lhe, que ousadia ! E para que ? Para se metter com esses miseraveis que só merecem chicote...

Corre pela neve, seguido por todo o bando de aventureiros e ebrios.

vê a certa distancia a silhueta esbelta e delicada de Isabel e grita com voz formidavel:

— Alto lá, senhora! Onde ides assim a correr, fóra do castello, a semelhantes horas?

A moça, livida e tremula de terror, deteve-se, sentindo todo o sangue gelar-se-lhe nas veias.

— E dizei-me senhora — acrescentou o conde mais furioso ainda— Que é o que occultou debaixo d'esse manto? Deixe-me vêr. Que é o que tendes ahi?

E Isabel, attonita, perdendo a noção das cousas e do momento, incapaz de raciocinar naquella afflicção, respondeu a primeira tolice que lhe passou pela cabeça.

— Que tenho aqui? — balbuciou ella — Rosas... apenas algumas rosas... Sahi de casa sómente para colhel-as.

O conde teve uma gargalhada zombeteira, que todo o grupo de seus amigos, repetiu gostosamente.

— Rosas! — exclamou afinal o conde, fitando a filha, com ar terrivel — E onde já se viram rosas num tempo de frio e neve como este? Pois bem, já que mentis assim, vou dar-vos o castigo que mereceis. Afastai esse manto e se não me apresentardes as rosas de que fallaes, por minha espada, eu juro que mandarei enforcar toda essa canalha que ahi vem, pela encosta á sua procura.

Ouvindo ameaça tão formidavel, Isabel ficou immovel. Santo Deus! Que fazer? Para que dissera tão grande disparate?! Fallar em flôres naquelle tempo!

E os infelizes da aldeia iam pagar com a vida essa mentira!...

Mas o conde, impaciente, não quizera esperar mais. Sua mão pesada estendeu-se e afastou o manto.

E todos recuaram estupefactos. O cesto que Isabel tinha nas mãos estava cheio de rosas, verdadeiras rosas frescas e perfumadas como as que nascem na primavera, quando os campos são verdes e o sól radiante.

* * *

Contam as velhas chronicas, que esse milagre produziu no espirito do conde transformação salutar. Impressionado pelo prodigio, elle ficou um longo momento quieto e silencioso, reflectindo e contemplando sua filha, que beijava as rosas, chorando de alegria.

Depois o fidalgo fez para o grupo de libertinos um gesto que significava:

— Afastai-vos todos.

Elles quizeram voltar para o castello, mas o conde indicou-lhes a estrada, dizendo com voz surda:

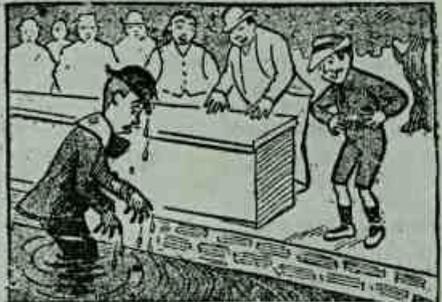
— Não. Para fóra, para longe d'aqui, para sempre, muito longe d'aqui. Não os quero mais vêr.

Depois, subindo á sala do banquete, encheu elle mesmo duas cestas com toda as iguarias que encontrou, e com roupas de inverno, dinheiro... tudo quanto encontrou á mão; e carregando as cestas, foi-se collocar atraz de Isabel para lhe significar, que, d'ora avante queria ser seu servo, já que ella personificava a caridade.

A MANIA DA IMITAÇÃO

1) Paulino ganhou uma bengala nova, e muito satisfeito foi passear...

2) ...no jardim da praça da Republica, a voltear a bengala. Porém, encontrou um amiguinho...

3) ...que, vendo a bengala em sua mão, quiz lhe mostrar suas habilidades de equilibrista.

4) De facto, elle equilibrava muito bem a bengala. Vendo que todos o admiravam, Paulino...

5) ...disse logo: — Ora! Isso eu tambem faço. E, pondo a ponta da bengala no queixo...

6) ...tanto andou para diante e para traz, que cahiu no rio do jardim. Foi o castigo de sua pretenção.

Altitude dos principaes pontos culminantes do Brazil

AMAZONAS

	Metros
Pico de Roraima	2.600

MARANHÃO

	Metros
Mangaberas	720

CEARÁ

	Metros
Serra Ibiapaba (ponto culminante)	1.020
Serra de Maranguape	920
Serra de Maruóca	650
Serra do Aratanha	780
Serrote do Joá	620

PARAHYBA

	Metros
Cordilheira de Borborema	900

PERNAMBUCO

	Metros
Amaro	1.223
Serra do Gigante	921
Serra de Garanhuns	845
Serra do Exu'	631

ALAGÔAS

	Metros
Garganta da serra do Olho de Agua de Paula	301
Jatobá	209

SERGIPE

	Metros
Serra de Itabaiana	860

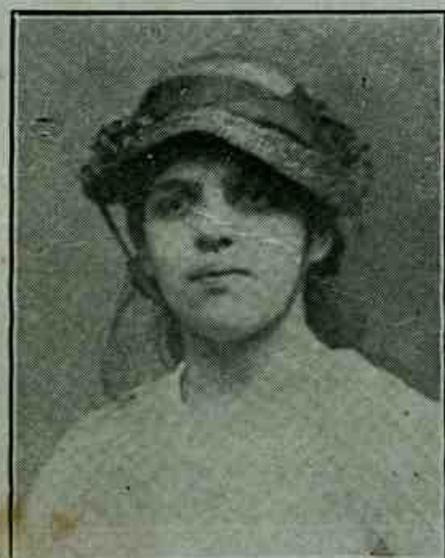
BAHIA

	Metros
Pico das Almas	1.300
Morro de Commandatuba	600
Monte Paschoal	536
Cimo da Serra Grande	500
Serra de Itiúba	436

ESPIRITO-SANTO

	Metros
Serra de Itapemirim	2.100
Serra de Itabapoana	1.430
Morro Mestre Alvares	980

RIO DE JANEIRO

	Metros
Serra dos Orgãos, Pedra Assu'	2.232
Serra dos Orgãos, pico medido por Liais	2.011
Serra das Almas, trez Picos do Matheus	1.880
Frade de Macahé	1.750
Serra do Tinguá	1.650
Morro do Frade (Mambucaba)	1.640
Serra da Onça	1.400

Diva, dilecta filha do Dr. Theophilo Pereira, estimado chefe da Secção Civel, do Supremo Tribunal Federal.

DISTRICTO FEDERAL

	Metros
Pico de Andarahy	1.025
Pico do Corcovado	700
Paineiras (Corcovado)	464
Pão de Assucar	385
Antiga Caixa da Carioca	209

MINAS GERAES

	Metros
Itatiaya (Agulhas Negras)	2.994
Itatiaya (Pyramides)	2.500
Pico do Passa Quatro (Serra da Mantiqueira)	2.252
Serra do Caraça	1.955
Pico do Itambé	1.817
Alto da serra da Piedade em Sabará	1.787
Pico de Itacolomy (Ouro Preto)	1.750
Pedra Branca, junto á cidade de Caldas	1.710
Pico de Itabira do Campo	1.520
Morro da Moeda	1.455
Alto da Serra na estrada de Barbacena	1.288
Serra do Ouro Branco, ao Sul de Ouro Preto	1.260

S. PAULO

	Metros
Lapa do Picu' (Mantiqueira)	2.200
Pico do Tembé	2.000
Serra do Macuco	1.400
Serra de S. Roque	900

PARANÁ

	Metros
Paranápiacaba	1.668
Serra da Ribeira	1.000
Grapuava	1.005
Curityba	869

SANTA CATHARINA

	Metros
Serra do Mar	1.232
Lages	987

RIO GRANDE DO SUL

	Metros
Alf. Chaves	858
Ant. Prado	770

	Metros
Caxias	805
Lagôa Vermelha	800
S. Franc. Paula	922

MATTO GROSSO

Serra dos Parecys	900
Serra de Maracajú	618
Nyoac	220

GOYAZ

Chapada dos Veadeiros	1.600
Serra dos Pyreneus	2.310
Serra da Tabatinga	880

Distancia em milhas do Rio de Janeiro a Manáus e Porto Alegre

PARA O NORTE

	Milhas
Rio de Janeiro á Bahia	734
Bahia a Maceió	270
Maceió a Recife	120
Recife á Parahyba	70
Parahyba a Natal	78
Natal á Fortaleza	260
Fortaleza a S. Luiz	360
S. Luiz a Belém	250
Belém a Breves	146
Breves a Gurupá	123
Gurupá a Porto de Móz	48
Porto de Móz a Prainha	06
Prainha a Montalegre	41
Montalegre a Santarém	60
Santarém a Obidos	68
Obidos á Villa-Bella	95
Villa Bella á Itacoatiara	137
Itacoatiara á Manáus	110

Rio de Janeiro á Bahia	734
Rio de Janero a Recife	1.124
Rio de Janeiro á Fortaleza	1.532
Rio de Janeiro a S. Luiz	1.892
Rio de Janeiro a Belém	2.142
Rio de Janeiro a Manáus	3.066

PARA O SUL

Rio de Janeiro a Santos	202
Santos a Paranaguá	142
Paranaguá a Antonina	15
Antonina a S. Francisco	29
S. Francisco a Florianopolis	65
Florianopolis a Rio Grande	349
Rio Grande a Pelotas	27
Pelotas a Porto-Alegre	106

Rio de Janeiro a Santos	202
Rio de Janeiro a Paranaguá	344
Rio de Janeiro a Antonina	359
Rio de Janeiro a S. Francisco	388
Rio de Janeiro a Florianopolis	453
Rio de Janeiro a Rio Grande	802
Rio de Janeiro a Pelotas	829
Rio de Janeiro a Porto-Alegre	935

De Montevidéo á Cuyabá	2.091

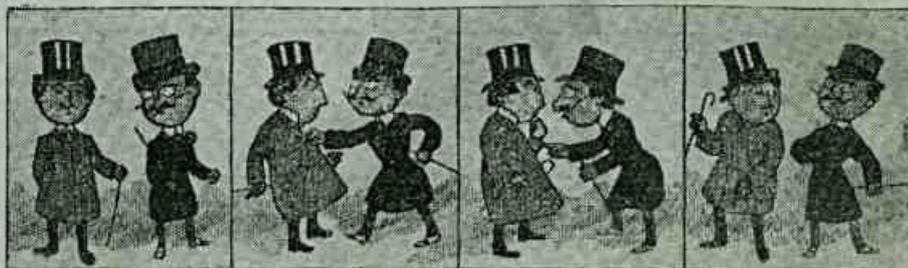
Rios principaes com a extensão approximada

BACIA DO AMAZONAS

	Kms.
Amazonas	5.400
Madeira	3.240
Purús	3.000
Tocantins	2.640
Araguaia	2.627
Tapajoz	1.992
Pingú	1.980
Juruá	1.980
Japurá	1.848
Guaporé	1.716
Negro	1.551
Içá	1.452
Jutahy	1.056
Teffé	990
Javary	660
Coary	594
Branco	560

BACIA DO RIO DA PRATA

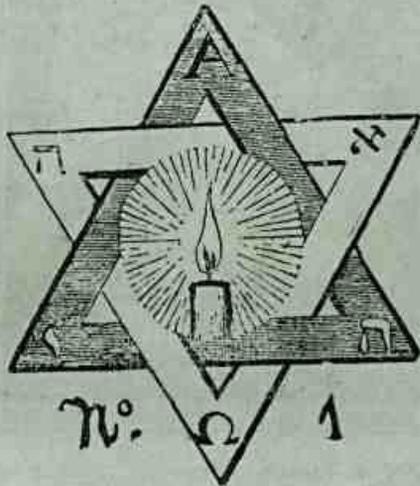
	Kms.
Paraná	4.330
Paraguay	2.078
Uruguay	1.650
Frande (Minas)	1.353
Iguassú	1.320
Tieté	1.122

UM HOMEM ZANGADO

1) Oh! Porque estará esse sujeito me olhando tanto? 2) O' *seu* cousa! Porque me está olhando d'esse modo? 3) Mas, responda! Vamos! Não vê que lhe estou fallando? 4) Hein? Que é isso? Então o senhor me affronta e ainda quer me dar as costas...

5) ...sem uma satisfação, sem nada? Alto lá! O senhor não sabe com quem está fallando. 6) Eu sou o capitão Serapião e o senhor vai já... immediatamente... 7) ...apresentar-me as desculpas mais humildes e mais completas senão... 8) ...eu viro-o pelo avesso! Está ouvindo? Que?... não me apresenta desculpas?...

9) Ah! não?... E pensa que deixarei que as cousas fiquem assim?... 10) Ora, toma! Isto para que o senhor aprenda a não faltar com o respeito a um homem como eu... 11) E nem assim o senhor se resolve a me dar desculpas... 12) Então, toma mais esta e mais esta... Cachorro! Atrevido! Insolente...

13) ...Valdevinos, malcreado... Qué, elle perdeu os sentidos? 14) Sim, senhores policiaes... Fui eu, mas meu procedimento foi muito natural... 15) Este sujeitinho insultou-me, dizendo os mais violentos e grosseiros insultos... 16) Não é possivel? Porque?... Que me diz? Este pobre diabo é surdo-mudo de nascença? Por esta não esperava eu!...

Adahil, filhinho do capitão Aristides da Costa Braga, nosso estimado companheiro de trabalho e da Exma. D. Alzira da Silva Braga.

	Kms.
Paranahyba	957
Paranapanema	660
BACIA DO S. FRANCISCO	
S. Francisco (Liais)	2.900
Rio das Velhas (navegavel)	1.135
Verde Grande (40 kms., navegavel)	792
Paracatú	627
Preto (affl. do Paracatú)	528
Urucuia	501
BACIAS SECUNDARIAS	
Parnahyba (do Piauhy, navegavel até á foz do Canindé)	1.716
Itapicurú (do Maranhão)	1.650
Mearim (do Maranhão)	1.005
Jequitinhonha	1.082
Doce	977
Canindé	858
Gurupi	800
Parahyba do Sul	792
Pardo (Bahia)	792
Rio de Contas (Bahia)	550
Vasa-Barris (Sergipe)	530
Mucuri	528
Paraguassú (Bahia)	520

A HORA NO BRAZIL

Differença de horas entre as cidades brasileiras

Quando na Capital Federal é meio dia:

	H.	M.	S.
Rio de Janeiro	12	0	0
Manáus	10	52	41
Belém	11	38	45
S. Luiz	11	55	34
Therezinha	12	1	56
Fortaleza	12	18	29
Natal	12	31	28
Parahyba	12	23	16
Recife	12	33	7
Olinda	12	33	13
Maceió	12	29	51
Aracajú	12	24	12
S. Salvador	12	18	36
Victoria	12	11	34
Petropolis	12	0	0
Parahyba do Sul	11	58	30
Nictheroy	12	1	1
Campos	12	7	4
S. Paulo	11	46	8
Santos	11	47	25
Campinas	11	44	12
Amparo	11	45	16
Rio-Claro	11	42	4
Casa-Branca	11	43	36
Piracicaba	11	41	52
Sorocaba	11	42	48
Taubaté	11	50	20
Curityba	11	34	52
Paranaguá	11	38	40
Antonina	11	37	24
Florianopolis	11	38	36
S. Francisco	11	38	0
Porto Alegre	11	27	40
Pelotas	11	22	44
Rio Grande	11	23	48
Bagé	11	15	56
Uraguayana	11	4	36
Alegrete	11	9	8
Itaquy	11	6	52
Jaguarão	11	18	52
Livramento	11	10	36
S. Gabriel	11	14	28
Ouro Preto	11	56	32
Barbacena	11	56	44
Juiz de Fóra	11	58	48
Leopoldina	11	58	20
S. João d'El-Rey	11	54	52
Campanha	11	51	8
Mariana	11	57	0
Uberaba	11	40	12
Goyaz	11	32	12
Guyabá	11	8	16
Corumbá	11	2	8

Denir, robusto filhinho do Sr. Carlos Pinto Souza e D. Maria Candida Souza, residentes nesta capital.

ALBUM DO «ALMANACH DO TICO-TICO»

Carlos Gonçalves Botelho, assiduo leitor do "Tico-Tico", residente nesta Capital e filho do Sr. Jacintho Cezar Botelho.

Enedina, robusta filhinha do nosso activo agente em Vassouras — Estado do Rio, Sr. Arlindo Moreira.

José Romeu Stavale, distincto alumno do Collegio dos Missionarios do S. C. de Jesus, em São Paulo.

A POPULAÇÃO E O TERRITORIO DO BRAZIL

	ESTADOS	AREA EM KLMS. QUADRADOS	POPULAÇÃO	HABITS. POR KLM. Q.
1	Alagôas	58.491	937.920	16,03
2	Amazonas	1.897.020	288.000	0,15
3	Bahia	426.427	2.802.000	6,57
4	Ceará	104.250	1.200.000	11,41
5	Districto Federal	1.394	876.000	62,80
6	Espirito Santo	44.839	241.920	5,39
7	Goyaz	747.311	408.000	0,54
8	Maranhão	459.884	792.000	1,72
9	Matto-Grosso	1.379.651	188.400	0,13
10	Minas-Geraes	574.885	5.132.880	8,95
11	Pará	1.149.712	782.880	0,69
12	Parahyba	74.731	716.200	9,59
13	Paraná	221.319	432.000	1,95
14	Pernambuco	128.395	2.507.400	19,50
15	Piauhy	301.797	510.000	1,68
16	Rio Grande do Norte	57.485	488.640	8,51
17	Rio Grande do Sul	236.553	1.620.000	6,84
18	Rio de Janeiro	68.972	1.560.000	22,60
19	Santa Catharina	74.156	486.960	6,86
20	São Paulo	290.876	3.024.000	10,39
21	Sergipe	39.090	540.000	13,81
	Total	8.337.218	25.534.200	3,85

A FESTA DO ANNO BOM

O mez de Janeiro, que começa o anno no calendario actualmente em uso, era antigamente dedicado pelos Romanos ao deus *Jano*.

Os Romanos, embora muito adiantados em todas as artes e algumas sciencias, tinham a convicção de que existiam varios deuses, um para cada cousa, e imaginavam deuses especiaes para tudo.

Jano era por elles imaginado o deus da guerra e faziam sua imagem com duas caras, uma tranquilla e sorridente, outra severa e terrivel, para significar que a guerra é uma cousa horrenda para uns e vantajosa para outros.

Emquanto Roma estava em paz os templos de *Jano* mantinham-se fechados, mas desde que se declarava uma guerra, abriam-se todos.

Do nome de *Jano*, veiu o nome de *Janeiro*.

Mas a principio não era costume entre as nações festejar o começo do anno; foi no Egypto que se estabeleceu esse uso e é por um motivo muito diverso do que se festeja hoje; os Egypcios não festejavam o principio do anno pelo proprio facto de começar um anno novo, e sim porque o primeiro mez do anno coincidia com o principio da enchente do Nilo, o grande rio cujas aguas fertilizavam as terras d'aquelle paiz.

Quando o Nilo não tinha enchente e suas aguas não inundavam as immensas planicies que o cercam, as sementeiras não produziam trigo, nem milho, nem arroz, e havia nesse anno grande miseria no Egypto; o povo passava fome.

Por isso toda a gente festejava o inicio da enchente, que garantia a fertilidade da terra e dava certeza de que haveria fartura em todo o anno.

Na Grecia adoptou-se o costume, embora o principio do anno não significasse nenhum bem immediato e certo. Então faziam a festa dedicada ao deus *Chrono*, que elles julgavam ser o deus do tempo.

Do nome de *Chrono* formou-se a palavra chronologia, que significa a contagem do tempo.

E pouco a pouco o uso espalhou-se e ficou... por causa das chuvas do Nilo.

— Simplicio lê, n'uma revista, um estudo sobre os vegetaes que se movem.

— Plantas que andam! isto é peta!

Mas depois de madura reflexão, o bocó, acrescenta:

— E' verdade que existe a planta... dos pés.

A liberdade de Stella

COMEDIA EM 1 ACTO PARA CREANÇAS

A scena se passa na mais alta sala de uma torre isolada ; nesta sala ha uma porta, uma janella, que fica exactamente por cima de uma mesa, uma cadeira e um banco pequeno.

PERSONAGENS : Stella, Amanda, sua ama, o Cavalleiro Bom-Humor, Vivaldo, seu pagem

COMO SE PREPARA O PALCO

O palco pode ser arranjado em qualquer salão. As paredes da sala da torre serão representadas por dous biombos entre os quaes se deixa um espaço de 40 centimetros. Esse espaço, tapado por taboas ou simplesmente por um panno esticado, representará a janella, junto da qual serão postas a mesa e a cadeira.

VESTUARIOS

Stella — Saia preta, com o cós muito alto, quasi de baixo dos braços, grande golla cahida de velludo tambem preto, ornado com vidrilhos, mangas em fôfos, barrete de velludo negro, ornado com um galão de ouro.

Amanda — Vestido de lã de côr escura, com pala de *mousseline* branca; cinto muito alto, feito com uma fita larga, golla de renda; chapéu pontudo, alto, á moda da Edade Média, feito de papelão coberto com panno da mesma côr e ornado com um grande véu de gaze.

Os personagens da comedia : O pagem "Vivaldo", o "Cavalleiro Bom Humor", "Stella" e "Amanda".

O Cavalleiro Bom Humor — Casaco curto, de velludo azul, com mangas curtas, aberto sobre uma camiseta branca; calças curtas, acima dos joelhos, meias compridas (azul claro), barrete florentino de velludo azul com uma pluma branca. Cinto de couro e espada.

O Pagem — Vestuario semelhante, com mangas largas e compridas; barrete sem pluma e sapatos mais simples.

SCENA I

STELLA, *só, está sentada e desfolha uma margarida, dizendo, á proporção de arrancar as pétalas, uma a uma* — Sahirei d'aqui ? Não sahirei ?... Sahirei, não sahirei ?... (*Arranca a ultima pétala*) Não sahirei ! (*Atira a flôr ao chão, com impaciencia*). Que flôr estupida ! Não sabe o que diz. Já desfolhei uma duzia e umas dizem que conseguirei sahir d'esta torre, onde estou aprisionada, outras dizem que não... Como acreditar nellas ? Francamente, prefiro dar fé ás que affirmam que hei de recobrar a liberdade... porque é impossivel que eu fique para todo o sempre aqui fechada, sem vêr pessôa alguma e obrigada a fallar sósinha... para não enlouquecer de aborrecimento, neste isolamento e neste silencio... Quem me virá libertar ?

SCENA II

Estella e Vivaldo, que entra com um cestinho

VIVALDO, *pondo um joelho em terra, diante de Stella* — Senhorita !... (*Stella volta-se para outro lado. Vivaldo levanta-se rapidamente e vai se ajoelhar diante d'ella*) Senhorita !... (*Stella volta-se de novo. O pagem repete a manobra*) Senhorita !... (*Stella insiste em dar-lhe as costas e o pagem resolve-se afinal a fallar assim mesmo*) Senhorita !... Como de costume, trago-lhe sua refeição. Mas d'esta vez... (*Abaixa a voz e toma um ar mysterioso*) d'esta vez a senhora encontrará, no fundo do cesto, alguns d'aquelles deliciosos bolos, que sómente sua ama sabe fazer tão bem.

STELLA, *com ar aborrecido, sem se voltar* — E que me importa isso ? Não quero esses bolos. (*Voltando-se vivamente*) Vivaldo ! Ouça ! Eu não posso continuar a viver assim, prisioneira; é absolutamente preciso que arranjes um meio de me fazer fugir d'aqui...

VIVALDO, *suspirando* — Ah ! senhorita ! Eu bem quizera satisfazer seu desejo... mas não vejo um meio.

STELLA — Como não vê ? Procure ! Você não está aqui preso... pode sahir, procurar auxilio...

VIVALDO, *pondo-se de pé* — Pensa que eu sou livre ? Só tenho a liberdade de andar para cima e para baixo, na torre. Mas sahir, nunca ! Vivo fechado no subterraneo, de onde nem sequer posso vêr o céu, como a senhora.

STELLA, *desdenhosamente* — Vêr o céu ! Bonita distracção ! Esta janella só serve para attrahir os morcegos, que, á noite, entram por aqui a cada instante.

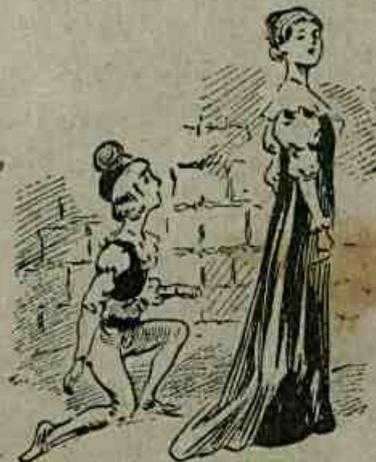
VIVALDO — E no subterraneo é cada rato d'este tamanho !...

STELLA — E não sahe nunca ?

VIVALDO — Nunca ! Minha unica alegria é de lhe vir trazer as refeições todos os dias, porque os soldados da guarda da torre têm preguiça de subir as escadas. Tambem não admira. Olhe que quinhentos e setenta e cinco degráus, não são graça.

STELLA — E porque estamos prisioneiros, eu e você ?

VIVALDO — Por uma vingança do terrivel duque de Curcy, inimigo de seu pai. Para que seu pai tivesse um grande desgosto, elle resolveu raptal-a e prendel-a aqui, e eu fui aprisionado tambem, porque tive a audacia de defendel-a...

STELLA — Mas, é preciso prevenir meu pai. Se elle soubesse onde eu estou, já teria vindo libertar-me.

No fundo do cesto encontrará uns bolos...

VIVALDO — Mas prevenil-o, como ? Esta maldita está collocada a tão grande distancia de seu castello, que elle nem pode desconfiar de que a senhora está aqui; e nem se lhe póde mandar um recado porque a gente do paiz não falla a nossa lingua e eu não a entendo. Mas não desanime, não perca a esperança. Talvez appareça outro salvador...

STELLA, *anciosamente* — Hein ! Que está dizendo ?... Sabe se alguem se prepara para me restituir a liberdade ?

VIVALDO — Eu, não sei... mas póde ser, não é? Eu digo isso para lhe ser agradavel.

STELLA — Ora, adeus (*uma pausa. Stella senta-se*) Vivaldo ?

VIVALDO — Senhorita ?

STELLA — Conte uma historia para me distrahir.

VIVALDO — Quem ?... eu ?... Mas eu não sei historias.

STELLA — Invente uma...

VIVALDO — Que invente ?... A senhora quer que eu invente ?... Eu não sei se sei inventar, mas vou experimentar. (*Senta-se no banquinho, finca um dêdo na testa*

com ar de profunda reflexão, cruza as pernas e balança rapidamente a ponta do pé) Emfim! Lá vai: Era uma vez... um camondongo, que, perdido no matto, aborrecia-se muito, coitadinho...

STELLA — Como eu. Pobre camondongo!

VIVALDO — O matto era muito grande... e muito escuro... de modo que elle não via cousa alguma...

STELLA — Como eu.

VIVALDO, *cada vez mais embaraçado para inventar a historia* — E estava com muito medo, mesmo porque não podia sahir do matto. Um grande gato andava rondando pelos arredores.

STELLA — Esse camondongo era um grande tolo. Eu, em seu logar, sahiria. Antes ser devorado pelo gato do que ficar preso toda a vida. Essa historia é prodigiosamente idiota, Vivaldo.

VIVALDO — Mas a senhora espere pelo fim, que é mais interessante...

UMA VOZ BRUTAL GRITA DE FÓRA — O' pagem miseravel! Desces ou não desces!

VIVALDO, *levantando-se e correndo para a porta* — Está vendo? Os guardas já estão me chamando. Com licença. Eu vou inventar o resto da historia lá em baixo. *(Sahe apressadamente)*

SCENA III

STELLA *só*

STELLA — E aqui estou eu outra vez sózinha e assim tenho que ficar até o fim do dia. Que horror! *(Senta-se e chora. Ao fim de alguns instantes, levanta-se de novo)* Mas esperem... Vivaldo fallou-me em bolos feitos por Amanda, minha bôa ama... e fallou-me num tom mysterioso... Quem sabe se isso não occulta algum segredo feliz? *(Abre o cesto e tira d'elle um ramo de flôres dos campos)* Flôres! Será possivel que os soldados brutaes tivessem essa lembrança? Ha já alguns dias minhas refeições vêm acompanhadas por flôres, que Vivaldo diz não saber de onde vêm. Têm sido minha distracção essas pobres flôres... *(Suspira)* Mas já estão se tornando monotonas. *(Tira do cesto um prato coberto)* Cá está minha ração de costume. Mas não vejo os bolos... Ah! Cá estão elles occultos debaixo de um papel. *(Leva á bocca um e prova-o)* Sim, não ha duvida, estão deliciosos. Dir-se-hia que foram mesmo feitos por Amanda. Pobre Amanda! Se ella estivesse aqui, em logar de Vivaldo, que lindas historias me contaria!...

(Ouve-se rumor de chave na fechadura e a porta abre-se vagarosamente).

SCENA IV

STELLA *e* AMANDA

AMANDA, *apparecendo á porta. Tem a roupa coberta de terra e folhas. Fecha a porta cautelosa e levando o dedo indicador aos labios, em signal de silencio, diz*: — Stella, minha querida Stella! Cuidado! Não grites.

STELLA, *precipitando-se para ella* — Minha bôa Amanda! Que alegria! Eu já pensava que nunca mais tornaria a vêr-te... Mas como conseguiste chegar até aqui?

AMANDA — Graças a Vivaldo.

STELLA — Aquelle pateta?

AMANDA — Elle se faz de pateta para que os guardas não desconfiem... Mas vês como estou? *(Mostra seu vestuario)* Vim até aqui por um caminho muito complicado e difficil. Imagina que Vivaldo, teu pagem, desde que foi aprisionado no subterraneo d'esta torre, passa as noites cavando uma galeria subterranea, que, afinal, ha cerca de uma semana, conseguiu fazer desembocar na floresta proxima. Então, aproveitando essa sahida secreta, elle vai todas as noites explorar os arredores, para vêr se acha um meio de mandar prevenir teu pai. Infelizmente, elle tinha que voltar antes do romper do dia, porque se elle fugisse, os guardas procurariam saber por onde teria elle sahido... descobririam a galeria subterranea e seriam talvez capazes de levar você para outro esconderijo mais seguro. Por isso o pobre rapaz contentava-se em apanhar algumas flôres dos campos para trazer. Mas, felizmente, ante-hontem, eu o encontrei.

STELLA — Mas como vieste dar por estes lados?

AMANDA — Ora! Desde que você foi raptada do castello eu sahi a correr mundo, resolvida a não parar emquanto não a encontrasse. E tanto andei, que vim dar á vista d'esta torre, que me pareceu suspeita. Andando alta noite em torno d'ella, encontrei Vivaldo, que me explicou seus

— *Emfim, nobre senhorita, eis-me ás suas ordens*

planos. Então, como para voltar ao castello de teu pai havia muito tempo, corri á casa do cavalleiro Bom Humor, que mora aqui perto e é um gentil fidalgo. O cavalleiro jurou que te ha de salvar d'aqui e mandou-me adiante para preparar a fuga. Deu-me esta escada de corda, que devo pendurar naquella janella quando ouvir o signal combinado. *(Tira de um embrulho que trouxe uma escada de corda)*

STELLA — Mas eu não poderia fugir tambem pelo subterraneo?

AMANDA — Impossivel! Os guardas não deixariam passar. Ha sempre um de sentinella na escada.

STELLA — Como conseguiste, então, subir?

AMANDA — Por um acaso. Eu pretendia ficar escondida no subterraneo, mas estava espreitando, á porta, quando Vivaldo desceu ainda ha pouco. A sentinella distrahiu-se, discutindo com elle, por se ter demorado tanto, e eu pude esgueirar-me por detraz d'elle, sem ser vista... Mas você não se deve arriscar a semelhante perigo. Esperemos o resultado de um narcotico, que o cavalleiro deu a Vivaldo para que o misture com o vinho dos guardas...

STELLA — Sahir d'aqui! Oh! meu Deus! Isso me parece um sonho! Como estou contente!

(Ouve-se um gallo cantar ao longe).

AMANDA — E' o signal! Vamos! *(Sobe á mesa, desenrola a escada de corda e amarra-a á janella)*.

STELLA, *impaciente* — Depressa! Depressa!

SCENA V

Stella, Amanda e Vivaldo

VIVALDO, *entrando, alegremente* — Prompto! Os idiotas beberam o vinho preparado por mim e cahiram logo a dormir e a roncar, como uns porcos, com perdão da má palavra... Mas isso não nos evita de sahir pela janella, porque a porta está fechada e do lado de fóra ha um outro posto de guarda. Não tem medo de descer por uma escada de corda?

STELLA — Medo, eu? Desde que se trata de sahir d'aqui, não tenho medo de cousa alguma.

SCENA VI

Os mesmos e o Cavalleiro Bom Humor

O CAVALLEIRO, *apparece á janella, saúda elegantemente e salta para dentro da sala* — Emfim, nobre senhorita; eis-me ás suas ordens. Meu coração não terá socego emquanto não fôr vingado o ultrage que lhe foi feito pelo infame duque. Mas, por Deus!... Elle se ha de arrepender. Reuni oitocentos homens d'armas, que estão acampados alli na floresta, e desde que a senhorita esteja em segurança, irei atacar, não só esta torre, mas o proprio castello do duque, do qual não deixarei pedra sobre pedra. *(Pondo um joelho em terra, diante de Stella)* Nobre senhorita, quizera mil vezes arriscar minha vida para salvar a sua. Subindo ha pouco aquella escada para vir vêl-a, eu julgava subir ao céu e...

STELLA, *estendendo-lhe a mão* — Bem, bem, cavalleiro; dir-me-ha o resto quando tivermos chegado lá em baixo.

AMANDA — Eu vou com Vivaldo, pela galeria subterranea. Encontrar-nos-hemos na floresta. *(Sahe com o pagem)*.

O CAVALLEIRO, *ajudando Stella a galgar a mesa* — Venha! Não ha perigo algum. A senhora é leve como um passaro. *(Passa para o lado de fóra e começa a descer pela escada de corda)*. Agora, dê-me a mão... Devagar! Colloque seu pé no primeiro degráu e apoie a mão sobre meu hombro. Não ha perigo. Seria mais facil o vento deitar abaixo esta torre do que eu vacillar, quando tenho a honra de conduzil-a.

STELLA — Livre! Que ventura! *(Desapparece pela janella)*.

SCENA VII

Amanda e Vivaldo

(A sala fica vazia, durante alguns instantes, depois a porta se abre e Vivaldo apparece muito triste. Amanda acompanha-o, chorando).

AMANDA — Agora nada mais ha a fazer, estamos perdidos!

VIVALDO — Não! Ainda podemos tentar descer pela janella.

AMANDA — Por aquella escada de corda, sem ter lá em baixo quem a segure e puxe para que ella se mantenha firme ? Ah ! meu pobre Vivaldo ! Nunca me atreverei a descer por uma escada assim.

VIVALDO — Mas eu vou descer primeiro e segurarei a escada.

AMANDA — Você ?... Mas você não tem força para tanto ! Seria preciso um homem robusto, como o cavalleiro *Bom Humor*. Vá.... vá você, sósinho, trate de se salvar e deixe-me morrer aqui.

VIVALDO — Isso não faço ! Não tenho coragem de abandonal-a assim.

AMANDA — Então morreremos ambos, porque — não ha duvida — quando o duque souber que *Stella* fugiu e nos encontrar aqui... com certeza mandará que nos enforquem.

VIVALDO — Que horror ! Eu nunca fui enforcado... vou estranhar muito e...

AMANDA — E Stella que está á nossa espera, na floresta... Já deve estar impaciente.

VIVALDO — Mas, vendo que nós não chegamos, será forçada a seguir com o cavalleiro, para se refugiar no castello de seu pai...

AMANDA — Emfim, o essencial é que está livre. Não era esse o nosso maior desejo ?...

VIVALDO — Tem razão. Resignemonos a nossa sorte...

SCENA VIII

AMANDA, VIVALDO, STELLA, DEPOIS O CAVALLEIRO

STELLA, (*apparecendo novamente á janella*) — Olá ! Amanda ! Vivaldo ! Vocês ainda estão aqui ? E eu a esperal-os ! Que é isso ? Vocês resolveram ficar aqui, em meu logar ?

AMANDA — Não conseguimos sahir. Quando descemos encontrámos a porta do subterraneo fechada. Parece que alguma sentinella da guarda de fóra entrou e vendo que todos os seus companheiros dormiam, tomou a precaução de fechar a porta.

— *Nós pensavamos que a senhora nos tivesse esquecido*

STELLA — E porque não desceram pela janella ?

VIVALDO — A Sra. Amanda não se atrevia.

STELLA — Pois eu, vendo que vocês não appareciam, resolvi vir buscal-os.

VIVALDO — Deveras ?! Eu já tinha pensado que a senhora nos esquecera.

STELLA — Sim... confesso que quasi os esqueci. No primeiro momento, deslumbrada pela alegria de me vêr livre, todo o meu instincto era de correr, de afastar-me d'aqui o mais depressa que me fosse possivel. Mas podia eu abandonar meus salvadores ? Semelhante ingratidão envenenaria minha felicidade...

O CAVALLEIRO, *apparecendo tambem á janella* — Senhorita... Isso é uma loucura ! Então volta a se atirar nas garras de seus inimigos ? O dia não tarda a romper... poderiam surprehendel-a aqui...

STELLA — Pois bem ! Antes ser aprisionada novamente, do que voltar para casa de meu pai, deixando aqui minha bôa ama e meu pagem dedicado. Porém, melhor ainda será fugirmos todos juntos. Passa, Amanda, desce pela janella; o bravo cavalleiro Bom Humor saberá amparal-a.

AMANDA E VIVALDO, *com uma reverencia* — Passe a senhorita, primeiro.

STELLA — Não. Não sahirei d'aqui, sem que os tenha visto em segurança. (*Amanda e Vivaldo descem*) E quero levar d'aqui uma recordação. Levo estas lindas flores... e estes bolos deliciosos, que me recordarão a dedicação de meus amigos, no tempo em que eu me aborrecia, como o camondongo da historia que Vivaldo teve tanto trabalho para inventar. Bem, agora, elles já estão lá em baixo. (*Sobe á mesa*) Adeus, torre maldita ! Posso, afinal, deixar-te ! (*Passa pela janella e começa a descer a escada*). E deixo-te sem saudades... Viva a librdade !

(CAHE O PANNO)

A CONTAGEM DO TEMPO

Como se fazem dous relogios baratos, infalliveis e eternos

Já uma vez explicámos no *Tico-Tico*, que a contagem do tempo foi sempre uma das preoccupações mais constantes da humanidade.

Ora, o melhor meio, póde-se mesmo dizer o unico meio de contar o tempo

Fig. 1

é medil-o pelo movimento dos astros.

Para fallar com acerto não se deve dizer, "pelo movimento dos astros" e sim pelo movimento da terra, porque com excepção do Sol e da Lua, todos os demais astros estão a tão grande distancia da Terra, que não é possivel notar seus movimentos. A Terra é que tem movimentos muito sensiveis. Nós não damos por isso porque, quando nascemos, já encontrámos a Terra em movimento e como a Terra é um globo muito grande (em proporção a nosso tamanho) e tudo se move juntamente levando-nos no movimento incessante, não damos por isso e temos a impressão de que tudo está immovel.

Porque é preciso não esquecer que nós só temos a impressão do movimento das cousas, pelo contraste que observamos entre as cousas que se movem e as que estão paradas. Vocês já devem ter notado, que muitas vezes quando se está no wagon de uma estrada de ferro e o trem começa a se mover silenciosamente, nossa primeira impressão é a de que o movimento está sendo feito por outro trem collocado ao lado do nosso.

Isso se dá porque, como todo o wagon, com bancos e passageiros tudo se move juntamente, nós não podemos sentir o movimento. Se ha junto do nosso, na estação, outro trem parado, parece-nos que é esse trem que se move, porque é elle que nós vemos mudar de posição atravez das janellas do wagon em que estamos.

Outro exemplo: — Quando um trem vai correndo pelos campos, como tudo quando está dentro do wagon se move juntamente comnosco, nós acabamos por nos acostumarmos ao movimento e não o sentimos tanto. E a prova é que, olhando para fóra, temos a impressão de que as arvores das estradas, e os postes telegraphicos é que estão correndo em direcção contraria á de nosso trem.

Esse phenomeno nota-se ainda mais perfeito nos balões. O aeronauta, collocado na barquinha de uma aeronave a certa altura, ainda que o balão seja arrastado pelo vento com grande velocidade elle tem a impressão de que a barquinha está absolutamente immovel.

Porque? Porque tudo no balão se move juntamente com elle e, em torno d'elle, no espaço, não ha outros objectos, que por comparação o façam sentir o movimento da barquinha.

Mesmo quando olha para a terra o aeronauta tem a impressão de que

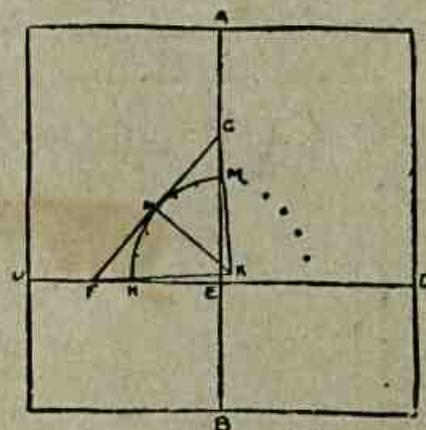



Fig. 2

as casas, as arvores e os rios é que estão correndo por baixo do balão immovel.

E' o que se dá em relação ao movimento da Terra, o planeta sobre o qual vivemos. Embora a Terra se mova no espaço com velocidade vertiginosa, nós não lhe sentimos o movimento por estarmos habituados a elle desde que nascemos e olhando para o Sol e a Lua julgamos que só elles se movem.

De modo que fica entendido: — quando fallamos em movimentos do Sol e da Lua, nós nos referimos á *illusão* acceite por toda a gente como verdade para simplificar a discussão.

COMO OS ANTIGOS CHEGARAM A MEDIR O TEMPO

Dada essa explicação preliminar passemos a mostrar como se mede o tempo pelos astros.

Desde que se viram na necessidade de medir e dividir o tempo para organizar o trabalho e o repouso, os antigos tiveram a ideia de aproveitar os astros e a lembrança era logica, por quanto, a primeira e mais notavel divisão do tempo é feita pela luz. O tempo divide-se em dia e noite.

Tendo notado que o dia e a noite têm duração quasi egual (12 horas mais ou menos segundo a rotação do anno) trataram de fazer apenas sub-divisão do dia e da noite.

Nosso intelligente assignante Petronio Falcão Lima, de 11 annos e residente em Maceió — Alagôas. Nesta photographia vê-se o retrato do Dr. Baptista Accioly, actual governador de Alagôas, de quem Petronio é afilhado.

Tambem essa lembrança foi o resultado de observação; certamente, os sabios da antiguidade notaram que, durante o dia, o sol occupa successivamente no espaço as mesmas posições que occupou na vespera.

E o mesmo faz a lua durante á noite. De modo que era bastante poder determinar a qualquer momento a posição do Sol ou da Lua, no espaço, para determinar a que momento da vespera correspondia um dado momento no dia em que se estivesse.

Assim é que os antigos crearam essa maravilhosa e admiravel concepção da divisão do tempo.

E seus primeiros relogios serviram-se do Sol, eram apparelhos que serviam para se medir o comprimento da sombra produzida por qualquer objecto diante do Sol. Quando essa sombra se estende muito longa para o lado do occidente, isso significa que o dia está em principio; quando o Sol não produz sombra, ou só produz sombra muito pequena isso significa que o sol está exectamente a pino sobre a Terra (portanto é meio dia). Quando a sombra do Sol se alonga para o lado do oriente isso significa que o dia está terminando e quanto mais comprida fôr a sombra, mais proxima estará a noite.

Parece-nos que isso é muito facil de comprehender. Desde que o Sol apparece todos os dias do lado Oriente é claro, que a sombra produzida

Fig. 3

por elle, pela manhã, ao encontrar qualquer objecto sobre a Terra hade se estender para o lado opposto, isso é, para o occidente. Depois, o Sol, tendo apparecido no horizonte do Oriente, eleva-se no espaço e dá uma volta completa em torno da Terra para desapparecer do lado opposto — isso é — no Occidente. Ora se elle surge de um lado para desapparecer do outro, é claro que quando estiver exacta-

A galante Herminia Braga de Almeida, de 4 annos e irmã do nosso collega de imprensa, Sr. Oswaldo de Almeida.

mente sobre nossas cabeças estará em metade de seu percurso; portanto esse momento será o que se chama meio-dia — o momento em que termina a *manhã* e começa a *tarde*.

Nesse instante, visto que o Sol está exactamente a pino sobre nós, a sombra produzida por seus raios só pode ser muito curta.

D'ahi, a conclusão logica pela quai já se pode marcar uma hora certa, com absoluta segurança. Basta espetar no chão uma varinha e ir marcando o comprimento da sombra produzida pelo Sol. O instante exacto em que essa sombra for mais curta, será exactamente meio-dia.

Até esse momento, a sombra, produzida pelo Sol, indica o occidente, porquanto elle surge e se eleva do lado do Oriente. Nesse momento elle está exactamente em meio de uma volta e começa a descambar para o Occidente, produzindo, portanto, sombra para o lado do Oriente.

Assim, outro meio de averiguar ao certo o momento em que é meio-dia é marcar o momento em que a sombra do Sol, que até então se estendeu para um lado de uma varinha fincada no chão bem a prumo, passa a se estender para outro.

Marcando o momento em que a sombra é mais curta, tem a determinação do meio-dia; marcando, depois, os ultimos limites da sombra para um lado e outro e dividindo essa sombra segundo sua marcha obtem-se a determinação.

O apparelho que marca as horas pelo Sol, o mais antigo systema de relogio inventado pela humanidade, chama-se *quadrante solar*.

Vamos aqui ensinar como se faz um *quadrante* para que nossos amiguinhos, que disponham de um jardim ou um terraço bem batido pelo Sol, possam possuir um baratissimo, eterno e seguro marcador do tempo.

O melhor é armar o *quadrante* em cima de uma columna, pilastra ou poste, em que elle fique bem isolado do sólo.

Para experimentar, façam o *quadrante* de papelão, depois, se lhes agradar a distracção reproduzam-o em madeira.

Comecem por arranjar um pedaço de papelão quadrado com vinte a trinta centimetros. Risquem exactamente no meio d'esse papelão uma linha recta vertical, dividindo-o em dous lados eguaes (chamaremos a essa linha A-B, para melhor comprehensão). Cortando essa linha em angulo recto, no terço inferior, traçamos outra linha recta horizontal. Quando dizemos no terço inferior, queremos dizer que tendo a linha vertical A-B vinte centimetros de comprimento, a linha horizontal deve cortal-a a 7 centimetros de distancia da extremidade inferior.

Chamaremos á linha horizontal C-D, tal como está marcado na fi-

Fig. 4

gura I. O ponto em que as duas linhas se cruzam fica marcado pela letra E.

Agora medimos sobre a linha A-B mais 7 centimetros acima do ponto E e d'ahi traçamos outra linha recta que vá encontrar a linha C-D, sete centimetros á esquerda do ponto E.

Tudo isto está indicado na figura I.

Se quizerem fazer um *quadrante* rigorosamente exacto para funccio-

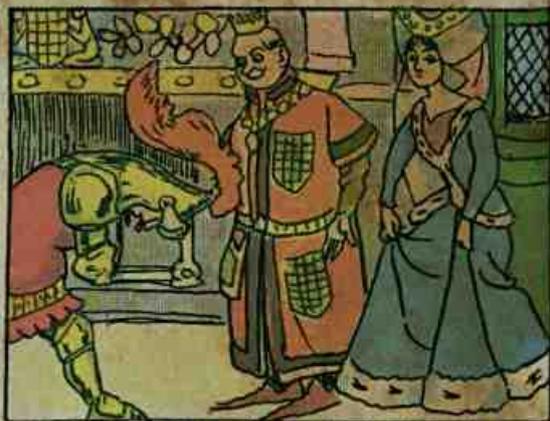
AS PORCELLANAS DE SAMURAI

... preciso de todos os vasos juntos. O Samurai permittiu que elle entrasse na sala das porcellanas e o desconhecido, virando a mesa, partiu os vasos todos. Depois declarou :

— Cada um d'esses vasos podia custar a vida a uma creatura humana. Agora, o senhor póde mandar degollar-me; eu morrerei tendo a certeza de que salvei muitas vidas. O Samurai comprehendeu a lição e perdoou-o, assim como a Tali.

O CASTELLO A'S AVESSAS

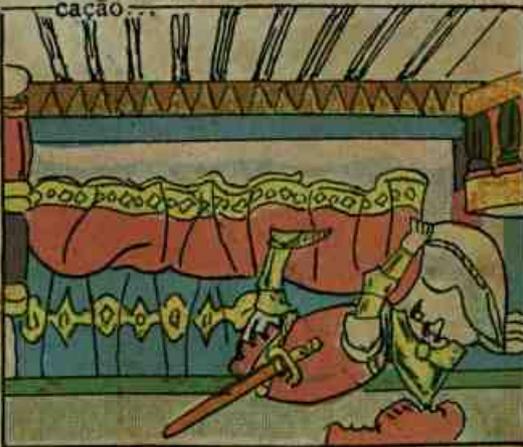
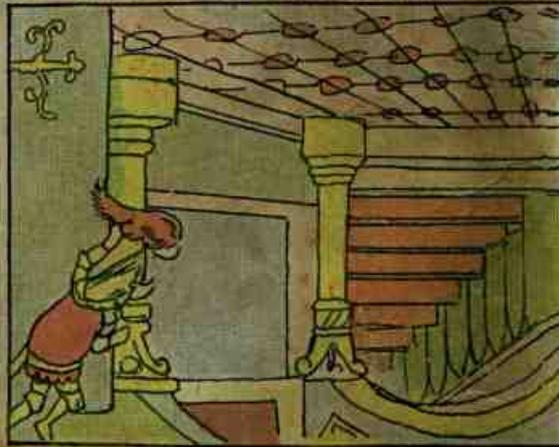
1) Uma noite, o cavalleiro Tartarin, depois de muito caminhar em busca de aventuras, viu ao longe um castello, no qual resolveu pedir hospedagem para passar a noite. Chegando junto ao castello...

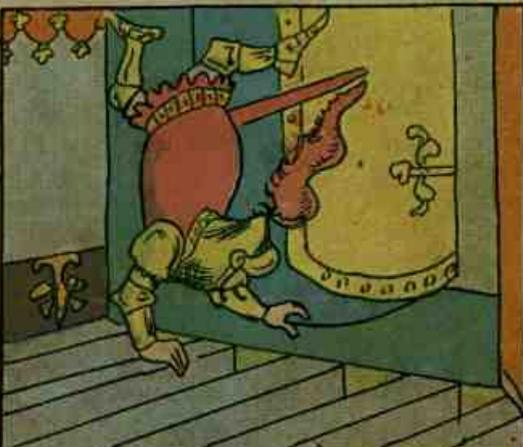
2) ...viu sobre a porta principal um anão com longas barbas brancas, pintando um lettreiro. —Que faz você ahi? — perguntou o cavalleiro. — Eu... eu... estou pintando o nome do dono do castello — balbuciou o anão...

3) ...visivelmente perturbado. —A esta hora da noite?!...—exclamou Tartarin,que, sem lhe dar mais attenção, entrou no castello e apresentou-se ao proprietario, o velho conde Roma, que tinha a seu lado sua filha, a formosa senhorita Eva. Depois...

4)...dos cumprimentos da praxe,o cavalleiro Tartarin contou ao conde o que vira no portão. —Sim—disse o conde.—Esse velho anão foi discipulo de minha madrinha, que era uma fada, e como é tambem...

5) ...um habil pintor, pediu-me licença para pintar no portão meu nome, hoje mesmo, para que elle amanheça pintado, amanhã, que é o dia de meu anniversario. O cavalleiro contentou-se com essa explicação...

6) ...e pediu licença para se deitar. Mas como estava desconfiado com o anão, deitou-se e dormiu, sem tirar a armadura de aço. Dormiu muito bem, mas quando o sino bateu meia noite...

7 ... elle sentiu um grande choque e, acordando, notou que estava com os pés sobre o travesseiro e a cabeça nos pés da cama. Quiz saltar do leito...

8) ...mas teve que se agarrar a elle,porque o leito estava, agora, collocado no tecto do quarto, isso é, estava agora no chão e o chão no tecto. Agarrando-se a tudo, Tartarin conseguiu...

9) ...sahir do quarto e viu, então, que todo o castello se voltara ás avessas. Todas as salas, corredores e escadas estavam de cabeça para baixo — Isto é cousa do anão : — murmurou logo o cavalleiro...

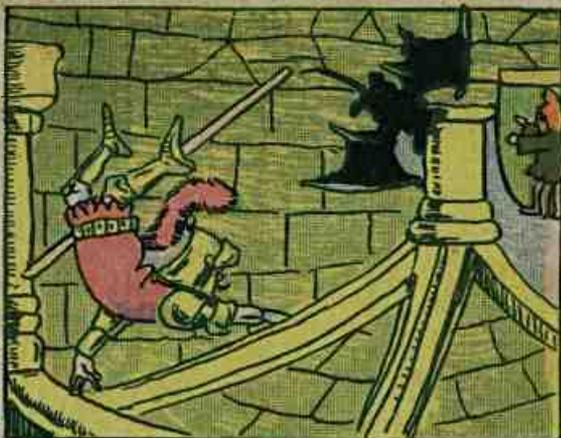
10) ...Tartarin. E, andando tambem de cabeça para baixo, para ficar de accordo com o castello, correu em soccorro do conde e de sua filha. Atravessou varias salas,sempre andando pelos tectos...

11) ...até que, passando diante de uma porta, ouviu vozes. Empurrou essa porta e entrou e viu o conde Roma, que se arrastava pelo tecto, implorando a piedade do anão; mas este...

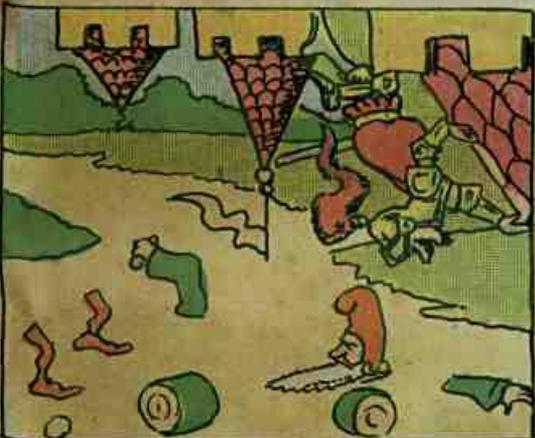
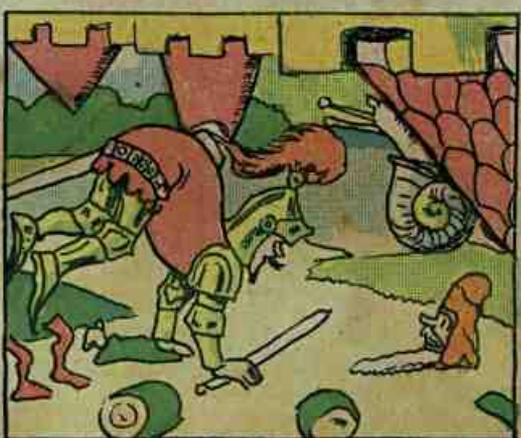
12) ... apresentava-lhe um papel dizendo: —Teu castello só voltará á posição natural se assignares este contracto, dando-me tua filha em casamento. O conde não teve outro remedio senão assignar e o anão ia já sahindo...

(Continúa)

O CASTELLO A'S AVESSAS

(CONCLUSÃO)

1) ...quando o cavalleiro Tartarin, de um salto, tomou-lhe o papel com o pé esquerdo e desembainhou a espada com o pé direito. O anão precipitou-se pelas escadarias...

2)... persegnido por Tartarin. Chegando á mais alta janella do castello, que era agora a porta da rua, o anão montou em um grande morcego que o esperava. Mas c morcego, tendo tambem soffrido...

3)...o encanto do castello, sahiu, voando de cabeça para baixo. O anão, que não contava com isso, cahiu e quebrou-se em sete pedaços e meio. O cavalleiro Tartarin, mais que depressa, desceu pelo telhado...

4)... atraz d'elle e, vendo que conseguira ficar de pé, segurou o braço direito do feiticeiro, que já estava lançando um liquido magico sobre os outros pedaços e disse: —Só te largo o braço se me livrares d'este...

5)... encanto. O anão pronunciou uma palavra estranha :—*Niratral* ! Immediatamente, o cavalleiro Tartarin viu-se restituido á sua posição natural. O anão tambem já recompuzera seu corpo...

6)... com o liquido magico, mas Tartarin intimou-o a pôr o castello no logar. — Está bem — disse ó anão—Dê-me aquelle caracol que está alli. Tartarin apanhou um caracol, que se arrastava pelo telhado do castello.

7] Immediatamente, o anão montando no caracol fel-o partir-o num galope de envergonhar um cavallo puro sangue e desappareceu ao longe. Entretanto, o conde de Roma sahira do castello,a se desesperar, sempre...

8)... de cabeça para baixo. Então, Tartarin, observando o papel que tomára ao anão, notou que nelle a assignatura do conde estava tambem ás avessas. Mostrou-a ao conde e foi vêr a pintura feita pelo anão na...

9] .. porta. Tambem alli estava escripta a palavra *Amor* em vez de *Roma*. Tartarin corrigiu a taboleta e, desde que o nome do castello não ficou mais ás avessas, todo o castello deixou tambem...

10)... de o estar. Sómente a filha do conde ficára em estado lamentavel. A pobre moça fôra transformada numa coruja. O conde chorava, mas o cavalleiro perguntou:—Sua filha não se chamava...

11)... Eva ? Pois tambem está ás avessas, por isso transformou-se numa *Ave* E, virando-o de repente, o bravo cavalleiro fél-a voltar a ser a linda senhorita...

12)... que sempre fôra. Feito isto, o cavalleiro Tartarin despediu-se do conde e partiu em busca de novas e mais espantosas aventuras.

A NEURASTHENIA DO REI PARASOL XXIV

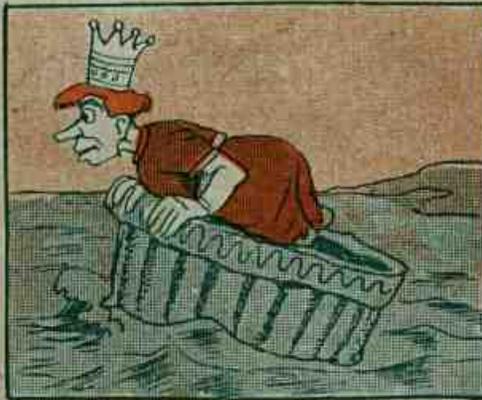
1) Por não ter que fazer, o rei Parasol XXIV, soberano da Parasolandia, tornára-se neurasthenico, a ponto de perder totalmente o appetite e cahir numa tristeza que alarmava todo o reino.

2) Os medicos diziam que elle só se poderia curar se tivesse emoções fortes. Mas, onde descobrir emoções para o rei? Um bello dia, bateram á porta do palacio.

3) Era um medico norte-americano que, sendo tambem prestidigitador e magico, propunha-se a curar o rei. Levado pelos guardas de honra á sala do throno...

4) ... o magico tirou do bolso do collete uma enorme empada e offereceu-a a Sua Magestade. Mas, apenas o rei Parasol...

5] ... se approximou sahiu de dentro da empada uma pata de caranguejo, que o segurou pela ponta do nariz...

6] ... e puxou-o lá para dentro. Ao mesmo tempo, a um grito do magico, a empada cresceu a ponto de poder conter o rei Parasol e...

7] ... sahiu pelos ares, como se fosse um aeroplano. Depois de muito andar pelo espaço...

8] ...a empada foi cahir no alto mar. O rei, muito assustado, apressou-se a fazer uma véla com a...

9) ... fralda da camisa e começou a navegar. Mas a véla era tão pequena que só permittia navegar com a velocidade de 35 centimetros por hora. O rei, calculando que...

10) ... nesse andar precisava de 565 annos para voltar a seu reino, estava muito triste, quando, de repente, appareceu um monstro...

11) ... marinho, com cara de gente e muito parecido com o magico. Esse monstro, com uma só rabanada, atirou o rei...

12) ... de novo em seu palacio. O soberano estava curado. Aquellas emoções tinham-lhe aberto tal appetite, que elle, alli mesmo, devorou a empada inteirinha.

nar no Rio de Janeiro, tracem a linha diagonal do seguinte modo:

Colloquem sobre a linha A-B um transferidor e marquem exactamente um angulo de 22 gráus.

E' preciso que essa diagonal for-

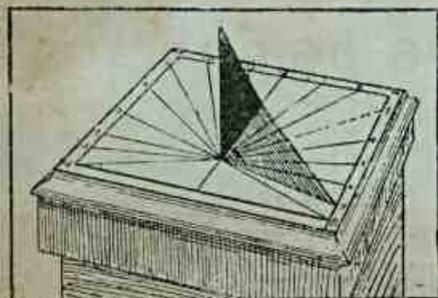



Figura 5

me com a linha A-B um angulo de 22 gráus, para que o *quadrante* regule certo para o Rio de Janeiro, que está collocado no mundo no 22° gráu de latitude sul.

Agora observem a figura 2. Do centro da linha diagonal risquem uma linha recta, que vá terminar no ponto E.

Então, espetando a ponta de um compasso no ponto E, traçamos um semi-circulo, cuja retorno passe exactamente sobre a diagonal.

Esse semi-circulo dividido em doze partes eguaes servirá de base para que tracemos as linhas numeradas que se vêem na figura 3.

Cada linha deve ser traçada com uma regua, começando no ponto E e passando por uma divisão do circulo.

A linha do centro, formada pela linha A-D, será marcada com o numero 12. Depois numera-se para a

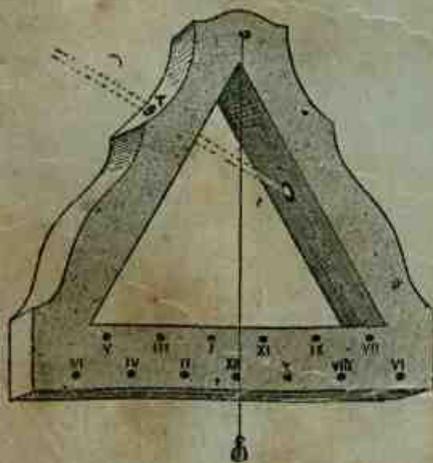



Figura 6

direita, assim: — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8. E para a esquerda assim, 11, 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4.

Está prompto o *quadrante* sobre o qual se deve projectar a sombra, marcando as horas. Falta agora fazer o poste, que deve produzir a sombra.

Vejam a figura 4 e recortem em papelão um triangulo semelhante, isto é, que deve formar na parte superior um angulo de 22 gráus e tem de base a metade do tamanho da linha A-B. E' indispensavel que a parte superior d'esse triangulo forme um angulo de 22 gráus medido a transferidor.

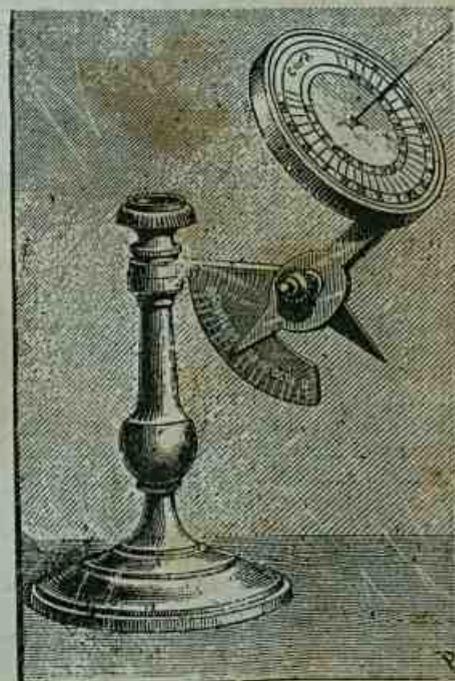
A parte de baixo d'esse triangulo (como está indicado na figura 4) deve ser dobrada para se prender com colla, exactamente no meio do quadrante, sobre a linha A-B (como se vê na figura 5).

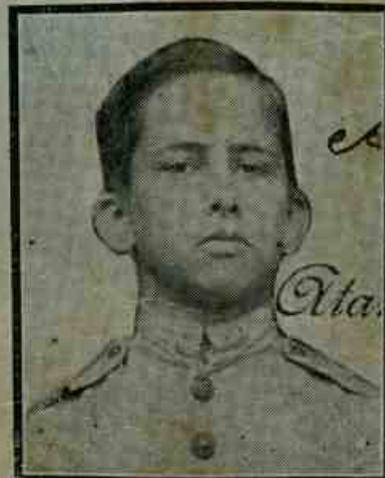
A parte mais alta do triangulo deve ficar para o lado do algarismo 12.

Feito isso, colloca-se o quadrante em logar em que sempre dê sol, tendo o cuidado de fazer com que o algarismo 12 fique voltado exactamente para o lado norte.

E ahi está um quadrante, isso é, um relogio de sol, pelo qual nossos amiguinhos poderão acertar com toda a segurança os relogios de suas casas.

Nos observatorios astronomicos ha apparelhos d'esse genero, feitos de aço, e com tal apuro, que marcam pelo sol a hora e os minutos rigorosamente exactos.

E é por isso que os observatorios podem indicar a *hora absolutamente certa*, porque sómente pelo Sol é que a podemos conhecer.

Dous quadrantes solares metalicos, de rigorosa segurança, dos que se usam nos observatorios astronomicos

Gladys, Hersîlie e Newtinho, galantes filhinhos do fallecido Sr. Horacio Pedroso de Albuquerque e residentes em Porto Alegre.

Atahualpa Garcindo de Sá, nosso leitor constante, residente no Meyer, Capital Federal.

CASA NIPPON

EXCLUSIVAMENTE DE ARTIGOS JAPONEZES

Especialidade em Leques e Artigos para presentes

KIMOMOS DE SEDA

Deposito dos seguintes productos legitimos japonezes:

"Chá Bijin", Oleo de Camelia para o cabello e pó para dentes, marca Rose.

Sedas, Xarão, Porcellanas, Bronzes, Marfim, Moveis de Bambú, Cortinas, Transparentes e todos os productos da industria japoneza, a preços modicos.

A. DE SOUZA CARVALHO

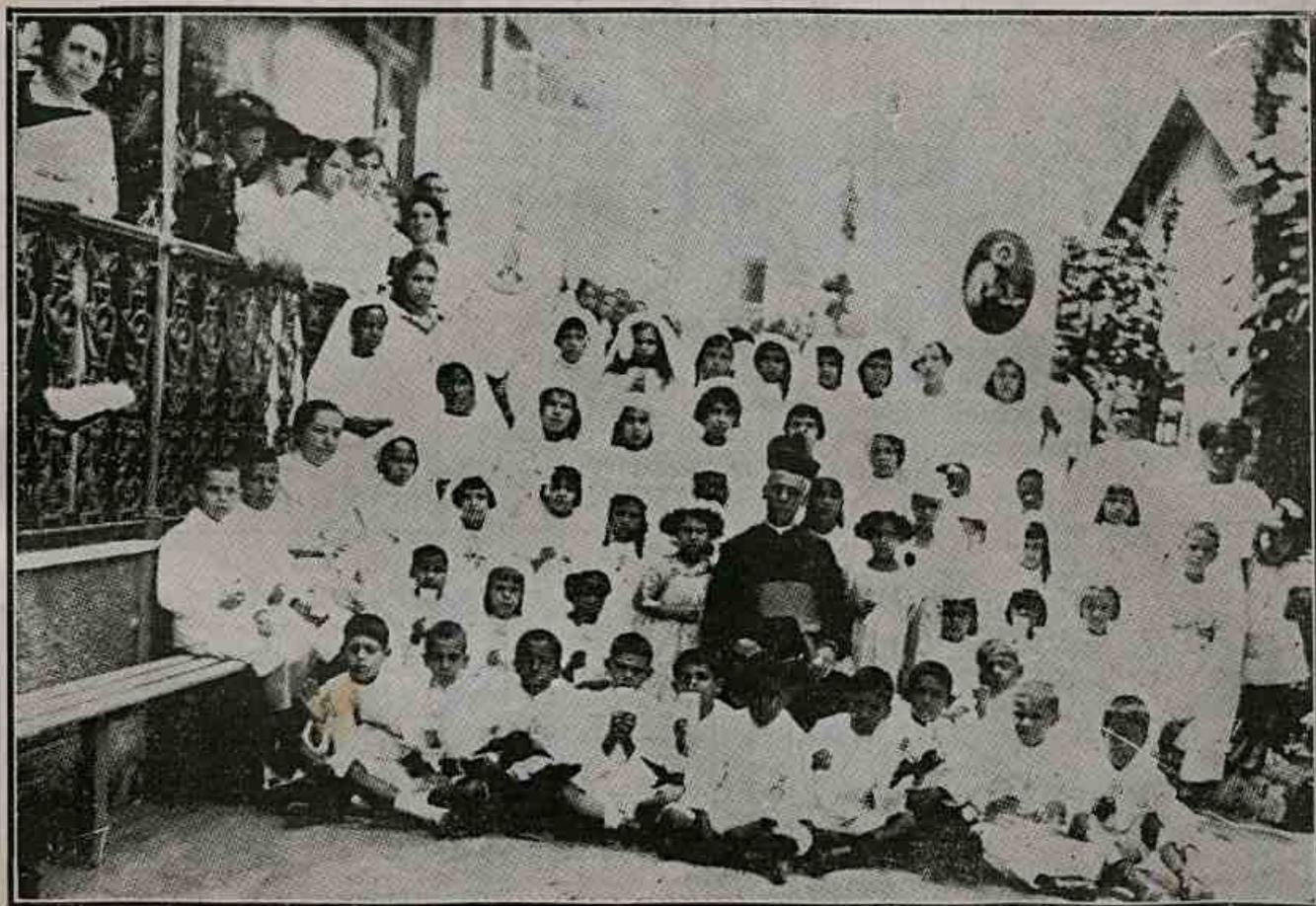
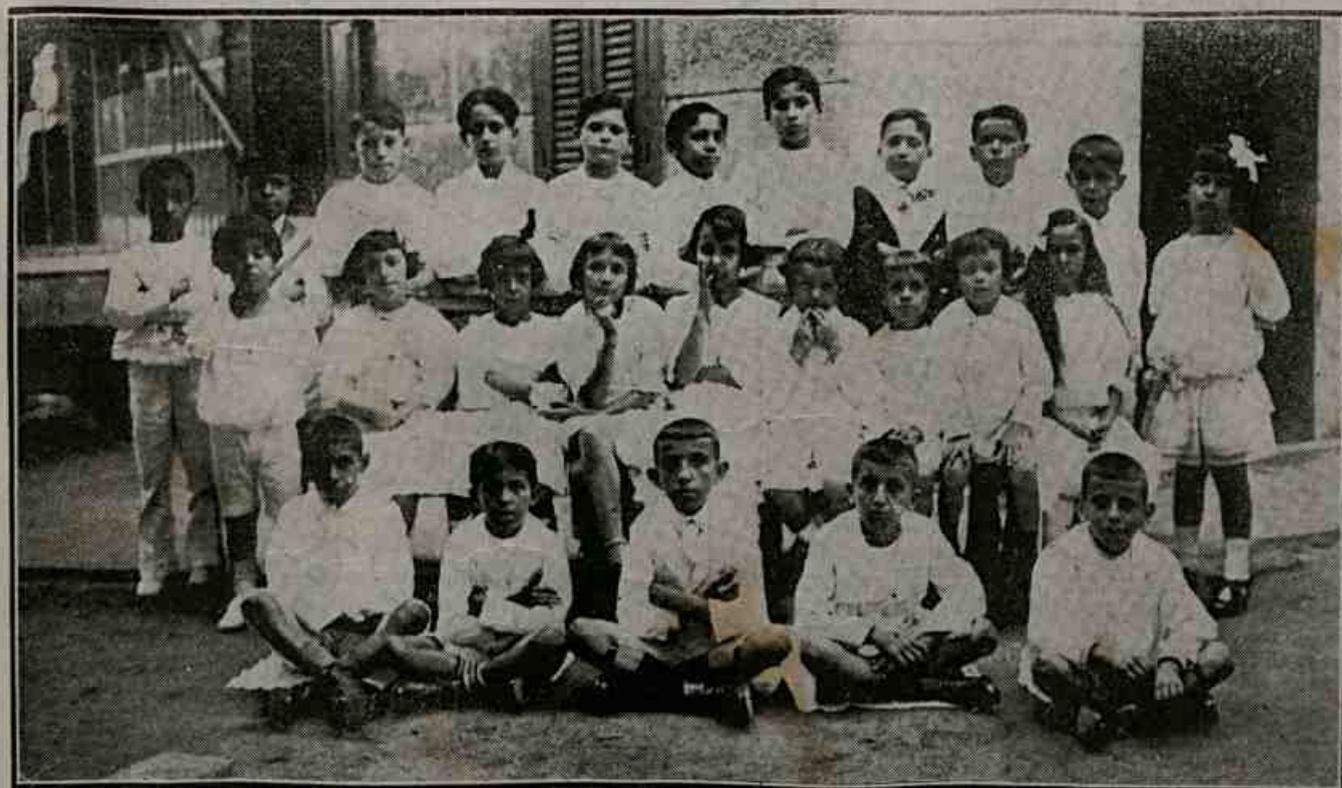
RUA GONÇALVES DIAS N. 55

TELEPHONE C. 5511 RIO

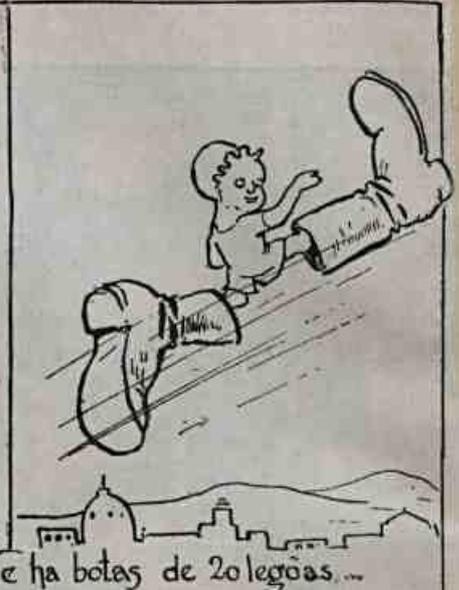
E' de todos sabido!

As creanças, os moços e os velhos, de ambos os sexos, affirmam pela voz da experiencia que o unico puro e garantido leite só a Leiteria Palmyra póde vender.—Acceita assignaturas para entrega a domicilio.

RUA DO OUVIDOR, 149 — TEL. 1806-NORTE

Primeira Communhão

Meninos e meninas do "Asylo Isabel", por occasião de sua primeira Communhão realizada a 1º de Novembro

Grupo de alumnos da escola "Medeiros de Albuquerque", por occasião do encerramento das aulas

Aih, meus ricos sapatos bateram a bota!.. requiescant in pace

mas, quem pode viver descalço se até os Gatos andam calçados!

e ha botas de 20 legoas....

Então é todas as noites a mesma historia, sonhar com sapatos maravilhosos, milagrosos.....

...depois, só mesmo quem possue sapatos elegantes e que consegue arranjar um rico casamento....

A BOTA FLUMINENSE

Qual! Eu não resisto mais, sacrifico o "meu pé de meia" por um par de sapatos

Está feito o milagre!
É só ficar sabendo que, artigos em sapatos finos para bailes, festas, casamentos, quer para homens, senhoras ou crianças,

assim como toda e qualquer outra qualidade, só se encontram na

A BOTA FLUMINENSE, á rua Marechal Floriano, 109. canto da Avenida Passos 123 Rio

Yantok

NOSSO THEATRO DE BONECOS

Para aquelles de nossos leitores, que já conhecem esse genero de brinquedo, poderiamos dispensar explicações, tão claro e completo é o theatro de armar que damos neste almanach; mas como tambem muitos ignoram a maneira de armal-o, vamos aqui ensinar como isso se faz.

O PALCO

Comecem por arranjar um caixote feito de taboas finas, mas assaz resistentes, para fazer com elle o palco e o porão do theatro. Sobre a parte superior d'esse caixote, estando elle deitado (isso é, sobre um de seus lados maiores) risquem o palco, que deve ser como está indicado na nossa figura 1, tendo no fundo a largura exacta do panno do fundo e na frente a largura da bocca do frontespicio. Ficara assim o palco com a forma da figura geometrica, que se chama *trapezio,* tendo dos lados parallellos (o fundo e a bocca), o 1º menor do que o segundo e dos lados obliquos, ao longo dos quaes se collocam os bastidores.

Como se mantêm de pé os personagens (Bonecos)

Para a collocação dos bastidores, que são quatro (1º e 2º á esquerda, e 1º e 2º á direita), estão indicados na figura 1 os logares em que devem pregar dous pedacinhos de taboa formando uma especie de trilho, no qual enfiarão cada bastidor.

Como se faz a magica (Transformação de uma mesa em um dragão)

Panno de fundo
1º Bastidor
1º Bastidor
2º Bastidor
2º Bastidor
Fig 3

Planta do palco

OS BASTDORES

Se quizerem que os bastidores fiquem mais firmes, façam sobre o palco, de um lado e outro, uma armação como está indicado na figura 2. Armem no fundo do palco, de um lado e outro, dous postes que servirão para passar duas taboinhas com duas pontas, do fundo do palco até o frontespicio (de um lado e outro). Essas duas taboas terão do lado de baixo trilhos eguaes aos que foram feitos no soalho do palco. Collocadas essas taboas a altura conveniente, cada bastidor será enfiado ao mesmo tempo no trilho feito no soalho com dous pedacnhos de taboa e no trilho da taboa forte, superior, e assim ficará bem firme.

No centro do soalho do palco abram uma frésta, que sevirá para scenas de magica. Enfiando as mãos por dentro do caixote, poderão, por meio d'essa frésta, fazer apparecer em scena, de repente, um personagem, um canhão, uma mesa, etc.

OS PANNOS DE FUNDO E DE BOCCA

Embora as duas cousas principaes num palco se chamem panno de bocca e de fundo, não aconselhamos a nossos amiguinhos que os collem sobre o panno nem que adoptem o velho systema de enrolal-os, para fa-

Como deve ficar o palco

fazel-os subir. O melhor é collal-os sobre papelão e fazel-os subir e descer inteiros, sem enrolar (que é como se faz nos theatros verdadeiros).

Para isso, é necessario que o theatro tenha acima e abaixo do palco um espaço egual ao proprio palco. Abaixo do palco esse espaço chama-se o porão e é no nosso caso o interior do caixote. Para obter o espaço para cima, espaço indispensavel para que a pessoa que dá a representação mova os personagens, mude os scenarios, etc, o melhor é preparar as cousas do seguinte modo:

Colloquem o theatro no vão de uma porta. O caixote será collocado sobre uma taboa estendida sobre duas cadeiras. Depois, fechem a porta com uma cortina, ou simplesmente um grande papel, tendo no centro um buraco no qual apparece somente o frontespicio do theatro. Assim, os espectadores só vêem o frontespicio e o palco quando se levantar o panno de bocca.

E vocês, lá detraz, não precisarão estar com trabalhos complicados de machinismos.

Tambem para fazer mudança de scenario podem já ter collocado os bastidores do novo scenario por detraz dos do primeiro. Chegando a hora da mutação, será bastante puxar dos trilhos os bastidores do 1º scenario e os do 2º apparecerão já em seus logares.

COMO SE FAZEM MAGICAS

Para fazer magicas nossa figura 4 mostra bem claramente o que se deve fazer. Por exemplo: para transformar uma mesa lautamente servida num dragão terrivel.

Imaginem a scena: O pagem está na floresta e declara-se com muita fome; pede á fada que lhe arranje jantar. A fada faz apparecer uma mesa servida e retira-se.

Para fazer apparecer a mesa, vocês a enfiem pela frésta feita no assoalho do palco.

O pagem vai comer quando chega o feiticeiro e transforma a mesa num dragão.

Essa magica póde se fazer de dous modos. Simplesmente puxando para o porão a mesa e enfiando em seu logar o dragão na frésta do palco; ou por meio de uma transformação á vista do publico, o que seria muito mais interessante.

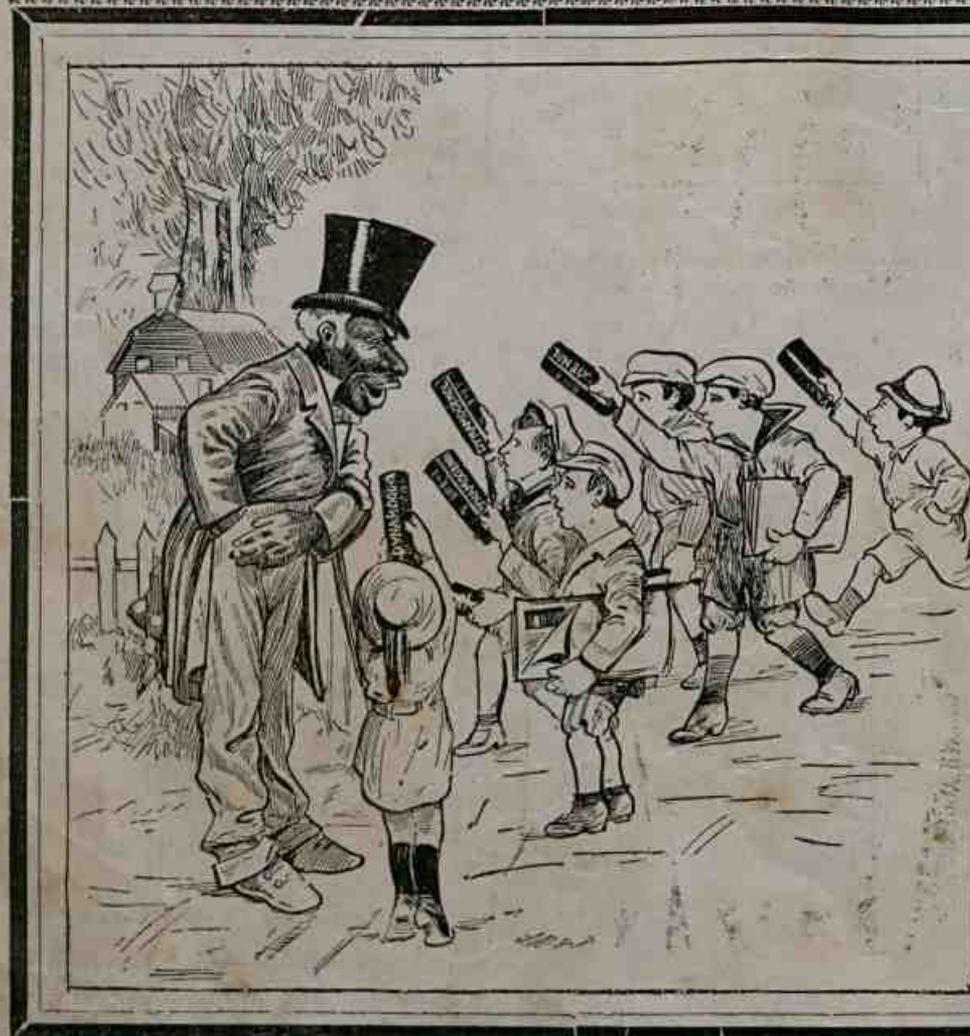
Essa magica prepara-se do seguinte modo:

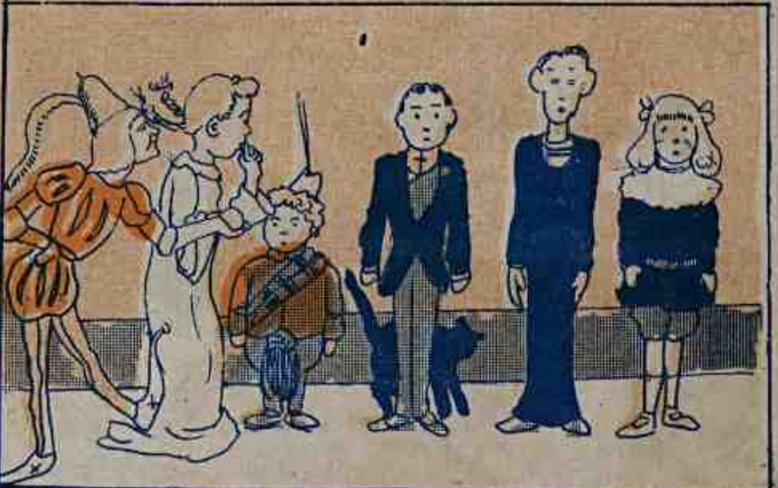
Começa-se por collar a figura do dragão sobre a da mesa (frente com costas) num papelão. Mas colla-se somente até ao meio. As outras duas metades, do dragão e da mesa, é que são colladas então sobre o papelão. Fica então tudo como se vê na figura 4. E basta dobrar as duas metades, colladas frente com costas, para que só appareça a mesa ou só appareça o dragão.

Passem então um fio de linha bem comprido de uma ponta da mesa á outra. Feito isso colloquem o papelão no palco, arranjado de modo que só appareça a mesa.

No momento em que fôr necessario fazer a transformação puxem do fio de linha que deve estar estendido entre os bastidores.

A mesa dobrar-se-ha e só ficará visivel o dragão. Nosso desenho mostra bem claramente como se deve dobrar a figura e collocar o fio de linha.

Essas explicações nos parecem sufficientes para que se arme o theatro. Em todo o caso, aquelles de nossos leitores que quizerem informações mais detalhadas poderão escrever ao *Tico-Tico*, que os attenderá assim como publicará novos e mais variados scenarios.

NINA, A MENINA FACEIRA

1] Embora seja ainda muito pequena, Nina é extremamente faceira; anda sempre agarrada ao espelho e ao pó de arroz; não ha vestido que lhe pareça bastante enfeitado e até no chapéu de palha, para ir ao collegio, quer collocar plumas.

2) A faceirice fez com que, um dia d'estes, tivesse um sonho... Sonhou que um pagem elegante apparecera em seu quarto tocando corneta e fizera-a levantar da cama para leval-a a uma sala muito luxuosa...

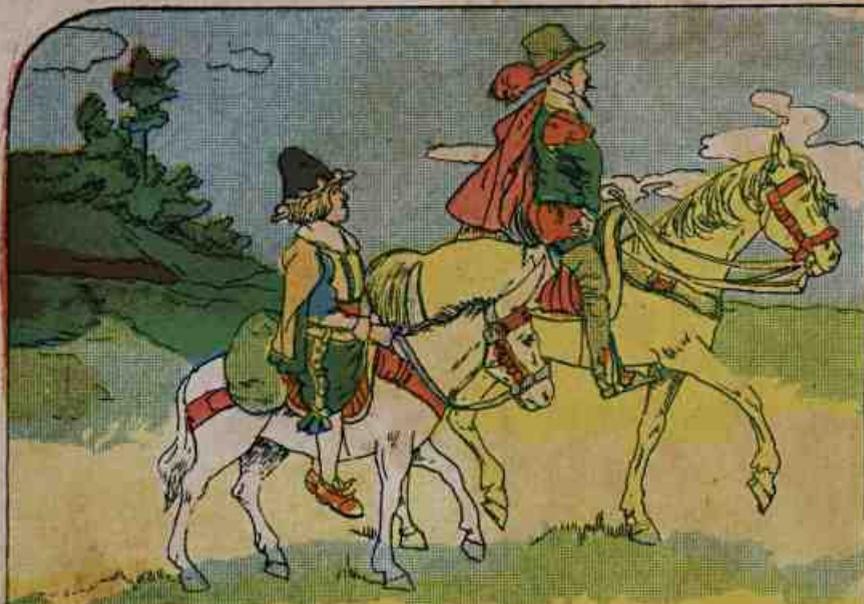
3) ... onde estavam diversos meninos enfileirados. — Escolha qual deve ser seu noivo. Nina observou bem todos os meninos e escolheu o mais bem vestido.

4] Um menino louro com uma roupa de velludo tão linda, que até parecia um principe. O noivo poz-lhe um véu e disse-lhe. — Vamos para um palacio maravilhoso.

5) Nina, muito commovida, deu-lhe o braço e seguiu com elle. Mas, apenas começou a caminhar, o menino foi se transformando...

6) E em pouco Nina viu que estava de braço com um macaco horrendo e ridiculo. Sua mania de macaquear a elegancia dos mais velhos fizera-a sonhar que se estava casando...

7] ...com um mono. Nina deu um grito e acordou no meio do quarto com o lençol passado na cabeça. Era aquillo que ella, dormindo, julgára ser um véu de noiva.

A INGENUIDADE DE SANCHO PANÇA

1) O illustre fidalgo D. Quixote de la Mancha e seu fiel escudeiro Sancho Pança iam em viagem; D. Quixote entregue a seus sonhos de altas cavallarias; Sancho pensando unicamente no jantar, que, a seu vêr, já estava demorando.

2) Mas a região que percorriam era muito pouco habitada, de modo que, sómente á noite, os viajantes chegaram á uma hospedaria isolada, em uma curva da estrada.

3) Entraram. Sancho Pança dirigiu-se logo á cozinha e ficou extatico de alegria diante do fogão, no qual duas gordas gallinhas estavam assando no espeto.

4) O hoteleiro, porém, recebeu-os com exclamações de pezar e desculpa. Estava com todos os quartos occupados e mesmo o jantar, já preparado, estava reservado a outros viajantes, que tinham chegado antes.

5) D. Quixote não se incommodou com isso. Foi-se deitar no pateo ao lado de seu cavallo, como um bom guerreiro, e adormeceu logo, sem sentir falta do jantar.

6) Mas Sancho Pança tinha o estomago mais exigente e ficou rondando pela cozinha, até que foi convidado para o jantar dos criados, que eram uma rapariga branca e um preto. Jantou alegremente e, depois, como o negro o convidasse para dormir em seu quarto...

(Continúa)

A INGENUIDADE DE SANCHO PANÇA (CONCLUSÃO)

11) E muito convencido de que era o negro foi se deitar outra vez, dormindo regaladamente até que o proprio D. Quixote o veiu despertar.

TAL QUAL COMO MAMAI

OS GIGANTES QUE VIVEM NO MAR

O tempo dos animaes gigantescos, de que nos fallam os contos de fadas, ainda não passou por completo. Em terra, o maior animal conhecido — O Elephante — está muito longe das proporções colossaes dos «Dragões» de que nos fallam as legendas, mas no mar vivem ainda animaes monstruosos junto dos quaes o Elephante parece um pygmeu. Assim são as baleias, que vivem nos abysmos da agua, no meio de amigos e inimigos egualmente enormes. Neste artigo vamos fallar dos gigantes que o oceano occulta.

AS BALEIAS NÃO SÃO PEIXES

Todos os animaes que, actualmente, podemos encontrar na superficie da terra são de tamanho insignificante, se os compararmos com os monstros que andavam pelo mundo, antes do Diluvio, isso é, ha seiscentos milhares de annos. Esses animaes — o Mammuth, o Ictiosauro, o Diplodoceo, o Pterosauro e outros, chamados anti-diluvianos, eram dez, vinte ou cincoenta vezes maiores do que os elephantes, leões, tigres e outros animaes de hoje.

Um Otario. As phocas nascem em terra (nas campos de gelo), mas vivem, quasi sempre no mar.

Os esqueletos, que têm sido encontrados d'esses monstros, ahi estão expostos nos museus da Europa e dos Estados Unidos, para demonstral-o.

Na terra não se encontram mais bichos com taes proporções, mas, no mar, ainda ha alguns maiores do que todos os monstros terrestres da antiguidade.

As baleias, por exemplo.

— Mas — dirão vocês — as baleias são peixes.

Muita gente assim pensa por engano. As baleias vivem no mar, mas não são peixes; distinguem-se d'elles porque não põem ovos (como todos os peixes) e amamentam seus filhos, como o gato, o leão, o coelho, etc. Portanto, pelas condições physicas, approximam-se mais dos bichos da terra do que dos peixes.

São *mamiferos* (como os animaes terrestres) e não *oviparos*, como, em geral, os habitantes do mar.

Ainda outra differença importante as separa dos peixes. Estes vivem sempre dentro da agua, completamente mergulhados, e não precisam de ar para viver. Ao contrario, a baleia tem a propriedade de passar muito tempo (horas seguidas até) debaixo da agua, contendo a respiração; mas, como nós, precisam de vir á tona para respirar. Se, por um motivo qualquer, são impedidas de vir á superficie receber agua, morrem afogadas.

PORQUE RESPIRAMOS

Portanto, a baleia respira, como os animaes da terra e não como os peixes.

Como se sabe, a respiração tem por fim collocar o oxygenio (um dos gazes que compõem o ar) em contacto com o sangue.

A morse, tambem chamada elephante do mar.

O sangue circula por todo o nosso corpo, impulsionado pelo coração, que age exactamente como uma bomba, esguichando o sangue pelas arterias, que são grossas canalisações, que se estendem do coração por todo o corpo. Tocado pela pressão do coração, o sangue vai pelas arterias até ás extremidades do corpo e volta pelas veias, que são canalisações mais finas e mais numerosas.

O sangue é ainda a força do corpo e alimenta a vida dos musculos; mas, dando ao corpo a força que tem, o sangue fica sem ella.

Parte do coração com a côr bem vermelha (isso é, cheio de força) e volta quasi negro (isso é, sem força). Para que elle recobre o poder vivificante, é preciso que receba oxygenio; é este gaz que lhe dá vigor.

Por isso, o sangue, quando volta de percorrer todo o corpo, passa pelos pulmões, onde recebe o contacto do ar que respirámos; nesse contacto, enche-se de oxygenio, fica novamente forte e passa dos pulmões ao coração, que o impulsiona de novo pelas arterias.

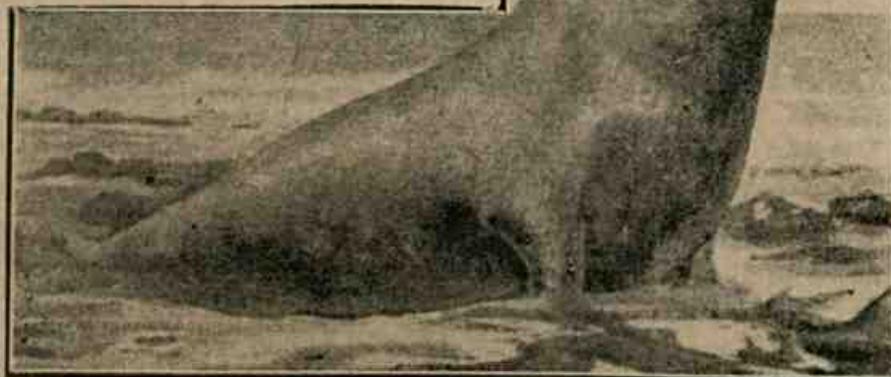
Esse trabalho se faz constantemente, dia e noite, mesmo quando dormimos. Constantemente o sangue percorre o corpo, tocado pelo coração, volta aos pulmões para receber o oxygenio do ar e voltar á sua missão de dar vida aos musculos.

Os peixes não são assim, não precisam do ar para viver; encontram todos os elementos da vida na propria agua. A baleia é obrigada a respirar, mas, como está habituada a passar longo tempo mergulhada, tem nos pulmões e no coração grandes reservatorios, onde guarda grandes quantidades de ar e de sangue, capazes de manter-lhe a vida... Mas, desde que essas reservas se esgotam, ella tem que ir á tona receber novamente ar para os pulmões.

Uma phoca commum, ainda pequena.

De passagem, convem explicar que tambem os peixes não podem viver sem oxygenio, mas respiram pelos ouvidos, onde têm os bronchios (vulgarmente chamados a guelra do peixe), orgão delicadissimo, que extrahe o oxygenio da propria agua.

O TAMANHO E A FORÇA DE UMA BALEIA

Só a cauda da baleia tem cinco a seis metros de largura e, ao contrario da dos peixes, é horizontal. Sabem porque? Porque, com a cauda, é que as baleias se apoiam na agua,

Uma phoca, em pleno desenvolvimento.

quando precisam voltar rapidamente á superficie para respirar.

A sciencia classificou de baleias uma especie particular de mamiferos, que chama *cetaceos*.

As baleias menores têm 18 metros de cumprimento e as maiores 20 metros. De grossura têm 9 a 12 metros. Só a cabeça da baleia tem 6 a 7 metros. No alto da cabeça a baleia tem dous orificios, que são as narinas; por ahi respira e expelle a agua que engole.

Quando mergulha, a baleia fecha hermeticamente as narinas, de modo que a agua não penetre n'ellas.

Sua bocca é enorme. Basta dizer que pode conter, de uma só vez, mil e quinhentos kilos de peixes pequenos; a abertura d'essa bocca tem 5 metros e meio de altura.

Portanto, um bote de tamanho regular, com seis remadores, poderia entrar á vontade dentro da bocca de uma baleia.

Em vez de dentes, as baleias têm barbatanas, isso é, seus dentes não são de marfim, são d'essa materia flexivel, que se usa em vestidos e colletes de senhoras. Essas barbatanas, muito largas, cruzam-se, fechando a bocca da baleia como uma especie de rêde ou cêrca.

Tendo uma bocca enorme, a baleia tem, entretanto, a abertura da garganta muito estreita; a mão de um homem não consegue penetrar nella. Por isso a baleia só se alimenta de peixes pequenos.

Engole-os em grande quantidade. Quando encontra um bando de peixes pequenos, apanha-os com a bocca (juntamente com a agua, é claro). Depois fecha a bocca, expelle a agua atravez das barbatanas e engole sómente os peixes.

Note-se que as baleias só têm barbatanas na parte superior da bocca. Essas barbatanas são geralmente 300 a 400, que, todas juntas, pesam mil e quinhentos kilos.

A pelle da baleia é grossa, muito oleosa, e sob a pelle, o animal tem uma camada de gordura com 60 centimetros de espessura. Cada baleia tem, só d'essa gordura ou banha, 30 mil kilos, mais ou menos o peso de 500 homens juntos.

COMO AS BALEIAS MERGULHAM

Essa crosta de gordura tem para o animal duas utilidades. Em primeiro logar serve para manter-lhe o calor no corpo.

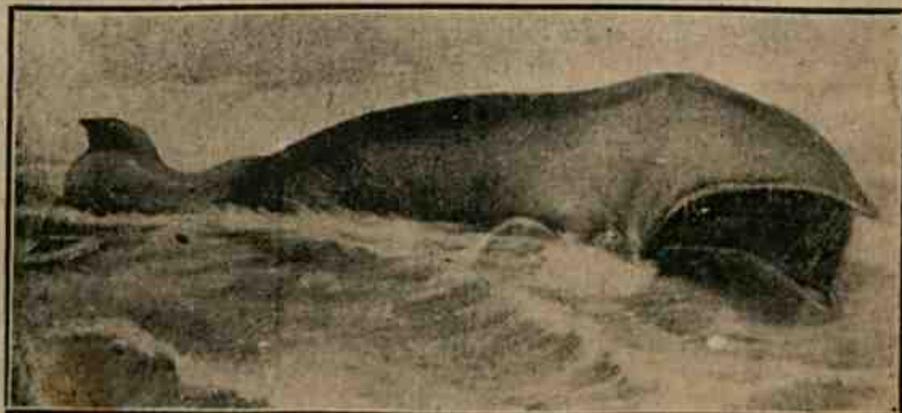
E ahi se nota mais uma differença entre a baleia e os peixes. Estes têm o sangue frio. A baleia tem, como os animaes, bastante calor no sangue.

A segunda utilidade é proteger o animal contra a pressão da agua.

Quando mergulham no mar os corpos são sujeitos á pressão (peso) da agua e uma pressão é tanto maior, quanto mais fundo se mergulha. Por exemplo, um homem só póde mergulhar até vinte ou trinta metros. Um submarino, mesmo feito de aço, não pode descer a grandes profundidades, porque ahi não poderia resistir ao peso da agua, collocada acima d'elle e ficaria achatado por esse peso.

A baleia pode mergulhar rapidamente a profundidades espantosas, sem incommodo, porque a grossa camada de gordura que se acolchôa ao corpo é elastica e supporta a pressão.

O PESO DAS BALEIAS

O tamanho que citamos acima é o da média. Tem-se pescado baleias com 40 metros de comprimento, pezando 200 toneladas — isso é, 200 mil kilos. Algumas vão até 240 mil kilos de peso e têm 800 barbatanas.

Uma baleia, o maior dos animaes hoje existentes no mundo.

OUTROS CETACEOS — OS CACHALOTES

O cachalote distingue-se porque tem dentes; quarenta ou cincoenta no maxillar, pesando, cada um, kilo e meio.

O cachalote tem a bocca ainda maior do que a baleia, uma bocca,

que occupa uma terça parte de seu corpo, que é de 20 a 24 metros.

O cachalote é muito procurado pelos pescadores, porque seu craneo contem grande quantidade de espermacete, substancia oleosa, que serve para fazer vélas e tem outras applicações industriaes.

O espermacete ahi se encontra em estado liquido. Quando os pescadores matam um cachalote, abrem-lhe o craneo a machado e esvaziam-o com baldes.

O craneo de um cachalote dos menores, de 19 metros de comprimento, contem até 20 barris de espermacete puro e 100 barris de azeite.

Tambem se encontra nesse cetaceo uma certa quantidade de *ambar cinzento*, substancia resinosa e flexivel, que é muito empregada pela industria. Alguns contêm até 20 kilos de ambar, que é comprado pelos perfumistas por cerca de 1:000$000 cada kilo, isso no minimo. Ha epochas em que o ambar chega a valer 5:000$000 (cinco contos de réis, o kilo).

Assim, cada cachalote dá aos pescadores um lucro de 12 a 72 contos de réis, conforme a quantidade do azeite, espermacete e ambar que contem.

OS COMBATES ENTRE CETACEOS

Os cetaceos, armados de dentes, são, em geral, muito bellicosos.

Os machos lutam entre si e matam-se a dentadas, mas não se comem uns aos outros.

O *espadarte*, que é outra especie de cachalote, com dentes de um e outro lado da bocca (ao passo que o cachalote só os tem no maxillar de baixo), é o mais voraz de sua raça.

Já se tem visto um só espadarte devorar quatro a cinco phocas, seguidamente.

Embora seja relativamente pequeno, pois tem apenas 6 metros de comprimento, o espadarte é o mais ousado dos cetaceos. Mas não se atreve a lutar só, com o monstruoso cachalote. Reune-se a varios outros para atacal-o e, com suas dentadas terriveis, um bando de espadartes consegue vencer uma baleia. Acabam por despedaçal-a e devoral-a.

Um espadarte, o mais terrivel inimigo das baleias.

OS INIMIGOS DA BALEIA

Os dous mais terriveis inimigos da baleia são, porém, o peixe-espada e o peixe-serra. O peixe-espada é uma especie de espadarte, um pouco maior, cujo focinho termina em um osso longo, agudo e afiado, como uma verdadeira lamina; o serra tem, no focinho, um osso alongado e cheio de dentes de um lado e outro.

O espada tem 6 a 7 metros de cumprimento; o serra mede apenas 3 1|2 metros, mas, um e outro, atacam a baleia e ferem-a com tal violencia, que a matam em poucos instantes.

Um cachalote, animal que chega a ter 24 metros de comprimento.

O UNICORNIO MARINHO TAMBEM PERTENCE A' FAMILIA DA BALEIA

O mais curioso representante d'essa especie de animaes marinhos, que se chama "dos cetaceos", é o Narval, tambem conhecido com o nome de Unicornio Marinho, porque seu focinho termina com um chifre de marfim, um verdadeiro chifre, muito diverso do Espada e do Serra, os outros dous peixes, de que fallámos ha pouco. Quando são pequenos, os narvaes têm dous chifres pequeninos; depois, o da direita se conserva minusculo, mas, o da esquerda, cresce, formando uma espiral, que, no animal adulto, chega a ter 2 a 3 metros de comprimento.

Com esse chifre, que é rijo e fortissimo, o animal ataca outros peixes e até barcos, causando-lhes avarias graves.

O GOLFINHO E O MARSUINO SÃO OS BICHOS MAIS ALEGRES QUE VIVEM NO MAR

Um dos cetaceos mais vulgares nos mares europeus é o marsuino, que tem apenas 1 metro e meio de comprimento.

Esse é tambem o mais bonito e gracioso dos cetaceos.

Tem a bocca guarnecida com dous dentes e alimenta-se com peixes, que persegue e apanha a dentadas. Nada com agilidade prodigiosa e constantemente dá cambalhotas dentro da agua, como se estivesse brincando.

Os golfinhos são um pouco maiores e sua cabeça termina em uma especie de bico, com 120 dentes.

São interessantissimos os golfinhos, brincando como creanças. Reunem-se em bandos de vinte ou trinta e saltam ou nadam, formando circulos, durante horas inteiras. E' tão habil nadador o golphinho, que não ha navio que o vença na corrida.

Outra singularidade: Marsuinos e golfinhos têm voz. O primeiro, vendo-se atacado, grita como um pavão; os golphinhos soltam mugidos, semelhantes aos da vacca e, quando estão brincando juntos, fazem grande al-

gazarra, gritando todos ao mesmo tempo, como se estivessem rindo.

A LEGENDA DAS SEREIAS

Outro cetaceo notavel é o dugonez, que, provavelmente, deu origem á legenda das sereias.

Um golfinho, animal marinho, que grita e brinca como uma creança.

Os antigos acreditavam que havia no mar uma raça de animaes fantasticos, tendo até á cintura fórma humana e da cintura para baixo fórma de peixe.

Os primeiros ingenuos, que espalharam essa lenda, tinham, de certo, visto algum dugonez, animal cuja cabeça tem, de facto, semelhança humana.

Ha ainda outro animal parecido com o dugonez, o lamentin, que vive sempre nas profundidades. O dugonez, porém, vem constantemente á tona e até sóbe pelos rios para comer as hervas, que crescem nas margens.

Outra circumstancia deve ter concorrido para que os antigos pescadores da Grecia, confundissem esses cetaceos com creaturas humanas. E' que tanto o dugonez, como o lamentin, quando têm filhos pequenos, dão-lhes de mamar e andando á tona da agua, levam-os nos braços — isso é, nas nadadeiras, que são largas e articuladas, como braços humanos, de modo que lhes permittem embalar os filhos como as mulheres.

O MAIS INTELLIGENTE DOS CETACEOS

E' a phoca. Talvez o mais feio de todos os animaes é, entretanto, dotado de espirito observador e aprende, com facilidade espantosa, tudo quanto se lhe ensina.

Note-se que, a despeito de toda a perseguição dos caçadores, a phoca procura constantemente approximar-se dos homens, como se não pudesse resistir á tentação de observal-os.

As caçadas de phocas constituem uma industria muito rendosa, porque d'ellas se aproveita o azeite, a banha, e o couro, que, em algumas phocas, é rijo, impermeavel e excellente para fazer botas, em outras é ornado com pelliças, que o tornam precioso para fazer os mais lindos mantos para senhora.

Todas as phocas passam a maior parte do tempo dentro da agua, mas podem tambem andar em terra, onde se arrastam com grande rapidez, servindo-se das nadadeiras, como patas. Ha uma especie de phoca chamada otario, que tem as nadadeiras articuladas, de modo que até podem subir ladeiras e escadas e até dar saltos a mais de um metro de altura.

As phocas são tambem dotadas de voz e de ouvido muito apurado. Quando são pequenas balam como carneiros e depois de adultas soltam um grito um pouco rouco, mas singularmente forte.

Nos jardins zoologicos e nos circos, são os bichos mais faceis de tratar; além de intelligentes, as phocas são affectuosas, e fazem caricias a seu dono como os cães. Gostam de musica, que ouvem com verdadeiro enlevo e interrompem tudo quanto estiverem fazendo para ouvir o som dos sinos.

Têm appetite formidavel e, quando se alimentam todos os dias, engordam muito, mas, tambem podem passar até trez mezes sem alimento algum.

A PHOCA GIGANTE CHAMA-SE MORSE

A morse é uma phoca de grandes proporções, tambem chamada *elephante do mar*, que chega a ter 4 metros e meio de comprimento.

O que mais distingue a morse das outras phocas é ter o corpo muito pelludo e possuir no maxillar superior dous enormes dentes curvos.

Embora seja enorme, muito forte e armada com tão grandes dentes, a morse é o mais pacifico dos animaes. Serve-se d'aquelles terriveis dentes apenas para arrancar das pedras os molluscos com que se alimenta; parte a casca do mollusco e apanha-o com a lingua. Sempre que é atacada procura fugir e só se defende quando não pode appellar para a fuga; mas, então, é um adversario terrivel.

O dugonez, que deu origem á legenda das sereias.

Os exercicios physicos produzem saude

(COMO SE ZELA PELA SAUDE E ROBUSTEZ DO POVO NOS ESTADOS-UNIDOS)

Que o exercicio physico, feito com methodo, proporciona saude ao corpo e, por consequencia, efficiencia mental e actividade physica, é um facto ha muito conhecido, não obstante ser praticamente ignorado pela nossa moderna civilisação. Por exemplo, as condições physicas dos estudantes, nas grandes universidades e collegios, eram cousas consideradas sem importancia para as autoridades das instituições, a menos que alguma molestia epidemica lhes abalasse todo o organismo.

Presentemente, porem, que a sciencia tem demonstrado que as medidas preventivas têm mais valor do que os meios curativos, cuidados mais sérios dedicam os medicos aos estudantes nas principaes universidades dos Estados Unidos e, em alguma das maiores instituições, um departamento clinico zela não só pelo corpo collectivo dos estudantes como de cada um em particular.

Quando um estudante entra para a Universidade de Wisconsin, em Madison, (Estados Unidos), onde um magnifico gabinete clinico foi estabelecido, elle é cuidadosamente examinado. Olhos, dentes, orgãos respiratorios, coração e desenvolvimento muscular, tudo passa por exame attento e, caso algum defeito seja descoberto, administram-lhe immediatamente tratamento medico.

Muitas vezes, defeitos physicos como curvatura da espinha, funccionamento irregular do coração, entorpecimento do figado e semelhantes molestias são completamente curados pelo exercicio physico propriamente observado.

Os estudantes defeituosos são obrigados a se apresentarem de quando em vez para que sejam reexaminados, mantendo-se uma relação constante do seu estado. O corpo dos estudantes assim conservados, tanto quanto possivel, em estado sadio tem a sua efficiencia mental no seu maximo.

As casas onde moram os estudantes são, por sua vez, examinadas e inspeccionadas pela repartição clinica da Universidade e se alguma cousa é nellas encontrada irregular, é immediatamente corrigida.

O custo d'este departamento para a Universidade é mais ou menos de $25.000 (75 contos de réis), por anno, ou sejam $5 (15$000) por alumno. O corpo medico recebe o seu salario da instituição, sendo, por consequencia, gratis aos alumnos. Estes medicos ganham, para conservar o corpo do estudante no mais perfeito estado de saude possivel, e, uma vez que elles não recebem remuneração individual, é unicamente de seu interesse evitar toda e qualquer molestia, bem como debellar as que apaprecem, o mais depressa possivel. No anno passado, de 1915, os medicos attenderam approximadamente a 15.000 visitas, algumas das quaes de molestias chronicas. Uma média de 159 pacientes foi attendida diariamente, incluindo aquelles que foram feridos nos campos de jogos athleticos.

O valor do exercicio physico methodico e systematico, não só para a cura como para combater e prevenir muitas das molestias, tem sido recommendado pelos principaes medicos e cirurgiões americanos. Como exemplo, podemos citar trechos de uma conferencia feita por uma autoridade medica de New York, o Dr. William S. Bainbridge, num congresso medico recentemente reunido em Atlanta, sobre as condições sanitarias do canal digestivo. Segundo altas autoridades medicas, grande parte das molestias, que abatem o corpo humano, pode ser attribuida a um estado de preguiça chronica dos intestinos. Esta phrase technica significa uma passagem vagarosa dos alimentos no systema digestivo, a qual determina a formação de ma-

COMO SE APRENDE A CONSERVAR O PORTE ERECTO, QUANDO SE ESTÁ EM PÉ OU ANDANDO — A' esquerda: Maneira de corrigir os hombros cahidos e adquirir um porte esbelto, fazendo balançar na cabeça um tijolo. A' direita: Passeio sobre tijolos afim de exercitar os musculos e desenvolver principalmente os da perna.

terias venenosas, em excesso, especialmente nos intestinos delgados.

D'isto resulta que todos os tecidos do corpo, embebidos neste sangue, cheio de venenos, se degeneram e offerecem menor resistencia para a infecção.

Entre as molestias que podem ser attribuidas á preguiça intestinal podem-se mencionar as seguintes: Perda de gordura; fraqueza muscular; modificação da pelle por degeneração; baixa temperatura do corpo; apathia mental; estupor ou molestias tendentes á melancholia; dôres rheumaticas; affecção da glandula thyroide e suas consequencias; degeneração que pode affectar o systema respiratorio, podendo se transformar em cancro; alteração na posição dos orgãos abdominaes; difficuldade respiratoria; degeneração dos musculos do coração; diabetes; degeneração dos rins, que conduzem ás molestias de Bright; perturbações no figado; affectação visual; rheumatismo articular e muitas outras affecções, que têm a sua séde nas proprias paredes do canal intestinal.

E' dever do cirurgião debellar estas calamidades, depois de observadas por meios cirurgicos, por consequencia "melhor seria, como diz o Dr. Bainbridge, evital-as. A hygiene e tratamentos medicos curam grande parte das molestias quando em começo e, por certo, nunca se devia permittir que um caso em dez, ou melhor um em vinte, chegasse ao ponto de necessitar intervenção cirurgica."

As medidas preventivas a que elle se refere são principalmente a dieta, hygiene e supporte mecanico ás paredes abdominaes. Meios preventivos permanentes implicam-se mais com a hygiene do que com medicações e deviam ser mais usados aquelles que trazem um desenvolvimento natural e normal, do que os que recorrem á estimulantes artificiaes, (purgantes). E para conseguir este fim, talvez não haja cousa mais importante e tão descuidada, como conservar as paredes dos intestinos normaes, nas proprias dimensões, com resistencia muscular adequada, afim de bem supportarem o seu contendo. Isto pode ser conseguido com a observação das seguintes regras: 1ª — *Evitar comer demasiadamente, porque as paredes abdominaes não podem trabalhar com uma carga excessiva de gordura;* 2ª — *Fazer exercicio systematico com os musculos abdominaes por alguns minutos durante o dia, ou melhor trez vezes por dia* e 3ª — *Procurar dar ao corpo uma posição correcta quando se anda, conserva-se em pé, e, particularmente, quando se assenta.*

As paredes abdominaes podem ficar fracas a tal ponto que permittem deformações intestinaes.

Isto é particularmente verdadeiro para aquelles que têm uma vida sedentaria. Exercicios muito praticos podem ser feitos quando se está deitado de costas, na cama, em se levantando-se as pernas uma cada vez ou ambas ao mesmo tempo, algumas vezes seguidas ou, então, virando-as no ar, ou mesmo movendo-as como se estivesse nadando. Estes movimentos, como muito cêdo se verá, trarão uma certa resistencia aos musculos abdominaes, desenvolvendo-os.

E, caso seja praticado dias seguidos, os resultados serão ainda mais manifestos. Ainda, antes de levantar e ao deitar, deve-se dar aos musculos abdominaes um certo exercicio para estimulal-os, conservando-se firme numa das pernas e a outra balançando á semilhança de um pendulo por dous ou tres minutos.

Procurar tambem tocar as pontas dos pés, sem dobrar os joelhos, tambem é um magnifico exercicio, como tambem balançar os braços, tanto quanto se pode acima da cabeça. Estender os braços em todo o comprimento e procurar virar o corpo em todos os lados, tanto quanto se possa, sem mover os pés, é um exercicio que traz ao abdomem uma acção vigorosa. Em addição a tudo isto tome-se trez ou quatro copos de agua por dia e ande-se oito kilometros, ou então disponha diariamente de meia hora para gymnastica, que nunca terá necessidade de consulta medica e a efficiencia do trabalho augmentará cento por cento.

COMO SE CURAM DEFEITOS PHYSICOS POR MEIO DA GYMNASTICA — O exercicio feito nesta posição, de costas, levantando-se uma perna e depois outra e ambas ao mesmo tempo e por vezes repetidas serve não só para desenvolver os musculos do abdomem como tambem para fortalecer o coração.

Walter Badra, nosso futuro assignante residente em S. Paulo

Conto do Natal

Naquelle anno, o Natal corria triste. As ruas se achavam desertas, e a chuva cahia em bategas, envolvendo a cidade num silencio profundo e tristonho.

Num velho casebre abandonado, situado numa pequena aldeia, habitava Maria, pobre viuva, com seus dous filhos, Dóra, de seis annos, e João, de quatro annos de edade. Apezar da grande mizeria em que se achavam, as creancinhas, numa immensa alegria, esperavam a noite, afim de receberem de "Papá Noel" as bôas festas, como acontecia nos outros annos, quando o pai era vivo.

Maria olhava entristecida para os filhos, pensando na cruel decepção que teriam, quando vissem desvanecidas todas as suas esperanças.

Pobres creanças! Mal a noite vinha chegando, foram pôr os tamanquinhos, já velhos, junto do fogão e adormeceram no fôfo leito, emquanto a pobre mãi velava junto d'elles.

Passaram-se as horas, lá fóra ouvia-se o barulho da chuva, que cahia torrencialmente; Maria, vendo os filhos adormecidos, recolheu-se tambem ao leito.

Odette Teixeira, nossa gálante amiguinha e seu interessante cãosinho Tom

Era alta noite quando ouviu que batiam á porta. A bondosa mulher levantou-se, tiritando de frio, e, virando o ferrolho, deparou com um velho, pobre e doente, que pedia agasalho.

Compadecida, mandou-o entrar e, offerecendo-lhe um pedaço de pão, unico alimento que possuia, accendeu o lume, para onde o infeliz se abeirou. O mendigo ficou por algum tempo junto ao fogo, e aos primeiros albores da aurora, retirou-se, depois de agradecer a pousada.

Maria foi despertar os filhos e, por acaso, olhando para o chão, ficou pasmada, ao vêr os tamanquinhos transbordando de moedas de ouro, e diversos presentes sob o fogão. As creancinhas, com grande contentamento, começaram a escolher os brinquedos e os "bonbons", emquanto que Maria agradecia fervorosamente a Deus.

E' que "Papá Noel" viera visital-os.

STELLA DE ALMEIDA.

Aspecto da assistencia em um baile infantil, realisado no dia 12 de Outubro, no Club dos Diarios

A MENDIGA

Logo ao amanhecer, a pobre velha Luiza abria a porta de seu lugubre casebre e dirigia-se para a margem de um rio que passava perto de seu casebre; depois passava uma ponte, que a separava da outra margem da cidade, e dirigia-se para ella por uma estreita estrada.

Ahi chegando, como era seu costume, ia esmolar um pedaço de pão para matar a fome; algumas almas caridosas davam, outras não davam. Esmolando aqui e alli, ia encontrando quem désse alguma esmola.

Estava approximando-se o Natal e a pobre lembrava-se que não podia armar o seu presepe, como costumava nos annos anteriores.

A mendiga recordava isto com tanta tristeza, que rompia em lagrimas.

Mas o que havia de fazer?

Era essa a sua sorte.

Certa tarde, de volta, encontrou-se com outra mendiga, que lhe perguntou:

— A senhora tem casa?

— Tenho um casebre, que era de meu marido, e, como elle morreu agora estou morando nelle só.

— Então podia deixar-me morar comsigo, pois eu teria abrigo, e não dormiria ao relento.

— Pois sim — respondeu a pobre Luiza.

Dirigiram-se ao casebre as duas mendigas e logo no dia seguinte a pobre Luiza, que se entristecia ao lembrar-se que não podia armar o seu presepe, teve uma ideia.

Combinou com Elvira, a outra mendiga, que iriam vêr se poderiam esmolar algum dinheiro para armarem o présepe.

Combinado, logo no dia seguinte partiram cedo de casa e, ao voltarem, tinham esmolado 400 réis.

Nesta noite quasi que não dormiram, só fazendo planos para o présepe.

Quatro dias antes do Natal tinham a quantia necessaria; formaram logo o présepe e a pobre Luiza, ao vêl-o prompto, quasi chorava de alegria.

Rio.

João da Silva Balthazar
(12 annos)

Gastão Egalon, de 8 annos de edade e seu irmão Raul, de 13 annos de edade, filhos do Sr. Ludovico Egalon, residente em Divisa, Estação de Floriano (Estado do Rio).

UMA COMBINAÇÃO PÉRFIDA

1] O joven Celestino recebeu um dia uma carta de seu tio Gaudencio, convidando-o para uma caçada. Sabendo que Gaudencio é um pandego...

2) ... sempre prompto a pregar partidas aos outros, Celestino foi para casa de seu tio, meio desconfiado. Mas o tio recebeu-o muito bem.

3) Jantaram alegremente e depois recolheu-se cada um a seu quarto bem cedo, para que pudessem no dia seguinte sahir com a madrugada.

4) Ao sahir, o tio propoz-lhe uma combinação. — Cada um carregará a caça que o outro matar, está dito? — Está dito?—respondeu Celestino, que...

5] ... contava abater tanta caça como Gaudencio. Mas, logo no primeiro tiro, o rapaz atirou contra um bando de passaros e não acertou em nenhum.

6) Gaudencio atirou e abateu logo dous, que Celestino teve que pôr na sua bolsa. Mais adiante, um coelho atravessou o caminho. Celestino atirou. O coelho...

7)... continuou a correr. Gaudencio atirou. O coelho deu um salto e cahiu morto.—Toma lá—disse o tio—Tens que carregar mais isto, Celestino.

8]... começou a comprehender que fizera mau negocio com a combinação. A cada tiro o tio Gaudencio abatia algum animal, que passava ao sobrinho.

9] Celestino cada vez ficava mais carregado e o tio continuava a caminhar muito lampeiro, sem carga alguma. De repente, um leitão já bem crescido surgiu...

10]... correndo, na estrada. Celestino fingiu que o julgava um javali e deu-lhe um tiro. O tio ainda quiz detêl-o, mas era tarde. D'essa vez como o alvo era maior a bala acertára e o leitão estava morto.

11] Celestino fingiu-se muito envergonhado com o engano e ainda mais aborrecido quando uma camponeza, dona do leitão, appareceu, furiosa, exigindo que lhe pagassem o animal.

12] O sobrinho pagou mas, de accôrdo com a combinação, o tio teve que pôr o leitão ás costas e, carregal-o para casa. E por detraz era o Celestino que ria agora.

A ARANHA ENCANTADA

1) Ali Rachid era filho do Sultão de Bagdad. Quando o sultão morreu o grão-vizir Hassan promoveu uma revolução, apoderou-se do throno e prendeu Ali em um...

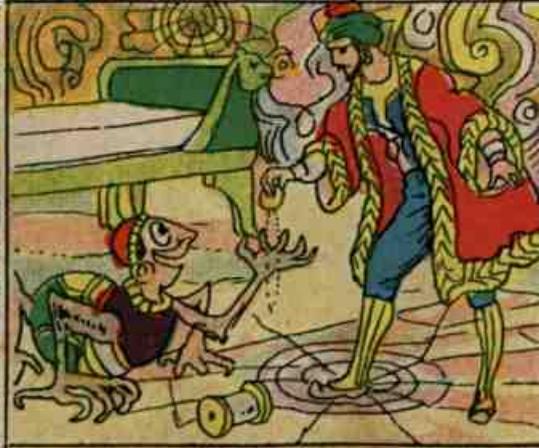
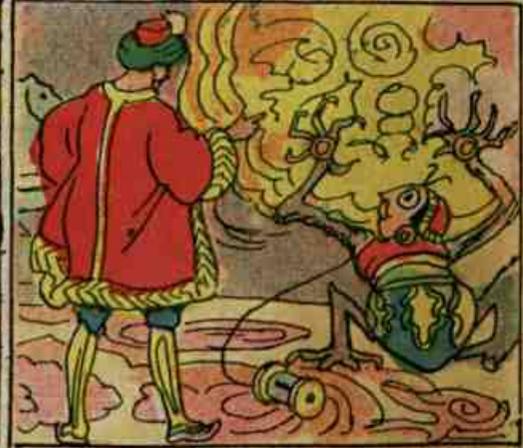
2)... calabouço do palacio, o mais profundo e sombrio. O principe, habituado a viver em aposentos esplendidos, sentiu-se horripilado naquelle carcere rude e grosseiro.

3) Mas, no dia seguinte, quando despertou, o principe teve a surpreza de vêr as paredes do carcere cobertas de rendas tão finas...

4)... e tão bem coloridas, que lhe davam um aspecto de um palacio feérico. Depois, a cada dia, aquella ornamentação magnifica variava. E o principe não conseguia descobrir quem assim...

5) ... ornava sua prisão. Mas, uma noite, fingiu que dormia para vêr o mysterioso amigo, que assim o consolava. Mas soltou um grito de horror. Quem fazia aquellas rendas deslumbrantes era uma aranha...

6)... monstruosa, medonha, com cabeça de mulher. O principe tentou agarral-a e, para que não fugisse, segurou-a por uma corrente que pendia de seu pescoço. Nessa corrente havia uma caixinha.

7) Ali abriu-o e viu nella um pequeno coração de ouro, que batia como se fosse vivo. A aranha, que parecia vêr tambem aquelle objecto pela 1ª vez, fitava-o...

8) ...attentamente. E, quando o principe lh'o restituiu, ella se mostrou muito agradecida e satisfeita. Desde esse dia a singular aranha...

9) ...passou a trabalhar, durante o dia, diante do principe, que não se cansava de admirar sua habilidade. Mas, um bello dia...

10) ...Ali ouviu gritos de triumpho. O povo expulsára do throno o vizir usurpador e vinha buscal-o para entregar-lhe o poder.

11) Naquella alegria, Ali Rachid, feito sultão, esqueceu a aranha; mas no dia seguinte ao despertar, no leito real, viu seu quarto todo adornado de rendas finissimas. Porém os criados...

12) ...africanos, insensiveis á belleza, apenas entraram no quarto, trataram logo de arrancar e destruir aquellas rendas, que lhes pareciam inconvenientes.

(Conclúe na pagina seguinte)

A ARANHA ENCANTADA

(CONCLUSÃO)

1) Quando Ali ficou só, a aranha appareceu-lhe muito triste. Era evidente que ella comprehendia que no palacio não poderia estar sempre em sua companhia.

2) Mas não perdia uma occasião de se fazer lembrar. Escondida na adega, cobria de rendas finissimas as garrafas, que deviam vir á mesa do sultão.

3) Ainda assim os criados a descobriram e não tendo coragem de matal-a, por vêl-a tão horrenda, apenas a tocaram para a rua. A aranha, fugindo...

4) ... deixou cahir seu coração de ouro. Ali Rachid curvou-se, apanhou e guardou aquelle coração, que batia mais forte do que nunca. Depois, esqueceu-se...

5) ... d'elle. O novo sultão andava preocupado; uma princeza estrangeira, que chegára á cidade, apaixonara-o. Uma noite, Ali sahiu do palacio sósinho e encontrou...

6) ...a aranha, que lhe disse baixinho: —Cuidado! O sultão não lhe deu attencção. Elle ia a casa da princeza, que o esperava no terraço. Ao vêl-a tão linda, Ali esquecia tudo.

7) E a estrangeira, curvando-se para a rua, disse-lhe: —Meu senhor! Dê á minha casa a honra de sua presença, entre. O sultão entrou, mas antes d'elle...

8)... a aranha entrára tambem e atravessára na porta um véu de renda tão fino e gracioso que a estrangeira quiz collocal-o sobre a cabeça.

9) Mas, immediatamente, o véu, puxado pela aranha, transformou-se numa corda que, enrolando-se no pescoço da estrangeira, enforcou-a. O sultão...

10)... indignado deu um ponta-pé na aranha, que foi cahir inerte junto á parede. Mas então, querendo acudir á estrangeira, encontrou entre suas roupas um punhal e uma carta do vizir Hassan.

11) Aquella mulher era uma agente de seus inimigos e pretendia assassinal-o. Comprehendendo que a aranha lhe salvára a vida, o sultão correu a ella e, julgando-a morta, quiz ao menos restituir-lhe o coração de ouro.

12) Immediatamente, a aranha transformou-se em uma moça de deslumbrante belleza, que lhe disse: — Eu estava encantada por um genio máu. Salvei-te, mas tu quebraste meu encanto. Aqui tens minha mão.

O CONDEMNADO POLITICO

1) Isso passou-se no tempo chamado da Restauração, quando o imperador Napoleão I foi desthronado e exilado para a ilha de Elba. Uma noite, dous velhos camponezes, muito pobres, ouviram bater á...

2)... porta, alta noite e,indo abrir, viram entrar um homem embuçado, que lhes pediu agasalho. Os camponezes offereceram seu proprio leito e não estranharam aquella scena. Elles bem sabiam que...

3)... muitos officiaes de Napoleão,não querendo servir o novo governo de seu paiz, tinham quebrado sua espada, demittindo-se do exercito e eram por isso perseguidos pela policia. O que os...

4)... camponezes não sabiam é que esse hospede mysterioso era o general Brunier, que, além de recusar servir o novo governo, urdira contra elle uma...

5) conspiração e fôra por isso condemnado á morte e obrigado a fugir. No dia seguinte, logo ao amanhecer, Brunier despediu-se dos velhos camponezes e ia partir...

6)... quando uma tropa policial se apresentou para revistar a casa, á procura de condemnados politicos. O camponez deixou que sua mulher recebesse os...

7]... soldados e levando o hospede para o paiol escondeu-o tão bem, debaixo de um monte de palha, que ninguem o poudeencontrar. Mas, pouco...

8)... depois, indo á aldeia, o camponez ouviu annunciar que o governo daria um premio de 10 mil francos a quem indicasse o esconderijo do general Brunier.

9) Voltando a casa, o camponez contou esse facto e, ouvindo-o, seu hospede empallideceu. A' tarde appareceu um credor do camponez, que não poude pagar a conta...

10) ...e teve que entregar em pagamento a unica vaquinha que possuia. Vendo-o muito triste por isso, o hospede disse-lhe de repente: —Ouve... Queres ganhar dez mil francos? Eu sei onde está o...

11) ... general Brunier. Mas o camponez protestou, indignado:— Pois imagina que por dinheiro eu vou trahir um desgraçado? Ponha-se já d'aqui para fóra. Então o hospede confessou que era o proprio general.

12) Um mez depois,Napoleão voltava ao throno e Brunier,entrando novamente na posse de sua fortuna,poude dar ao nobre camponez os dez mil francos, que elle não quizera ganhar com uma trahição.

OS TAMANQUINHOS PARA O MENINO-DEUS

CONTO DO NATAL

Por mais que Pedro procurasse, em sua memoria, não conseguiu encontrar nella uma só d'essas recordações doces e enternecedoras, que são sufficientes para encher de encanto e perfume toda uma existencia... Nem um sorriso feminino acariciára suas maguas, nunca um gesto maternal envolvera no berço ou enxugára suas lagrimas.

Seus pais haviam morrido, quando elle contava apenas um anno de edade; uma epidemia cruel levára-os quasi ao mesmo tempo para o tumulo e, antes de saber fallar, Pedro era orphão

Foi recolhido por uns vizinhos, Nicoláu, o fabricante de tamancos, e sua mulher.

Nicoláu, homem de espirito pratico, dissera:

— Elle nos custará despezas e trabalhos nos primeiros annos, mas, quando chegar á maioridade receberá as economias que seus pais ajuntaram na Caixa Economica e que nos poderão auxiliar; além d'isso, logo que elle chegue a certa edade, eu lhe ensinarei o officio e elle me ajudará com seu trabalho.

Assim foi decidida a sorte de Pedro, quando elle ainda não era capaz de comprehender cousa alguma.

Dito e feito. Desde que o menino teve 8 annos, o velho Nicoláu começou a lhe ensinar o fabrico de tamancos e Pedro, que tinha genio docil, obedecia a suas indicações, applicando-se quanto podia para fazer do

Remendado e sem agasalho, Pedro ia ás compras com qualquer tempo

melhor modo possivel o que lhe era ordenado. Por um instincto natural o pobre menino parecia comprehender, que devia ser mais submisso do que qualquer outro, porque não se sentia em sua casa, como Julieta e Felix, que eram filhos de Nicoláu.

A gente da aldeia dizia-lhe que o tamanqueiro o tinha recolhido por caridade e o menino, convencido d'isso, julgava-se obrigado a manifestar seu reconhecimento pela mais absoluta obediencia e todas as attenções, não só para com o tamanqueiro, como perante seus filhos.

Era elle quem concertava os vestidos da boneca de Julieta e fazia os lindos barcos de madeira com que Felix ia brincar á beira do rio. Era ainda elle quem ia ás compras, ainda que estivesse chovendo a cantaros; era tambem elle, quem vigiava o fogo da cozinha e tomava conta da casa, quando todos iam a alguma festa ou passavam o dia em passeio.

Aos domingos, Julieta vestia um lindo trajo bordado, preso com um largo cinto côr de rosa; Felix tambem deitava elegancia, hirto, quasi sem se mover, mettido numa roupa nova. Quanto a Pedro, ficava com a velha calça remendada e o velho casaco, cujas mangas mal passavam dos cotovellos, deixando descobertos os pulsos.

Mas Pedro não se queixava; resignado á sua triste sorte, achava natural aquella desegualdade; elle já sabia que o mundo é assim mesmo, dividido entre gente feliz e des-

TULLIO POLICIAL, por Ivan

1) A mãi de Tullio, notando um grande desfalque na lata dos biscoitos, chamou-o á ordem.

2) Tullio, indignado com a accusação, negou ser elle o autor do audacioso roubo, promettendo a sua mamãi que providenciaria para tirar a limpo esse caso.

3) No dia seguinte, recebeu Tullio a visita de seu amigo Claudio, a quem havia visitado na vespera, e com elle leu os jornaes para vêr se não commentavam o facto e combinou com Claudio um meio para pegar o ladrão.

graçada, pobres e ricos. Elle não comprehendia porque ha de o mundo ser assim, mas resignava-se.

De resto, como só sahia a passeio nos dias em que não havia tra-

— Elle é pobre porque tem pena de todo o mundo, comprehendes?

balho, e nesses dias, exactamente porque os outros sahiam, elle era forçado a ficar tomando conta da casa, é evidente que não podia sahir nunca e, portanto, não precisava de uma roupa nova.

Para ir ás compras, podia ir remendado, como vivia sempre.

Nunca fôra, sequer, a uma egreja, das quaes só conhecia o som dos sinos, que o fazia devanear melancolicamente, ouvindo o toque da *Ave-Maria*.

Uma noite, a 23 de dezembro, Pedro estava trabalhando junto á lampada fumacenta.

D. Elisa a mãi de Julieta e de Felix estava na cozinha, preparando a refeição. Nicoláu sahira.

Pedro apressava-se a terminar um par de tamanquinhos envernizados, porque Cecilia, a moça mais faceira da aldeia, queria estreal-o na missa do Gallo.

Nesse momento, Julieta e Felix voltaram da aula de Cathecismo; vinham ainda tiritantes, porque o frio lá fóra estava muito forte.

— O novo vigario deu-nos *bonbons* — disse Felix, muito satisfeito.

— Devéras! — respondeu Pedro, com indifferença.

— E fallou-nos do *Petit Noel*, o ajudante de Papá Noel, o Jesus-Menino, a quem os pastores offereceram carneirinhos brancos e a quem os Reis Magos levaram bellos presentes.

— Jesus-Menino? Aquelle que está no seu quarto, com um bello vestido azul? — perguntou Pedro, mais interessado.

— Não — disse Julieta — Aquelle é uma imagem; o Sr. Vigario fallou-nos do verdadeiro Jesus-Menino...

— Ah! Então ha um Jesus verdadeiro? — perguntou Pedro, estupefacto.

— Pois então, tolo! — exclamou Felix.

— E onde está elle?

— Está no céu, mas, na noite de Natal, vem á *crèche*, na egreja.

— Vive no céu? — repetiu Pedro, pensativo. — Então, deve ser muito rico.

Julieta e Felix desataram a rir da ingenuidade e ignorancia de Pedro.

O orphão trabalhava só, junto da lampada fumacenta

— Qual rico! — disse a menina. — Elle é até muito pobre; tanto que tem por cama uma pouca de palha, num estabulo, de pés descalços, com uma camisinha muito simples...

— Descalço, com este frio? Pobre creancinha — murmurou Pedro. — Mas, então, elle não tem quem cuide d'elle?

— Tem seu papai e sua mamãi, que são S. José e a Virgem Maria — explicou Felix.

— Mas eu não comprehendo —

TULLIO POLICIAL, por Ivan (Continuação)

4) Nada encontrando nos jornaes, Tullio foi á Bibliotheca Nacional lêr historias policiaes, para buscar nellas um caso semelhante, pelo qual pudesse orientar sua acção.

5) Não obtendo, porém, resultado com os estudos feitos na Bibliotheca, Tullio e Claudio resolveram agir juntamente com um pelotão de policiaes, que puzeram de promptidão para o alarme.

6) E, para maior segurança, Tullio armou-se com a garrucha de papai.

disse Pedro, que nunca ouvira fallar em taes assumptos. — Mas se elle vive no céu e tem tanto poder, como póde ser pobre?

— Ora! — disse Julieta — Isso é muito difficil de explicar. O Sr. Vigario disse que elle é pobre, porque tem amôr a todo o mundo...

—A todo mundo? — repetiu Pedro, admiradissimo...

— Sim... O Sr. Vigario disse que elle conhece todos nós e que ás creanças que não têm mãi elle empresta a sua, porque quer ser tão pobre como os mais pobres.

Tantas maravilhas pareciam impossiveis ao orphão. Desconfiado, perguntou:

— Mas você já viu Jesus-Menino?... Já viu mesmo?...

— Vi-o no anno passado, na noite de Natal, lá na egreja. Este anno ainda não o vi, porque elle só chegará para a missa do Gallo.

Accendeu novamente a véla e, sentado na cama, começou a trabalhar.

— E é grande?...

— D'este tamanho.

E Julieta abriu os braços, indicando o tamanho de uma maior boneca.

Pedro desejava fazer ainda outras perguntas, mas os dous irmãos correram para a cozinha, para beijar sua mãi.

* * *

O orphão ficou só, na officina, como era costume e, sem mais levantar a cabeça, continuou a trabalhar nos tamanquinhos envernizados, que Cecilia encommendára para o dia seguinte.

Mas, trabalhando, reflectia e no mysterio de seu cerebro, no fundo de sua consciencia, no calor de seu coração, cuja existencia ninguem procurava conhecer, agitavam-se mil ideias e sentimentos.

Mas, suas mãos activavam-se, mais habeis e diligentes do que nunca. Porque razão se apressava elle assim, tanto? Porque se absorvia com o trabalho, a ponto de não vêr quando Nicoláu chegou e sentou-se na outra banca de trabalho a seu lado?

Sómente depois de terminar a obra é que se ergueu e, vendo o patrão, mostrou-lhe que havia acabado a encommenda.

— Está bem, pódes ir ceiar — disse Nicoláu.

Os outros já tinham ceiado.

Pedro foi ao guarda-comidas, apanhou um prato, nelle collocou um pouco de carne fria, um pouco de arroz, apanhou um pedaço de pão e foi se sentar em um banco, para comer, com o prato sobre os joelhos, sósinho, diante do fogão já frio, emquanto na sala, ao lado, Julieta e Felix, sentados junto de sua mãi, riam alegremente.

Depois, Pedro lavou o prato, arrumou-o no armario, onde se guardava a louça e recolheu-se a seu quarto, onde toda a mobilia se compunha de uma cama de ferro e uma pequena prateleira, que elle mesmo arranjára com uma taboa, para lhe servir de mesa de cabeceira.

* * *

Pedro apagou a vela, mas não se deitou.

Ficou sentado, quieto, com o ouvido alerta.

De vez em quando approximava-se da porta, pé ante pé, e observava se ainda havia gente acordada em casa.

Por fim, quando todos os rumores cessaram, e elle se convenceu de que todos estavam dormindo, accendeu novamente a vela e tirou de sob o colchão varios objectos, que ali escondera, ao entrar no quarto.

Depois, durante duas horas, suas pequeninas mãos, congeladas pelo frio, trabalharam febrilmente.

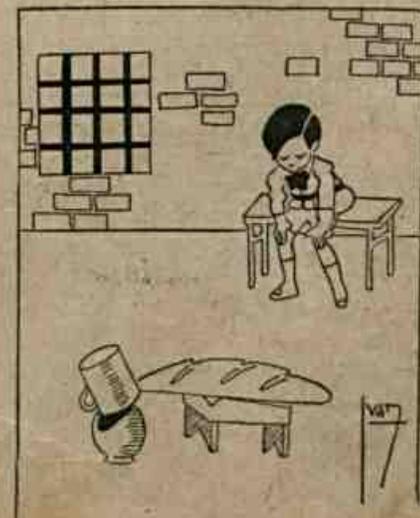
— Então?... E o puding? — perguntou Nicoláu logo que entrou

Em que se occupava, assim, o pobre orphão?

Por fim, a vela acabou, a chamma crepitou um pouco e extinguiu-se.

Pedro, tonto de somno, espreguiçou-se entre os lençóes e adormeceu quasi immediatamente.

TULLIO POLICIAL, por Ivan (Conclusão)

7) Deixando todo esse pessoal de sentinella lá fóra, Tullio voltou á lata de biscoutos. Mas foi apanhado em flagrante e preso por seus proprios policiaes.

8) E o falso "detective" foi ficar de castigo, a pão e agua, durante alguns dias, não só pelo facto de roubar biscoutos, como, ainda, por ser mentiroso.

Estamos na vespera de Natal.

Nicoláu, Elisa e seus filhos, esperam, diante do fogo, que se ergue jovialmente, a hora de sahir para a missa do Gallo.

Pedro, tambem alli está, embora saiba que não irá. Como de costume, elle tem que ficar para tomar conta da casa.

Não protesta, não se revolta, não pede para ir tambem. Está tão habituado a obedecer, a submetter-se,

Pedro não tinha medo de se vêr na egreja tão grande e deserta

que nem sequer tem a lembrança que as cousas poderiam ser de outro modo.

De repente, o repicar dos sinos vibra no ar, evocando o mysterio divino de Bethlem.

Nicoláu veste seu grosso capote de lã; sua mulher envolve-se no manto negro e agazalha bem os filhos.

Julieta e Felix não cessam de rir. Aquella sahida nocturna parece-lhes deliciosa. Nicoláu preferiria ficar em casa tranquillamente, mas quer dar aquella alegria aos filhos; demais, consola-se do incommodo de sahir, pensando no succulento puding, que vai ficar no fogo, sob a guarda de Pedro, e que será comido, na volta.

— Muito cuidado com o puding — diz elle ainda ao sahir.

— E não abras a porta a pessôa alguma... Cuidado com os ladrões — recommendou Elisa.

— Sim, senhor, sim senhora — disse Pedro.

E ficou só, em casa.

Approximou-se da janella e, atravez da vidraça, olhou para fóra.

A estrada, coberta de neve, está toda de uma alvura deslumbrante...

O céu, muito escuro, tem milhões de estrellas...

Como está linda a noite! Ao longe as lanternas dos camponezes, que se dirigem para a egreja, parecem pyrilampos adejando...

Pedro sente uma lagrima correr-lhe pela face.

Não a enxuga, porque, felizmente, não ha alli pessôa alguma; portanto, elle não precisa esconder-se para chorar, para desabafar em lagrimas a angustia indecisa, que elle mesmo não saberia explicar, mas que comprime seu coração, dolorosamente.

Mas o orphão não queria perder tempo, correu a seu quarto e recomeçou o trabalho, que começára na vespera, durante a noite.

Os sinos soaram de novo, annunciando a meia noite. E Pedro continuava a trabalhar.

* * *

— Então!... e o puding? — perguntou Nicoláo ao voltar.

Foi sua primeira pergunta, logo que Pedro abriu a porta.

— Ahi está — respondeu o menino, collocando o prato sobre a mesa.

— Pois, muito bem, puxa teu banco para aqui. Hoje é a noite de Natal, vais comer á mesa, comnosco.

* * *

No dia seguinte, a neve cahiu sem cessar, desde o amanhecer.

A' tardinha, Nicoláu mandou Pedro á aldeia fazer uma compra.

Ao ouvir a ordem, o menino levantou-se com um fulgor singular nos olhos, como se esse serviço, a fazer debaixo da nevada, sem agazalho, sem capote, fosse para elle um prazer immenso!

Sahiu a correr... Nunca ninguem o vira caminhar com tanta pressa. Mas todos imaginavam que elle corresse assim para aquecer o corpo e resistir ao frio. Quem poderia imaginar que sua carreira tinha por fim ganhar tempo para ir á um logar, antes de fazer a compra que seu patrão ordenara?

Elle não sentia o frio. Só de se lembrar que Jesus-Menino tinha sobre o corpo apenas uma camisinha muito simples, parecia-lhe que estava muito agazalhado.

Correu até á egreja e hesitou um momento, diante da grande porta, que lhe parecia fechada.

Depois, notou que ella estava apenas encostada e atreveu-se a empurral-a.

A nave estava deserta e escura, mas uma luz vaccilante guiou-o. Ao fundo do templo estava armada uma especie de cabana de palha.

Sim, é isso. Disseram-lhe que o Menino Jesus é tão pobresinho que nem casa tem. Se Pedro tivesse dinheiro dar-lhe-hia uma casa confortavel onde pudesse viver ao abrigo do frio... Mas Pedro é tambem tão pobre!...

O orphão não sente medo por se vêr sosinho na egreja, tão grande e tão escura. Approxima-se da *crèche* e vê o Menino Deus deitado sobre as palhas, tão lindo, com os bracinhos estendidos!... Parece olhar para o orphão... Será possivel que o conheça mesmo?... Elle, que vive no céu, dará attenção á vida de um humilde aprendiz de sapateiro, que por emquanto só sabe fazer tamancos?

Approxima-se mais, curva-se para o monte de palha, que serve de berço ao Menino Deus e estende a mão para esse ninho...

Tirou d'alli alguma cousa? Não. Elle afasta-se com as mãos vazias...

Entretanto, olha para um e outro lado, cautelosamente, como se receiasse que alguem o tivesse visto...

Mas ninguem estava na egreja naquelle momento... pelos menos, Pedro não viu alli pessôa alguma.

Então murmurou ao ouvido do Menino Deus:

— Eu volto ainda... Vou alli ao armazm e, na volta, passarei de novo por aqui.

Sahe correndo.

* * *

Duas horas depois, ouvem-se de novo passos na egreja. O Vigario, sahindo da sachristia para voltar a sua casa, que fica mesmo ao lado do templo,

Com indizivel emoção viu que seu trabalho já alli não estava

vem ainda uma vez curvar-se e orar diante da *crêche*.

Chegando junto á imagem, o bom sacerdote detem-se estupefacto. Estava tudo alli em tão perfeita ordem, que era de se jurar que ninguem estivera alli; mas o Menino Jesus tinha nos pés dous pequeninos tamancos.

Pedro é hoje um esculptor notavel

— Ora essa ! — exclamou o padre.

E, vagarosamente, como se tivesse pena de o fazer, tirou os tamanquinhos dos pés de Jesus Menino.

Examinou-os. Era um trabalho grosseiro, mas admiravel, todo ornado com arabescos engenhosos e desenhos graciosissimos, de corações e flôres.

O Vigario ia retirar-se, pensativo, quando ouviu a porta mover-se.

Occultou-se por detraz de uma columna e esperou.

Era Pedro, que voltava, ainda arquejante de ter corrido tanto.

Entrou e veiu directamente á *crêche* com um sorriso de extase illuminando-lhe todo o rosto. Mas, chegando perto, notou que seu trabalho já não estava alli.

Oh ! Porque tel-o-hiam tirado ? Porque não deixaram que o Menino Deus conservasse os tamanquinhos tão lindos, que elle fizera para lhe offerecer ?...

Foi tamanho e tão profundo o desgosto de Pedro, que, deixando cahir o embrulho das compras alli mesmo, levou as mãos ao rosto e desatou a chorar.

Então o Vigario approximou-se.

Não conhecia Pedro, porque chegára á aldeia poucos dias antes, mas não precisava de conhecer as creanças,para se sentir attrahido para ellas por uma profunda sympathia. Verdadeiro sacerdote de Jesus, discipulo de suas divinas lições, elle sabia que todas as creanças merecem amôr e carinho, todas são bôas e só serão más se não encontrarem quem as eduque.

Chegando-se á *crêche*, o padre, sem rumor, collocou novamente os sapatinhos nos pés da imagem e depois collocou a mão direita sobre um hombro do orphão.

O menino afastou as mãos do rosto e, vendo novamente Jesus calçado, sorriu. Depois, esfregou os olhos rapidamente e voltou para o vigario os olhos cheios de surpreza.

— Faz uma oração e vem conversar commigo — disse o padre.

— Uma oração?... Eu não sei rezar — disse o menino com ar inquieto, como se receiasse que o sacerdote o reprehendesse por isso.

Mas o Vigario respondeu :

— Não faz mal. Ajoelha-te e diz a Jesus o que pensas.

Pedro ajoelhou-se e murmurou :

— Menino Jesus, eu... eu gosto muito do senhor e peço-lhe que tambem goste de mim.

O Vigario, que se afastára para deixal-o á vontade,esperou que elle se levantasse e levou-o para a sachristia onde o interrogou habilmente, com muita doçura. O orphão, a principio intimidado, acabou por contar, como vivia, como tinha vivido sempre... Contava tudo naturalmente, sem se queixar como se achasse que sua vida não podia ser outra.

O padre ouvia e, de vez em quando, tossia, como se, de repente, tivesse ficado muito endefluxado.

E seus olhos estavam marejados de lagrimas, diante de tanta innocencia, de tão candida resignação no soffrimento.

*
* *

— No dia seguinte, o Vigario foi a casa do Sr. Nicoláu e teve com elle uma longa conversação.

Que podia o tamanqueiro recusar ao Sr. Vigario ? Na mesma tarde, Pedro foi morar na casa do sacerdote, com o titulo de criado.

Mas o serviço alli era raro e todo o tempo disponivel o sacerdote empregava ensinando o menino a lêr, a escrever, a contar...

Quando elle já tinha essa instrucção primaria, o padre mandou-o para uma escola, na cidade proxima.

*
* *

Hoje Pedro é um esculptor notavel e sua obra mais apreciada é uma imagem do Menino Deus, que tem a expressão da mais doce bondade.

Quanto aos tamanquinhos, o Vigario conservou-os em logar de honra em seu salão.

Amôr da Patria

Havia, ha muitos annos, numa cidade do norte, uma velhinha muito bôa, que tinha uma neta, a quem estimava muito.

Numa tarde de verão, quando o astro-rei tombava no occidente todo em fogo, a avósinha chamou a sua querida neta para contar-lhe uma historia.

A netinha, muito alegre, lançou-se nos braços de sua querida vóvó, pedindo-lhe que contasse uma historia linda, mas muito linda. A avósinha pediu a attenção da netinha e começou:

— Numa aldeia de França, na guerra de 1870, um soldado zuavo, quando teve de partir, despediu-se de seus queridos filhinhos, abraçou e beijou-os, pedindo-lhes que rezassem para que elle voltasse são e salvo.

Os filhos responderam-lhe:

— Papai, defendei a nossa querida Patria e deixai estar, que o Nosso Bom Deus, Nosso Redemptor não deixará que vós succumbais, afim de que possaes tornar a nos abraçar e continuar a nossa educação, para mais tarde podermos tambem ser uteis e defendel-a com todas as nossas forças.

Vês, minha netinha, que bellos corações os dos filhos do soldado ! Desde pequenos já pulsavam de enthusiasmo patriotico.

— Sim, vovósinha, peço-te sempre que contes historias sempre lindas, como esta.

(Estado da Bahia)

EDSON MEIRELLES

Os primeiros habitantes da America

Sempre foi preoccupação dos sabios descobrir a origem dos primeiros habitantes da America. Ultimamente o Dr. Hrdlicka, que trabalha junto ao departamento de Anthropologia Physica do Museu Nacional de Washington, e é reconhecido como uma das primeiras autoridades nesse assumpto, tendo já feito investigações nos dous hemispherios, publicou uma obra interessantissima tanto sobre os indios da America do Norte como sobre os da America do Sul.

Deixando de parte a sua origem e revendo as hypotheses dos anthropologistas do seculo XIX, parece provado que os indigenas da America, com excepção dos Eskimós, são todos provenientes de uma mesma raça do norte da Asia, provavelmente dos tartaros e mongóes.

Os mais modernos escriptores, sem excepção de um só, são unanimes em affirmar que este continente foi povoado por immigração.

Se alguns admittem a origem asiatica, outros, como Ten Kate e Rivet, parecem seguir a crença de que uma pequena parte pelo menos da população americana provem da Polynesia. Britom diz que elles aqui chegaram por via terrestre, que então se communicava com a Europa.

Uma hypothese original a proposito da origem dos primeiros habitantes da America, attribuida ao paleontologista boliviano Sr. Ameghino, que ha trinta annos a sustenta, merece uma referencia especial. Esta theoria estabelece que não só o indigena americano mas toda a raça humana teve a sua origem na America do Sul, onde se dividiu em especies, immigrando umas e extinguindo-se outras. Umas seguiram para a Africa por communicações terrestres, então existentes e lá se multiplicaram, enchendo o continente Africano e a Oceania, de onde, por sua vez, immigraram para a America do Norte e d'ahi passaram para a Asia e Europa, onde deram origem aos *Mongolicos e Caucasicos*.

E' claro que o Dr. Hrdlicka não concorda com este eminente scientista sul americano. Em relação aos Eskimós, elle explica que foram no principio considerados como de origem indigena, mas são provenientes da parte norte da Asia.

O Dr. Hrdlicka declara ser muito logico attendermos á anthropologia physica, isso é:—proporções do corpo medida pelos ossos e por esse modo se prova que:

1) Não ha evidencia acceitavel e nem mesmo probabilidade de que o homem tivesse sido originado no continente.

2) O homem não chegou á America senão depois de ter alcançado certo desenvolvimento, superior mesmo ao da edade quaternaria da Europa, e só depois de ter evoluido e se differenciado em tribus e raças.

Demais, todos os indios americanos apresentam muitos traços de semelhança com os Eskimós, traços que fazem destes um tronco especial da raça humana, como:

1) A côr da pelle. A côr da cutis do indio é differente, segundo a região em que vive, indo desde o negro amarellado até a côr de chocolate, sendo, comtudo, a predominante a côr de cobre.

2) O indio, geralmente, é destituido

Typo de moça mongol, que deve ser a raça de origem dos indigenas da America.

Typo de velha mongol.

do odôr caracteristico, sua pulsação é vagarosa e as suas marcas cerebraes quasi identicas. O tamanho da cabeça é mais ou menos o mesmo e, em geral, menor que a do homem europeu com a mesma estatura.

3) Os olhos, em regra, são castanhos, e a pupilla nos adultos é de uma côr amarello-escura, com aberturas especiaes nas differentes tribus, um tanto obliquas para cima.

Outros traços communs a todos os indigenas da America são dados em detalhe, mostrando claramente a unidade fundamental de todos os indios. A resposta á pergunta—quaes são os povos do globo, que mais se assemelham aos indios—póde ser dada sem receio. Ha um tronco da raça humana que abrange desde os brancos-amarellos até o castanho escuro, com cabellos pretos e corredios, pouca barba, corpo sem cabellos, olhos mais ou menos castanhos e obliquos, e outros traços semelhantes aos dos indios americanos, reunindo muitos sub-typos e habitando grande parte do Continente Asiatico e Polynesia.

Assim, segundo o Dr. Hrdlicka, tudo indica que a origem do indio americano deve ser procurada entre os povos côr de cobre. Não existem no mundo dous grandes ramos da raça humana, que apresentem relações mais identicas que estas. Vemos que os indios se approximam perfeitamente dos Malaios, habitantes do Tibet e norte da Asia.

Nosso album

Nossos amiguinhos Amelia e Alcides da Fonseca Outeiro, em posição de quem está dançando o "Rag-time".

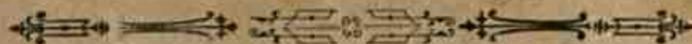
Simplicio foi ao cinema e antes de entrar consultou os preços.

Entrou e pediu ao bilheteiro:

— Dê-me uma "creança"... faz favor ?...

— Que creança ?! — perguntou o bilheteiro admirado...

— Os adultos não pagam 600 réis ? Eu quero uma "creança", que deve pagar 300 réis — respondeu Simplicio, calmamente !...

PIERROT BRANCO

O GIGANTE PROTECTOR

1) Junto a uma montanha, havia uma aldeia feliz onde o céu era sempre doce e puro e todos alli gozavam saude. Mas ninguem sabia...

2) ...que toda essa ventura era devida a um gigante que vivia seguro ao sólo entre a aldeia e a montanha. Esse gigante tinha varios braços e era mudo...

3) ...mas embora tivesse os pés enterrados no sólo, agia activamente. Quando appareciam os genios que dão as epidemias soprando ares...

4) ...envenenados, o bom gigante engulia-os sem que elles pudessem resistir á attracção de sua enorme bocca. E os dentes do gigante tinham virtudes magicas...

5) ...pois que, depois de triturar os genios maus, transformava-os em genios beneficos, que só levavam á aldeia ares perfumados.

6) Noutros momentos, o gigante deixava cahir seus cabellos rijos e seccos, que os pobres apanhavam e que lhes serviam como lenha.

7) O povo ignorava tambem que sobre a montanha proxima vivia uma terrivel feiticeira, ainda maior do que o gigante protector, que tinha por ideal.

8) ...destruir aquella aldeia. Para isso essa feiticeira fez um enorme boneco de neve e logo que appareceram os primeiros raios do sol de verão, ella com uma...

9) ...lente concentrou o calor do verão sobre esse boneco e transformou-o em um peixe regador para cobrir de agua toda a aldeia.

10) Mas o gigante estava alerta. Segurou o monstro ridiculo e bebeu toda a agua que elle continha. Só quando o viu quasi exgottado...

11) ...é que o largou. Assim, o monstro atravessou a aldeia já inoffensivo e apenas fez rir. Depois, quando o verão se tornou mais forte...

12) ...o gigante transformou toda a agua que bebera em vapor humido, que enviou á aldeia como se fosse fumaça de seu cachimbo, para refrescal-a.

(Continúa)

A LEGENDA DA ILHA DO FINGAL

1) A ilha de Staffa, na Escossia, é uma das mais curiosas do mundo. E' toda formada de columnas de basalto, tão regulares e lisas, que têm todo o aspecto dos tubos de um orgão...

2) ...sahindo verticalmente do mar e formando um circulo com uma só abertura. Os pescadores dos arredores explicam essa fórma singular com uma linda legenda.

3) Dizem elles que, ha muito tempo, havia naquelle logar uma ilha, grande e formosa, sobre a qual reinava o rei Fingal.

4) Esse rei tinha uma filha unica, a princeza *Geraldina*, moça tão formosa e prendada, que muitos pretendentes aspiravam sua mão. Mas, um bello dia...

5) ...o Genio do Fogo e o Genio do Mar, que ambos tinham poder sobre a ilha e eram muito temidos, vieram pedir a mão da princeza *Geraldina*.

6) O Genio do Fogo tinha sua morada num grande vulcão, que se erguia no centro da ilha, e que de tempos a tempos tinha terriveis explosões de colera.

7) O Genio do Mar, que dominava o Oceano circumdante, tambem tinha, por vezes accessos de furor, que erguiam as ondas com força infinita.

8) De modo que o rei Fingal, não querendo descontentar nem um nem outro, declarou a ambos que sua filha resolvera não se casar nunca. O Genio do Mar pareceu...

9) ...contentar-se com essa resposta. Mas o Genio do Fogo procurou o rei, occultamente, e disse-lhe: "Não temas o Genio do Mar. Que pode elle fazer? Despedaçar alguns navios?

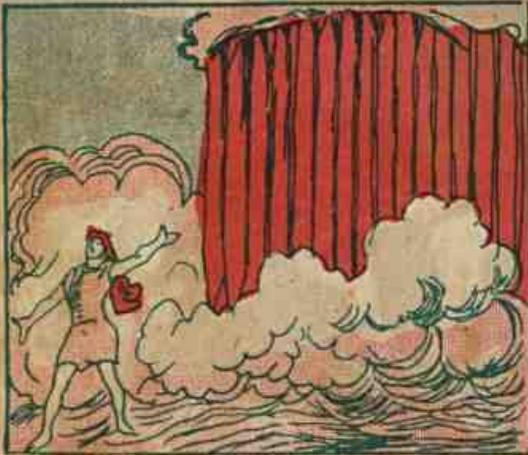
10) Para evital-o, tu podes suspender a navegação, ao passo que eu posso com a lava de meu vulcão destruir a ilha inteira. A' vista d'isso, o rei resolveu ceder...

11) ...e tambem porque *Geraldina*, que tinha horror ao Genio do Mar, dedicava o mais terno affecto ao Genio do Fogo. Ficou, porém, resolvido que não se fallaria no casamento...

12) ...emquanto não voltassem os navios que tinham ido buscar um grande orgão para a ceremonia do casamento. Mas o Genio do Mar, desconfiado, fez naufragar esses navios...

(Continúa no proximo numero)

A LEGENDA DA ILHA DO FINGAL (CONCLUSÃO)

1) Está bem — disse o Genio do Fogo — Farei surgir da terra, onde o mar nada póde, um orgão que será o maior e mais sonoro do mundo. E, estendendo a mão sobre a collina...

2) ...fez surgir do vulcão um orgão incandescente que parecia feito de brazas. — Dentro de um mez este orgão estará frio e poderemos celebrar o casamento — declarou o Genio do Fogo.

3) Mas, no dia seguinte, quando o rei quiz sahir do palacio, viu que toda a ilha estava inundada. A maré, subindo como nunca, chegára até a escadaria...

4) ...de seu palacio. E o mar continuou a subir. Em pouco toda a população corria, afflicta...

5) ...refugiando-se nos pontos mais altos. Mas o mar, silencioso e implacavel, seguia-os. Os pobres habitantes subiram para os telhados e arvores...

6) ...mas, ainda ahi foram alcançados pela agua, que acabou por cobrir toda a ilha, chegando quasi á entrada do vulcão.

7) O Genio do Fogo, desesperado, teve que se considerar vencido e refugiou-se em seus dominios subterraneos. Por fim...

8) ...só ficou visivel a uma das ondas o orgão do fogo. *Geraldina*, allucinada, dirigiu-se para elle...

9) ...e o orgão do fogo abriu-se para lhe dar refugio, formando em torno d'ella uma barreira, que o mar não podia tocar.

10) Ahi parou a inundação, mas toda a ilha desapparecera, devorada pela colera e a vingança do Genio do Mar.

11) E — dizem os pescadores ingenuos que até hoje, a alma da princeza *Geraldina* alli vive prisioneira. Essa é a legenda poetica...

12) ...e a verdade é que a gruta do *Fingal*, na ilha de Staffa, toda formada de columnas de basalto, tem o perfeito aspecto de um orgão gigantesco.

O GIGANTE PROTECTOR *(Conclusão)*

1) A feiticeira, vendo que seu primeiro plano falhara, quiz atirar-se com todo seu peso em cima da aldeia para esmagal-a...

2) Mas o gigante tomou-lhe o caminho e, embora fosse muito menor do que ella, travou combate com energia tamanha, que conseguiu...

3) ...contel-a e dominal-a, obrigando-a a cahir, extenuada e vencida, a seus pés. A gente da aldeia nada d'isso viu. Quando tudo estava tranquillo...

4) ...o gigante attrahia para suas mãos pequenos musicos alados, que enchiam o ar de canções. E elle mesmo tocava uma flauta rustica, que produzia um murmurio encantador.

5) Mas, um bella dia, appareceu na aldeia um homem que se dizia sabio e que, examinando os pés do gigante, descobriu...

6] ... um meio de tirar d'elles materia para fabricar papel. Propoz-se a montar uma fabrica na aldeia, cujos habitantes...

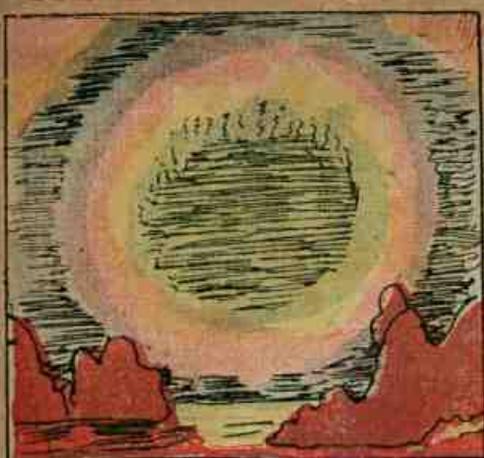
7)... ignorando que o gigante fosse uma creatura viva, ajudaram o sabio a derrubal-o para fornecer material á fabrica, que deu grandes resultados...

8) Mas, quando terminou o inverno seguinte, o monstro fabricado pela feiticeira poude chegar até á aldeia e inundou-a completamente.

9) Ainda restava um braço do gigante, que tentou salvar muita gente, mas, então, a feiticeira saltou sobre elle e esmagou-o com o seu peso.

10) Só então o povo comprehendeu a tolice, que fizera, destruindo o gigante protector. Annos depois, os poucos que se tinham salvado viram no mesmo logar...

11) ...um grande ovo de marmore de onde sahiu outro gigante um pouco menor, mas que tambem fez frente á feiticeira. Esse gigante protector ainda existe...

12) E' a floresta, que não se deve destruir, porque purifica o ar, evita as enchentes e os desmoronamentos das montanhas.

A AURORA BOREAL

1) Nas regiões polares acontece ás vezes apparecer no céu um grande circulo luminoso, que toma todas as côres do arco-iris e desapparece ao fim...

2) ... de pouco tempo. Esse phenomeno chama-se Aurora Boreal e ha sobre elle na Noruega a seguinte legenda. Conta-se que ha muitos seculos, no tempo...

3)... da conquista da Inglaterra, um grande guerreiro norueguez, o famoso Erico, tendo que partir em uma expedição, contractou casamento com a joven Hilda uma orphã de grande..

4)... belleza. Deu-lhe o annel de noivado, em presença do sacerdote e partiu declarando que ao voltar só a desposaria se ella tivesse conservado o annel, segundo o uso de...

5]... sua raça. Hilda conservou preciosamente o annel, sem notar que era observada com inveja e ciume por Sonia, outra moça da tribu, que...

6]... tambem desejava casar com Erico. Todos os dias Hilda ia á beira do mar pedir ao genio das aguas que protegesse seu noivo e Sonia pensara : — Se ella...

7).. perdesse aquelle annel, Erico não a desposaria. Mas Hilda tinha grande cuidado para não perder o annel consagrado. Então, uma noite, Sonia introduziu-se em...

8)... sua casa, roubou a preciosa joia e, correndo á floresta proxima, atirou-a no meio das arvores, certa de que a neve se encarregaria de occultal-a para sempre.

9) Hilda, despertando, deu por falta do annel e comprehendendo que elle fôra roubado, chamou seu cão, um animal de grande intelligencia, e deu-lhe a mão a cheirar...

10)... dizendo: — Busca! O cão sem hesitar dirigiu-se á casa de Sonia. — Bem — disse Hilda — foi Sonia quem roubou o annel. Mas já o cão seguira e farejando a neve...

11)... dirigiu-se para a floresta e ahi, depois de dar muitas voltas, poz-se a remexer na neve em certo logar. Procuraram ahi e encontraram a joia de noivado..

12)... que Hilda poz novamente no dedo. E Sonia, vendo-se descoberta, teve que abandonar a cidade, fugindo ao desprezo e indignação de todos.

(Conclue na pagina seguinte)

A AURORA BOREAL (FIM)

1) Agora esperava-se o regresso dos guerreiros a cada instante; então Hilda passava as horas á beira do mar, rogando aos genios das aguas protecção e bondade De repente, Sonia appareceu a...

2) ...seus pés, pedindo-lhe que a perdoasse jurando que estava arrependida. Hilda, sempre bôa, estendeu-lhe a mão esquerda, dizendo: —Não te guardo rancôr —Oh! exclamou Sonia—dá-me tuas...

3)...duas mãos para que as beije... Mas quando Hilda lhe estendeu a mão direita, Sonia arrancou-lhe o annel e atirou-o ao mar, gritando: —Agora quero vêr se são capazes de tornar a encontral-o. E fugiu para as montanhas. Acudindo aos chamados de Hilda...

4) ...vieram logo os mais peritos mergulhadores; mas em vão procuraram o annel. E o grão-sacerdote declarou: —Hilda, só poderás desposar Erico se o mar restituir o annel de...

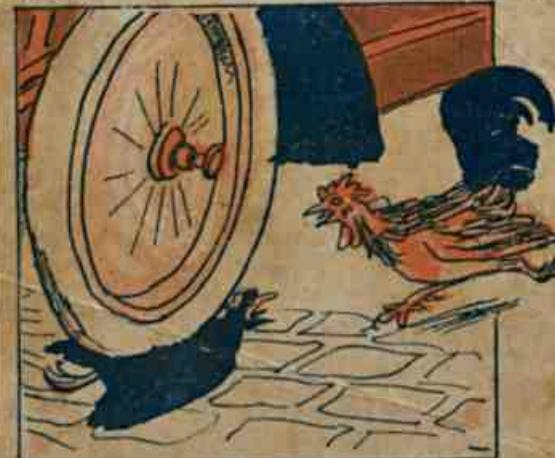
5) ...noivado. Nesse momento, appareceu ao longe a frota dos guerreiros, que voltava. E no mesmo instante surgiu no céu, como se sahisse do mar, um annel gigantesco...

6) ...luminoso! —O mar restitue o annel! —exclamaram todos. E á luz d'aquelle phenomeno maravilhoso, Erico desembarcou e foi immediatamente unido a Hilda para que a prophecia se realisasse. Essa é a legenda da Aurora Boreal, na Noruega.

AS MEMORIAS DE UM GALLO

1)—Eu fui chocado em uma grande ninhada de ovos de raça, por uma gallinha já velha mas muito cuidadosa e attenta.

2) Um bello dia, eu e todos os meus irmãos e irmãs quebrámos as cascas dos ovos e sahimos a pular e a piar pelo mundo.

3) A gallinha, muito orgulhosa por tão bella familia, criou-nos com grande carinho. Nem o cãosinho de casa podia se approximar de nós, porque ella nos defendia...

4)...valentemente. Crescemos todos muito depressa e, um bello dia, eu fui vendido no mercado juntamente com uma franga preta, muito atrevida. Levaram-nos para uma casa de familia...

5) ...que nos deixou á solta, no quintal. Um dia a franga fugiu para a rua e foi apanhada por um automovel. Eu tive com isso tal desgosto, que deixei de cantar.

6) Então, Mauricio, o menino da casa, vendo a minha tristeza, começou a tratar-me com tal meiguice que eu me tornei muito seu amigo...

(Conclue na pagina seguinte)

AS MEMORIAS DE UM GALLO (CONCLUSÃO)

1) Uma noite Mauricio me deixára dormir na cozinha e alta noite perigosos ladrões assaltaram a casa, Quando os vi pulando a janella fiz um tão grande escarcéu...

2)... que o dono da casa acordou e, armando-se com um revolver, poz os ladrões em fuga. Dias depois, Mauricio estava brincando na rua, diante de casa, quando...

3) ... um enorme urso, fugido de um circo proximo, appareceu e quiz agarrar o menino. Eu saltei-lhe á frente e dei-lhe tantas bicadas...

4] ... no focinho, que o urso acabou por fugir. Da janella de casa todos viram, o facto e reconhece ram que eu tinha, pela...

5). . segunda vez, prestado relevantes serviços. No domingo seguinte, Mauricio foi passear á beira do rio e, tendo-se distrahido, cahiu...

6) ...na agua. Eu que o acompanhára fiquei desesperado. Que fazer para salval-o? Não havia por alli pessôa alguma... Mas para ganhar tempo eu, vendo uma..

7] ... barrica alli perto, saltei sobre ella e fil-a rolar até que ella cahisse tambem no rio. Mauricio agarrou-se a ella e assim poude se manter...

8, ... á tona,emquanto eu gritava com tal furor que um jardineiro ouviu e veiu a correr com uma vara, que estendeu ao menino.

9] Mauricio segurou a vara e assim conseguiu se salvar. O facto foi conhecido e o pai...

10] ... de Mauricio, que me comprára para fazer commigo uma canja,resolveu...

11) ... conservar-me em seu quintal, como amigo da familia. E ahi está a razão porque...

12)... poderei morrer de velho e porque, emquanto vivo, sou o rei do gallinheiro...

AS HISTORIAS QUE ASSUSTAM

As historias, que mais agradam ás creanças, são as que lhes fazem medo fallando de cousas terriveis, lobos, gigantes, bandidos, feiticeiros e genios maus.

(*Vejam o texto na pagina seguinte*)

AS HISTORIAS QUE ASSUSTAM

O mau costume de distrahir as creanças, causando-lhes pavor. O caracter medonho e sanguinolento das antigas historias para creanças.

Em nosso convivio semanal e em contacto com as creanças, por intermedio do *Tico-Tico,* nunca nos cansámos de chamar attenção para os males que podem nascer do habito de assustar as creanças.

Ha muitas pessôas, homens e mulheres ou adultos, que são incapazes de entrar num quarto, no escuro. Têm medo. De quê, nem elles mesmos poderiam dizer. E' um medo sem causa, sem explicação possivel, mas a que elles não podem resistir, porque lhes foi inspirado na infancia, por mãis ou amas ingenuas que, para aquietal-os, assustavam-os, dizendo:

— Olha o bicho ! O bicho vem ahi e te come. Se você não ficar quieto eu chamo o velho que te leva no sacco !

Que bicho será esse? Que velho é esse que leva creanças ? Os pequenos nem tratam de aprofundar esse mysterio. Ouvindo taes ameaças, ficam quietos e de estar quietos acabam por ter somno e adormecem.

A mamãi ou a ama ficam muito satisfeitas com esse resultado, sem imaginar que estão estragando o systema nervoso da creança, tornando-a impressionavel e medrosa para toda a vida.

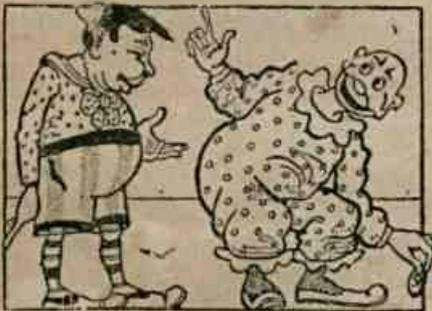
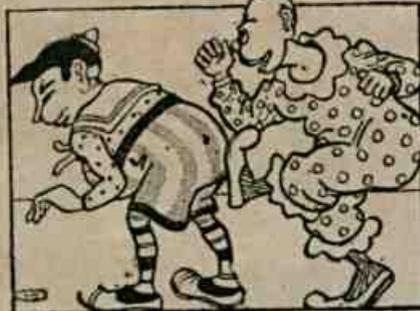
Outra cousa que muito concorre para tornar as creanças nervosas, para lhes encher a cabeça de caraminholas e pavores instinctivos, que as fazem ficar medrosas para toda a vida, é o caracter sanguinario e barbaro das historias mais commoventes, contadas a todas as creanças; essas O *Barba-Azul* e o *Capellinho Vermelho,* historias que ha um seculo são contadas a todas as creanças; essas historias são amontoadas de horrores, crueldades e injustiças.

Lembrem-se:

Capellinho Vermelho era uma menina muito bôa e muito bonitinha, que vivia com sua avó proximo a uma floresta.

Chamavam-a *Capellinho Vermelho* porque ella andava com uma capa d'essa côr com capuz. Um dia sua avó estava doente e mandou *Capellinho Vermelho* á villa proxima, fazer umas compras. No caminho a menina, tendo que atravessar a floresta, encontrou um lobo e, ingenuamente, disse-lhe que sua avó estava sósinha em casa.

O lobo foi até lá, comeu a velha e metteu-se na cama em seu logar. Quando a menina chegou viu-o e pensando ainda que era sua avó, perguntou-lhe:

O POBRE TONY (Historia de circo)

1) —Olha—disse o 1º palhaço ao 2º — Estás vendo esta prata de dous mil réis ? Pois você com ella pode ganhar muitos contos de réis. Olha só. Eu colloco-a aqui no chão e se você a apanhar sem dizer uma só palavra, ella será sua.

2) —Ora ! isso não é difficil—disse o 2º palhaço. E abaixou-se para apanhar a moeda. No mesmo instante o 1º palhaço deu-lhe um ponta-pé... por detraz—Eh! compadre ! Que é lá isso ! — exclamou o 2º palhaço.

3) —Prompto ! Você fallou; portanto perdeu a prata e tem que me pagar outra —declarou o 1º palhaço, muito satisfeito.

—Com effeito—disse o 2º palhaço ficando só—Com este plano pode-se ganhar muito dinheiro...

4) Esperem um pouco. Alli está o *Tony*. Vou lhe applicar o plano.

— Olá ! mister *Tony;* você quer vêr um meio de ganhar muito dinheiro ?

—Eu quero.

—Pois eu vou lhe ensinar. Tens ahi uma prata de dous mil reis ?

—Eu ter.

5) —Pois então, dê-m'a cá. Eu colloco no chão, assim. Se você fôr capaz de apanhal-a sem pronunciar uma só palavra, eu lhe darei outra prata. Se você disser uma só palavra essa prata ficará para mim.

6) O *Tony* abaixou-se para apanhar a prata. mas quando sentiu o ponta-pé que o 2º palhaço lhe dava... por detraz, não poude conter uma exclamação energica:

— Aoh ! que desaforo ser este com o physico de mim ?

— Isso quer dizer que você fallou e portanto perdeu a prata.

—O' vovó? —Porque está a senhora hoje com os olhos tão grandes?

—E' para vêr bem — respoudeu o lobo.

—E com uns braços tão grandes?

—E' para te abraçar bem.

—E com uma bocca tão grande!

—E' para te comer bem!

E' atirando-se sobre a menina, devorou-a.

Essa é a historia. Já se viu um amontoado maior de disparates? Onde já se viu um lobo que come uma pessôa inteira, sem deixar nem sequer signal de sangue nem ossos?... Como explicar que a menina não tivesse logo visto que não era sua avó que alli estava?

Pois então ella, que encontrára o lobo, pouco antes na floresta, não o reconheceu?

E porque acaba essa historia com a morte da pobre menina, que era tão bôa?

Tudo isso acostuma as creanças a acceitar inverosimilhanças,a admittir cousas impossiveis, sem raciocinar e, sobretudo, a tolerar cousas injustas.

A historia de *Barba Azul*, que se casava todos os annos e ao fim de alguns mezes de casado degollava as mulheres, para casar de novo, é uma cousa estupida e condemnavel, que não se devia repetir ás creanças.

E' verdade que nessa ultima historia *Barba Azul* acaba por ser castigado e isso é uma homenagem á justiça; mas, ainda assim, não é propria para creanças uma historia em que só se falla em degollamentos, manchas de sangue e outros horrores.

E' de toda a conveniencia evitar taes aventuras ao conhecimento das creanças porque é na infancia que se forma o caracter do homem.

A galante Maria Helena, de 3 annos de edade, filhinha do Sr. Ulysses Corrêa Lima e da Sra. D. Doralice Cardoso Corrêa Lima, residentes nesta capital.

Haydéa, galante filhinha do Sr. Fernando Parodi e de D. Amandina Favilla Parodi, residentes nesta capital.

O POBRE TONY (Historia de circo)

(Conclusão)

7) — Estar um plano muito engenheiro — murmurou o *Tony* — Mim vai applical-o para diante.

E vendo o 1º palhaço que voltava á pista, vestido com um longo guarda-pó, disse-lhe:

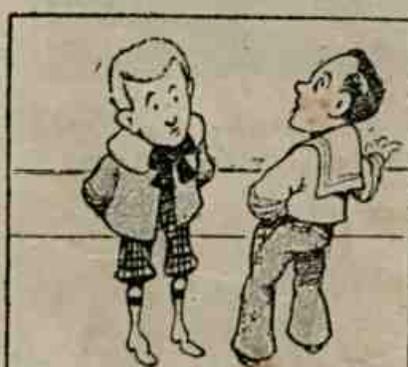
— Aoh, mister palhaça. Você estar de viagem? Mas antes de você ficar partida mim quer ensinar você meio muito engenheira de ganhar dinheira muita porção. Mim põe este prata no chão e se você apanha este prata sem dizer nenhuma cousa de nada você ganhar o prata de mim.

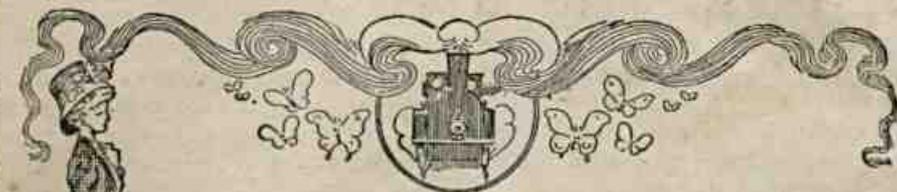
8) O palhaço abaixou-se; e o *Tony* deulhe um valente ponta-pé. Mas o 1º palhaço trazia por baixo do guarda-pó uma taboa cheia de pregos...

9) E o pobre *Tony*, alem de ficar sem a prata, ainda ficou com o pé em petição de miseria.

A SURPREZA DE VOVO'

1) Vovó sabia que s eus netinhos, ainda muito pequenos, preferiam *bonbons* a outro qualquer presente de festas mas fingiu esquecel-o e trouxe diversas outras cousas. 2) Depois reuniu os netin hos e disse-lhes:—Estão aqui os presentes de festas para vocês. Cada um de voc ês entrará por sua vez naquella sala, e escolherá o que mais lhe agradar. Assim fizeram as creanças. Entraram na sala in dicada e viram logo em logar de destaque, como o melhor presente...

3) ...um bello livro.—Ora um livro !—exclamou Julieta, livro é para estuda r. E preferindo uma boneca que estava do lado, sobre uma cadeira, apanhou-a e sahiu a correr com ella. Seus irmãos pensaram do mesmo modo. 6) Chegaram, viram o livro, acharam-o de bom aspecto mas preferiram jogos, bolas de gude...

7) ... cordas de saltar e outros br inquedos d'esse genero. Só estranhavam uma cousa: 8) Vovó tinha-se esquecido de trazer *gonbons*. Era uma pena. 9) Entretanto, Mauricio, o netinho mais velho, que gostava de lêr, preferira o livro, approximou-se...

10) ...abriu-o e viu que era uma caixa de excellentes *bonbons*, com uma carta que dizia assim: 11) — Livros te darei quantos quizeres. E estes *bonbons* são para o unico que soube escolher o melhor presente. 12) Mas Mauricio, além de intelligente, era bom camarada e dividiu seus *bonbons* com os irmãosinhos.

O SACCO DE COURO

Bem montado em seu burrinho assobiando alegremente, todo pachóla, com seu vestuario dos domingos, tio Matheus, o joalheiro ambulante, ia pela estrada que, ligando uma villa a outra, passa atravez de rochas e torrentes pela montanha e vai até o castello de Torres Negras.

Em um sacco de couro pendurado ao lado da sella, elle levava joias magnificas para que a senhorita Ulli, filha do conde de Torres Negras, escolhesse os brindes de seu noivado, que se devia realisar no dia seguinte e no cinto o joalheiro levava duas boas pistolas para se livrar dos ladrões, que por acaso tentassem assaltal-o pelo caminho.

Não era de mais aquella precaução porque alli, naquellas joias, estava toda a fortuna do negociante.

E o tio Matheus, assobiando, embalado pelo trote largo do burrinho, ia fazendo calculos de sua fortuna. Com a venda d'aquellas joias á filha do riquissimo fidalgo, elle poderia comprar terras e deixar aquella vida agitada e perigosa de ambulante, fazer-se fazendeiro, installar uma joalheria numa cidade...

De repente, todos esses lindos planos foram interrompidos por um incidente. O burrinho detivera-se subitamente, com as orelhas em pé e olhando para diante, o joalheiro viu toda a estrada coberta d'agua.

— O rio transbordou— murmurou elle. E fazendo o burro voltar, subiu pela margem procurando um logar em que o rio fosse mais estreito, para atravessal-o.

O bom animal encorajado pela voz de seu dono adiantou-se pela agua; mas, de repente, faltou-lhe o pé e elle desappareceu.

Tio Matheus, horrorisado, sentiu-se mergulhar; a principio até o pescoço apenas; depois mergulhou mais, sua cabeça ia já desapparecer sob a agua, quando um camponez, tendo visto o accidente, do campo que lavrava, correu em seu auxilio, atirou-lhe uma corda e com grande esforços conseguiu puxal-o para terreno secco.

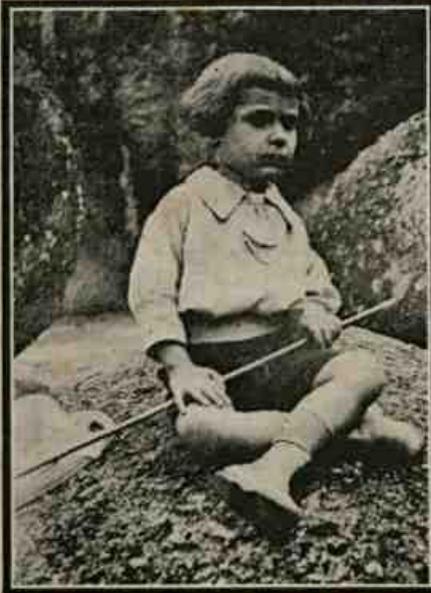
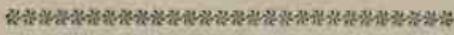
Mas o joalheiro desmaiara. Eil-o estendido na relva, sem sentidos, com a roupa enxarcada e a face tão pallida que parecia a de um morto. O camponez afastou-se a correr e voltou logo depois, trazendo o cavallo que desatrellára da charrúa. Collocou o joalheiro desmaiado sobre o lombo do animal, amarrou-o para que não cahisse e assim o levou atravez dos campos.

Chegando a sua casa, o camponez, que se chamava Simplicio e sua mulher Thereza empregaram todos os meios conhecidos para fazer com que o tio Matheus voltasse a si.

Tiraram-lhe a roupa molhada, vestiram-lhe uma bôa camisa de lã, puzeram-o no leito macio, deram-lhe a

Meu sacco! — exclamou tio Matheus sentando-se no leito

— Eu vou mas é dar queixa á policia! — declarou o joalheiro

Album do Almanach do Tico-Tico

Attilio, estremecido filhinho do Sr. Alzir Cardoso e da Sra. D. Carolina Martins Cardoso, residente nesta capital e que completou o seu 4° anniversario no dia 8 de Dezembro. Apezar de traquinas, sabe estar sério nos momentos solemnes, como o da "pose" para a presente photographia.

cheirar vinagre, bateram-lhe nas mãos, sacudiram-o com energia...

Por fim, quando os salvadores já começavam a desanimar de vêl-o voltar á vida, o joalheiro, abriu os olhos, moveu a cabeça e espirrou.

—Ora, graças a Deus!—exclamou o camponez, satisfeitisimo por vêr coroada de exito sua bôa e dedicada acção.

Thereza apressou-se a trazer uma tigela cheia de leite quente, que Simplicio encostou aos labios de Matheus, e este bebeu, sem consciencia do que fazia.

Mas, immediatamente, suas faces recobraram as côres, suas mãos agitaram-se, na alegria de voltar á vida.

Comtudo, sua primeira ideia voltou-se logo para sua fortuna e, sentando-se no leito, o joalheiro perguntou com ar muito aflicto:

— E meu sacco ?

— Que sacco?—perguntou o camponez, attonito com a pergunta.

— Um sacco de couro que eu trazia preso á sella e que segurei energicamente no momento em que mergulhava.

— Eu não vi sacco algum — declarou Simplicio.

O joalhheiro saltou do leito e correu a examinar a sua roupa, sacudindo peça por peça, para vêr se encontrava o precioso sacco alli occulto.

— Então foi para o fundo do rio com o burro.

— Que ? — exclamou Matheus, horrorisado. O burro mergulhou ?

— Não lhe vi nem signal e olhe que mesmo ao senhor não foi sem custo que tirei da agua.

—Mas não viu o sacco?... um sacco de couro, grande e pesado. Eu o trazia na mão...

— Não vimos . — declarou Thereza.

— Não é possivel! — exclamou o joalheiro indignado — vocês são uns ladrões... Com essa historia de me salvar, aproveitaram-se de estar eu desmaiado e roubaram meu sacco.

Ora essa ! — exclamou Simplicio.

— Sim, continuou tio Mathues, cada vez mais furioso — Vocês viram o sacco, mas esconderam-o, enterraram-o, talvez.

— Venho pedir-lhes perdão — disse-lhes o joalheiro

— Mas eu affirmo-lhe que não vi o sacco — protestou o camponez.

O joalheiro porém não lhe dava ouvidos. Vestindo sua roupa, mesmo molhhada como estava, dizia:

— Não fico mais nem um instante nesta casa, que mais parece uma caverna de salteadores.

Entrei aqui rico o saio d'aqui mais pobre do que nunca. Bandidos!

Thereza, ouvindo taes palavras, desatou a chorar e Simplicio, perdendo a cabeça, declarou :

— O' mal agradecido. Agora sou eu que lhe digo : Ponha-se lá fóra, senão eu seguro-o pela pelle do pescoço e vou atiral-o no mesmo logar em que o encontrei.

— Eu vou mas é dar queixa á policia — disse o joalheiro.

E sahiu, batendo furiosamente com a porta.

Aterrados e humilhados com tamanha vergonha, os dous camponezes ficaram sem saber que pensar,

Diante da segurança com que tio Matheus affirmava ter sahido da agua com o sacco na mão, elles acabaram por desconfiar um do outro.

— Provavelmente — pensava o Simplicio — foi Thereza quem teve uma tentação e occultou o sacco por ahi, e agora não o quer dizer para que eu não me zangue.

E Thereza por sua vez pensava:

— Vão ver que o Simplicio se deixou tentar pela fortuna, escondeu o sacco e agora não o quer dizer com vergonha.

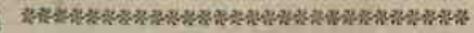
Essa casa, antes tão alegre e feliz, tornou-se sombria e desolada, apoz a passagem do joalheiro.

Trabalhando de máu humor, o camponez começou a vêr todos os seus negocios correrem mal. Seu rebanho foi atacado pela peste e morreu quasi todo; a sementeira foi destruida por um granizo muito forte, e condemnou-o a ficar sem colheita um anno inteiro.

O Simplicio individou-se, teve que vender seu cavallo e alguns moveis para viver.

Estava elle assim, na maior miseria, quando houve uma grande secca e as aguas do rio minguaram a ponto de deixar uma parte do fundo descoberta.

Um dia, o camponez, tentando pescar á beira do rio, ia-se enterrando no lôdo da margem, e forçando para se levantar, sua mão encontrou no fundo do lôdo uma correia.

Instinctivamente puxou-a e viu apparecer um sacco de couro muito sujo dos limos.

Chupaulho Teixeira, galante filhinho do Sr. Abilio Teixeira e D. Aida Teixeira, residente em Nictheroy.

Simplicio levou-o para casa, limpou-o, abriu-o e viu que elle estava cheio de joias.

— Vê, mulher — disse elle a Thereza — Aqui está o sacco que o joalheiro julgou ter sido roubado por nós. Encontrei-o agora no rio.

— Que felicidade ! — exclamou a mulher — Assim, quando elle apparecer, nós poderemos provar que somos creaturas honestas.

Mas, onde andaria agora tio Matheus ? Elle nunca mais tinha apparecido por alli.

Appareceu um bello dia, cerca de um mez depois do encontro do sacco.

A porta abiu-se de repente e elle entrou.

Thereza adoecera com os soffrimentos e estava deitada num colchão, sobre o lagedo, porque até a cama o infeliz camponez havia vendido.

Tio Matheus, muito ommovido, disse :

—Eu venho pedir-lhes perdão. Sahi d'aqui convencido de que os senhores me haviam roubado; mas ha dias tive noticia da miseria em que estavam vivendo e comprehendi então que me enganára.

— Porque ? — perguntou o camponez.

— Porque se o senhor tivesse roubado minhas joias não estaria pobre.

— Nunca fui ladrão — disse Simplicio.

— Agora eu o acredito — disse o joalheiro — Uma pessôa que tivesse em casa um sacco cheio de joias não estaria soffrendo tantas necessidades.

— Ah ! — exclamou Simpilcio — Então o senhor pensa que se eu tivesse aqui suas joias não me sujeitaria á miseria ? Pois olhe, aqui tem seu sacco. Acheio-o ha um mez no fundo do rio, descoberto pela sêcca. Póde verificar. Não toquei em uma só joia.

O joalheio ficou estupefacto. Semelhante prova de honradez deixava-o deslumbrado.

E, segurando as duas mãos do camponez, elle disse :

— Ouça ! Arrependido por o ter julgado mal, eu, que consegui reconstituir uma parte da minha fortuna, vinha trazer-lhe um pequeno auxilio. Mas, á vista do que o senhor fez, proponho-lhe uma outra cousa. Vamos dividir ao meio essa fortuna com que eu não contava mais. E ainda lhe peço um grande favor. Que me considere seu amigo. Eu quero ter o orgulho de ser amigo de um homem de bem como o senhor.

Assim se fez. Simplicio acceitou metade das joias e é hoje o mais rico fazendeiro d'aquella região.

O interessante João, filho do Sr. Oscar Joaquim Madruga e D. Emilia Ferreira Madruga, residentes em Madureira.

As nossas escolas

Alumnos e alumnas da escola "Medeiros de Albuquerque", por occasião do encerramento das aulas, "posando", especialmente para "O Tico-Tico"

PEQUENAS CAUSAS... GRANDES EFFEITOS

1) O rei Benicio era o homem mais pachorrento d'este mundo. So tinha um desejo: — viver em paz e tranquillidade. Mas seu vizinho, o rei Severiano, era um...

2)... soberano de máu genio que, por qualquer cousa, se irritava. Um dia, tendo surgido uma duvida a proposito dos limites entre os dous reinos...

3)... o rei Severiano mandou um embaixador procurar seu vizinho. Ora aconteceu que, exactamente nesse dia..

4)... estando o rei Benicio a passear, levantou-se um pé de vento, que atirou um grão de poeira...

5)... ao olho direito do rei. E estava o soberano muito afflicto, sentindo uma dôr medonha, quando o embaixador se...

6)... apresentou diante d'elle, pedindo uma audiencia. O rei, sem ver quem lhe fallava, respondeu: —Deixe-me, senhor ...

7)... agora não o posso attender. O embaixador voltou e declarou ao rei Severiano que Benicio declarou não poder attendel-o.

8)— Que? Elle recusa attender-me? Pois vou lhe mandar esta declaração de guerra.

9) Entretanto o rei Benicio, voltando ao palacio, lavára os olhos e estava muito socegado, quando recebeu a declaração..

10)... de guerra enviada pelo rei Severiano. Sem mais demora, sahiu a correr e foi procurar seu collega. Ahi explicou — O' homem! Eu disse que não podia ...

11)... attender seu embaixador, porque estava com um grão de poeira no meu olho. E' possivel que, por causa de um grão de poeira...

12) ... haja uma guerra? O outro concordou em que isso seria uma tolice. E tudo se resolveu de modo a continuar o rei Benicio em paz ...

O MELHOR TALISMAN

1) O reino do Montenegro era, ha muitos seculos, desolado por trez flagellos terriveis: um leão que devorava todos os rebanhos...

2) ...uma torrente, que, no inicio de cada primavera, transbordava arrazando campos e aldeias...

3) ...e uma quadrilha de salteadores, que assaltava todos os viajantes e era tão bem armada, que ninguem conseguia dominar. Um dia...

4) ...o rei do Montenegro declarou que daria em casamento, sua filha unica, a linda princeza Heloisa, a quem libertasse o paiz d'aquelles trez flagellos.

5) Ora, a princeza tinha grande affeição ao joven pastor Agilberto e desejou que fosse elle o heróe esperado, para ser sua esposa. Mas, como poderia Agilberto...

6) ... vencer os trez terriveis flagellos? Elle era um rapaz robusto e dotado de excellentes qualidades, mas tão timido que tudo lhe parecia superior ás suas forças.

7) Mas a princeza Heloisa teve uma ideia. Disfarçou-se com um grande veu e, um bello dia, appareceu ao pastor, na floresta, dizendo-lhe: —Eu sou uma fada...

8) ...recebe esta moeda antiga, que é um talisman poderossimo, com elle tudo quanto tentares, por mais difficil e arriscado que seja, terá bom...

9) ...exito. E desappareceu. O pastor guardou a moeda que lhe era desconhecida e como tambem tinha affeição á princeza, embora nunca se atrevesse a fallar...

10) ...resolveu tentar as aventuras, que deviam ter como recompensa a mão de Heloisa. Fiado no poder do talisman, armou-se com largo punhal e foi procurar o leão em sua...

11) ... propria caverna. A fera precipitou-se sobre elle, mas Agilberto, tendo na mão esquerda o talisman que fechara em um saquinho para maior segurança, esperou-o a pé firme.

12) Horas depois, elle se apresentava ao rei, levando a cabeça do leão. E como todos admirassem sua façanha, elle attribuiu todo o merito ao talisman

(Continua)

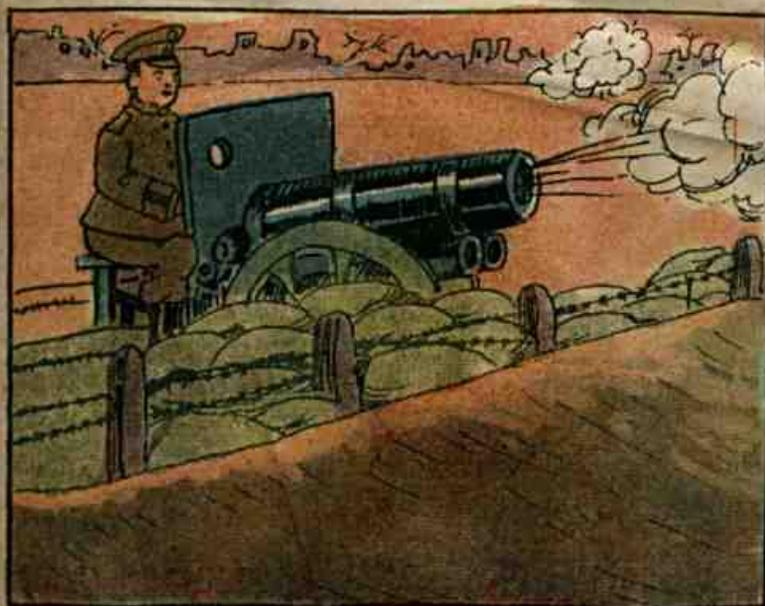
RESISTINDO A'S INTEMPERIES DA VIDA

1) Licio andava na mão de varios medicos, sempre doente, anemico e manhoso. Seus pais viviam tristes por verem seu querido filho definhar, dia a dia. Até que uma nova ama, pratica em cuidar de creanças, resolveu dar-lhe **Chocolate Falchi**.

2) Foi como um milagre! O menino melhorou rapidamente e em pouco tempo frequentava a escola, resistindo ao sol e á chuva.

O **Chocolate Falchi**, é, pois, milagroso!

3) Já rapazinho troçava dos que não gosavam saude, como elle, e aconselhava aos seus camaradas que não fizessem uso de drogas e sim do **Chocolate Falchi**.

4) Tão for[illegible]te se viu um dia com a continuação do seu [illegible] regimen alimenticio, que se sentiu capaz para [illegible] voluntariamente defender a Patria, neste momento em que ella precisa de homens robustos.

5) Eil-o, graças ao **Chocolate Falchi**, valente e resistente, na sua saude, a combater os inimigos de sua Patria, sem receio de enfraquecer na luta.

6) E por tantos feitos heroicos, motivados por sua resistencia physica, acaba de ser condecorado com a medalha de Bom Senso por haver sabido tomar os conselhos da intelligente creatura que o fez tomar o **Chocolate Falchi**.

Imitem-no!

1) Na noite do crime haviam sido vistos trez vultos perto do muro do palacete de D. Gansa.

2) A Avestruz, que tambem os vira, descobriu que eram lobos. E foi avisar a amiga...

3) D. Gansa correu logo á policia e communicou o facto ao delegado Dr. Bulldog.

4) O delegado disse-lhe:
— Vou pôr a sua disposição dois dos meus melhores agentes.

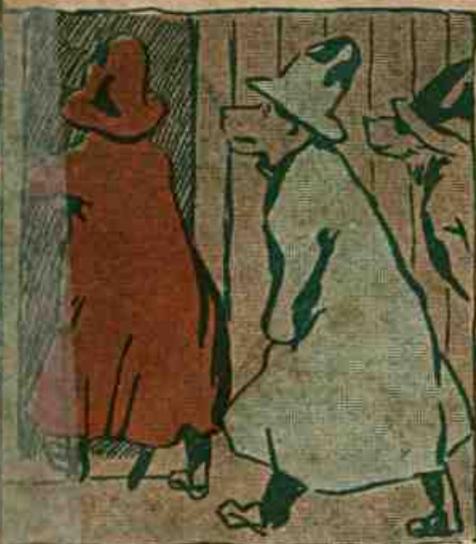
5) Foram escolhidos para as deligencias os agentes Faro Certo e o Trinca Pernas, que entraram logo em actividade, acompanhados da queixosa.

6) A' noite, em certo ponto, viram quatro vultos suspeitos.

7) — São elles! exclamou D. Gansa: Seguiram-n'os e verificaram que os vultos foram á casa do Sr. Peru, falando á porta com D. Perua.

8) Viram que D. Perua foi buscar umas pedrinhas pretas que deu aos lobos.
— São as minhas perolas! disse D. Gansa.

9) — Aquella ladra entregou-as aos lobos para que as vendam ou as escondam no matto... São as minhas perolas! Reconheci-as!

10) Os lobos tomaram o caminho da floresta. Passando pela casa dos Gansos, Trinca Pernas chamou a Gansinha Branca e a Sabichona, [illegible] gansa professora [illegible].

O COLLAR DE
11) Seguiram todos os lobos, que pararam deante de uma casa pobre e abandonada, onde depois entraram:
— Vão dividir as pedras ou dormir...
12) Faro Certo e Trinca Pernas combinaram o plano a adoptar. Não poderiam atacar de frente os ladrões. Trinca Pernas foi pedir o auxilio de macacos, cabras e coelhos.
13) Emquanto isso a Sabichona, a conselho de Faro Certo, voou sobre a casa, a espreitar pelas telhas.
— Estão contando as pedras! disse. São mesmo as do collar!
14) Faro Certo reuniu bom pessoal. Nada menos de quarenta bichos.
— Cerquemos a casa e entremos!
15) Faro Certo empurrou a porta e entrou.
Lá estavam quatro lobos — mas magros e fracos que faziam pena.
— Entreguem-nos o collar que roubaram! bradou.
16) — As minhas pedras preciosas! accrescentou D. Gansa
O lobo principal desatou a rir:
—Isto? Veja que são azeitonas que em casa dos Perús me deram para a ceia...
17) — Azeitonas!
apanhando-as,
todas sobre
a filha e a profes-
18) D. Gansa ficou com um dos olhos
19) Os agentes de policia,
dos, disseram-lhe cousas amargas.

LACTA
O MELHOR CHOCOLATE
O minha mãi do céu ! Se esta alma te idolatra
Com santa devoção e amôr profundo
E' porque eu uso o chocolate LACTA
O mais suave, o mais puro e o melhor do mundo

LEITURA PARA TODOS
E' o mais completo,
o mais luxuoso,
o melhor dos magazines
que se publicam no Brasil.
Apparece nos principios de
cada mez.
Preço 1$500

mais alto que fosse, alcançaria eu o
DYNAMOGENOL
o tonico magnifico que resume em si as tres grandes verdades
FORÇA!
SAUDE!
VIGOR!
O Dynamogenol é indispensavel não só ás crianças como tambem a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: litteratos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros.
O Dynamogenol é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:
Tuberculose - Anemia - Chloro anemia - Fadiga cerebral - Nervosismo - Vertigens - Bronchites-chronicas - Pallidez - Insomnia - Paludismo - Convalescença - Magreza - Dores de cabeça - Falta de appetite - Fadiga geral - Má digestões, etc.
DYNAMOGENOL
VENDE-SE EM TODO O MUNDO!
Deposito - Rua Sete de Setembro, 186 - Rio de Janeiro
As parturientes não devem nunca deixar de tomar o DYNAMOGENOL durante a gestação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphatos graças a esta inegualavel preparação — Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagem que uma duzia de garrafas de Agua Ingleza.
VINHO GUARANY DE MARINHO
PEITORAL DE MARINHO